

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

PAULA SILVA PORFÍRIO

**AHHIYAWA:
INVESTIGAÇÕES SOBRE A POSIÇÃO DA GRÉCIA NO SISTEMA
INTERNACIONAL DA IDADE DO BRONZE**

MONOGRAFIA

GOIÂNIA,
2023

PAULA SILVA PORFÍRIO

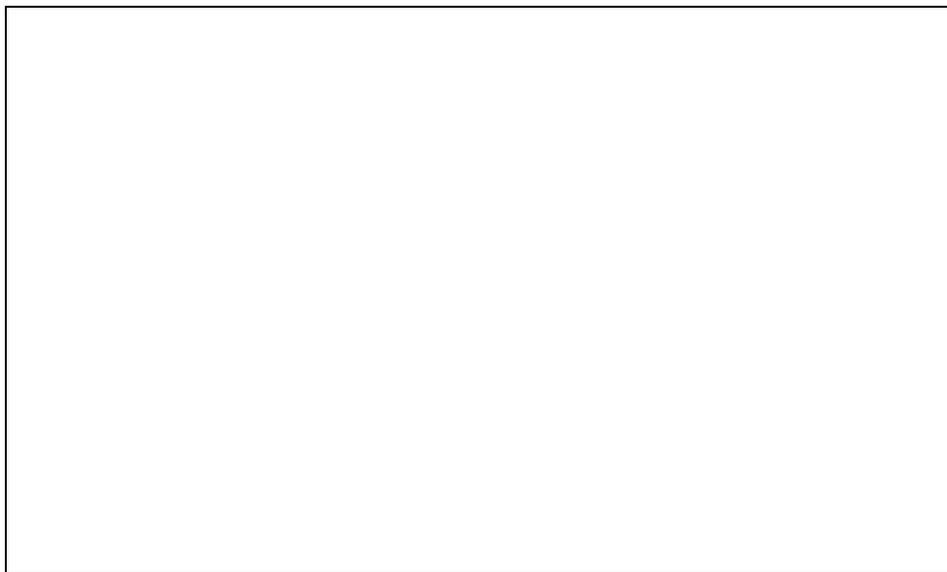
**AHHIYAWA:
INVESTIGAÇÕES SOBRE A POSIÇÃO DA GRÉCIA NO SISTEMA
INTERNACIONAL DA IDADE DO BRONZE**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado à Coordenação de Pesquisa do Curso de Licenciatura em História da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Professora Licenciada em História / **Historiadora**, conforme a Lei 14.038 de 2020.

Orientador: Prof. Me. Ivan Vieira Neto

GOIÂNIA,
2023

Espaço reservado para inserção da ficha catalográfica.





PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA
COORDENAÇÃO DE PESQUISA

Monografia nº _____ Semestralidade 2017-1

Autor(a): _____

Título: _____

TERMO DE APROVAÇÃO

O trabalho foi apresentado durante a **V Semana Científica de História**, realizada entre 19 e 23 de Junho de 2017, conforme as “Normas de Monografia” da Coordenação de Pesquisa em História, instituídas pela Coordenação de História por intermédio do Ato Próprio Normativo nº 001/2017. O(a) candidato(a) foi arguido(a) pelos(as) docentes nomeados(as) abaixo e seu trabalho de conclusão de curso, requisito parcial para a obtenção do título de Professor(a) Licenciado(a) em História, considerado _____.

(Aprovado, aprovado com ressalvas ou reprovado).

Goiânia, _____ de _____ de 2020.

Prof(a).: _____ Prof(a).: _____

Prof(a).: _____, orientador(a) e presidente da banca.

Visto da Coordenação de Pesquisa em História

À Fátima e Gesner.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho foi, sem dúvidas, um momento de muito anseio e realizações. Não posso, portanto, deixar de ressaltar que foram muitas as pessoas que me ajudaram neste percurso. Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à Coordenação e a todo o colegiado de História da Escola de Formação de Professores e Humanidades da PUC Goiás, pela formação séria e transformadora durante o curso. Agradeço também aos incentivos à pesquisa e estudo que obtive por meio de bolsas, como a Bolsa de Iniciação Científica (BIC), concedidas durante a graduação. Não poderia deixar de agradecer ao Grupo de Estudos do Mundo Antigo (GEMUNA), por todas as contribuições à minha trajetória acadêmica.

Quero agradecer com muito carinho e admiração ao professor Ivan Vieira Neto pelo trabalho inspirador que sempre fez. Obrigada por todas as orientações, conselhos e apoio dado durante este momento. Recordarei com muita afeição todas as memórias boas que a ti pertencem.

Agradeço imensamente à banca, composta pelas professoras Aline Dias e Priscila Scoville. Obrigada pelo aceite e pelas considerações que foram fundamentais para o amadurecimento da pesquisa. Foi com muita felicidade que as conheci e tive a honra de tê-las presentes neste momento.

Obrigada a todos os meus amigos e colegas que conheci durante o curso, especialmente Thercyo, Sarah e Wemerson, que estiveram comigo desde o começo. Também quero agradecer ao Walisson por todo o amor, apoio e companheirismo.

Agradeço a toda minha família, especialmente aos meus pais, Fátima e Gesner, vocês são grandes inspirações.

Transformando-se, repousa.

Heráclito de Éfeso.

RESUMO

A presença de um espaço de conexão e integração no mundo antigo torna-se evidente por meio do estudo das cartas diplomáticas trocadas entre os reis da Idade do Bronze Antiga. Esse cenário apresenta dinâmicas complexas, com a presença de um sistema guiado pela presença de grandes unidades políticas que coexistiam com uma diversidade de reinos e configurações políticas. A presença de conflitos entre os antigos impérios da Idade do Bronze Antiga marca uma característica importante dessa dinâmica que articula de maneira tênue a relação entre os anseios expansionistas e a diplomacia para a resolução desses confrontos. Optamos pela reflexão teórico-metodológica da História Global enquanto abordagem que orienta e move nossas problematizações, utilizando os conceitos de integração, de Sebastian Conrad e sistema-mundo, de Immanuel Wallerstein. É sob esta conjuntura que a pesquisa analisa as relações entre hititas e gregos micênicos, sob a égide das cartas diplomáticas hititas e suas menções à palavra Ahhiyawa identificada aos micênicos.

Palavras-chave: Idade do Bronze, Cartas diplomáticas, Ahhiyawa.

ABSTRACT

The presence of a space of connection and integration in the ancient world becomes evident through the study of diplomatic letters exchanged between the kings of the Early Bronze Age. This scenario presents complex dynamics, with the presence of a system guided by large political units coexisting with a diversity of kingdoms and political configurations. The existence of conflicts between the ancient empires of the Early Bronze Age highlights an important characteristic of this dynamic, which tenuously articulates the relationship between expansionist aspirations and diplomacy for the resolution of these confrontations. We have chosen the theoretical-methodological reflection of Global History as an approach that guides and informs our inquiries, utilizing the concepts of integration by Sebastian Conrad and world-system by Immanuel Wallerstein. It is within this context that the research analyzes the relations between the Hittites and the Mycenaean Greeks, with a focus on Hittite diplomatic letters and their references to the term Ahhiyawa, associated with the Mycenaeans.

Palavras-chave: Bronze Age, Diplomatic letters, Ahhiyawa.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa da Grécia Micênica em 1400-1200 aEC.	41
Figura 2 - Idade do bronze na Anatólia, Síria e Mesopotâmia	67

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1  - O MEDITERRÂNEO ORIENTAL E SUAS RELAÇÕES POLÍTICAS.....	17
1.1 Idade do Bronze: o sistema e seus atores.....	22
1.2 Controvérsias e problemáticas no cenário internacional	28
1.2.1 As discussões no cenário brasileiro: <i>Ahhiyawa, Alashiya e Tanaja</i>	32
2  - NEGÓCIOS EXTERIORES E RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS NO BRONZE ANTIGO.....	35
2.1 O entrave da teoria do Sistema Mundo para a Antiguidade.....	41
2.2 Síntese econômica: o colapso da Idade do Bronze.....	46
2.3 Políticas que circundam: Anatólia e Egito.....	47
2.3.1 A prática da diplomacia na Idade do Bronze.....	52
3  - INTEGRAÇÃO NA ERA DO BRONZE E O ESPAÇO DISPUTADO POR AHHIYAWA.....	54
3.1 Papéis das guerras nas Antiguidades longínquas.....	55
3.1.1 A Guerra de Troia.....	57
3.2 Ahhiyawa: uma força disruptiva nas insurreições anti-hititas.....	63
3.2.1 A acusação de Madduwatta (AhT 3)	63
3.2.2 As excursões de Mursili II (AhT 1A, AhT 1B).....	65
3.2.3 Carta de Hattusili III (ou Mursili II) para um rei de Ahhiyawa (AhT 9).....	69
3.2.4 Carta do rei de Ahhiyawa para o rei de Hatti (AhT 6).....	72
3.2.5 Carta de Tawagalawa: Hattusili III para um rei de Ahhiyawa (AhT 4).....	73
3.2.6 Carta de Milawata (AhT 5).....	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
REFERÊNCIAS.....	80

INTRODUÇÃO

Os povos do antigo Levante, Mediterrâneo Oriental e Norte da África mantiveram relações diplomáticas, comerciais e culturais frequentes com os do mundo Egeu. Esses movimentos podem ser percebidos em diferentes suportes, principalmente vestígios oriundos da cultura material, como cerâmicas, estatuetas, edifícios, pinturas reencontradas desde as excursões arqueológicas do século XIX. Além disso, há dentre as possíveis fontes para o estudo dessa interconectividade no mundo antigo aquelas que contém registros escritos, presentes em tabletes e tabuinhas escritas em cuneiforme. Essas fontes refletiam diferentes aspectos sociais, destacando-se as cartas diplomáticas. A Idade do Bronze é o cenário em que estes contatos ocorreram e o contexto que nos permite analisar a existência de um sistema internacional¹ integrado entre os antigos impérios do Mediterrâneo Oriental e Levante.

Como desenvolvemos nesta pesquisa, na diversidade de unidades políticas indo desde a Babilônia à cidade de Hattuša e até os territórios dos gregos micênicos “os meios de comunicação foram essenciais para a manutenção do controle político e militar de um grupo sobre territórios e para o desenvolvimento de trocas internacionais que proporcionaram a prosperidade de reinos”². É nesse cenário de caráter que objetivamos investigar as relações diplomáticas entre os governantes hititas com aqueles do mundo micênico, a partir das menções à palavra “Ahhiyawa” dos textos hititas ao final da Idade do Bronze. As cartas nos apresentam preocupações dos reis em seguir seus protocolos ao estabelecerem ou romperem alianças, em contextos de conflitos intensos. Evidentemente trazem perspectivas vistas de cima, a partir da lógica real, e contêm suas intencionalidades próprias³.

¹ Reconhecemos que o uso do termo “internacional” apresenta a princípio uma descontinuidade com a lógica da Antiguidade, possuindo relação com os Estados Nação e a construção de um sistema Moderno. No entanto, fizemos a utilização tendo em vista que as dinâmicas políticas da Idade do Bronze, investigadas aqui, excediam os limites territoriais e fronteiriços dos reinos para distâncias mais longínquas que aquelas em que suas fronteiras se mesclavam. Configuraram uma posição estratégica que interliga as mais remotas regiões, sendo localidades interdependentes que possuíam as proporções necessárias para definir rumos políticos e econômicos numa escala global.

² BRYCE, Trevor. *Letters of the great kings of the ancient Near East: The royal correspondence of the late Bronze Age*. Routledge, 2004. p. 1-6.

³ *Ibid.*, p. 4.

Ainda na Idade do Bronze, coexistiu com os Grandes Impérios, um reino que, em textos hititas do século XV ao XII aEC foi designado como Ahhiyawa, e, na materialidade egípcia, como Tanaja. Há ainda as referências ao termo “Alashiya” que corresponde a Chipre, outro partícipe do sistema. Ao serem descobertos, decifrados e traduzidos, logo colocou-se uma problemática dentro do cenário acadêmico: a indagação se, de fato, o reino de Ahhiyawa existiu, e a quem e a onde se referia. Tal problemática ficou conhecida no meio acadêmico como “Questão Ahhiyawa”, e, desde o deciframento dos textos hititas, ficou em aberto, dando espaço a diversas hipóteses. No entanto, existe hoje um consenso bibliográfico que defende a asserção de que Ahhiyawa nos textos hititas referia-se aos gregos micênicos. Dessa forma, esse reino, assim como os reinos egípcio, assírio e hitita, participou do sistema da Idade do Bronze.

A partir disso, percebemos que o sistema internacional se trata de um complexo conglomerado de redes que muitas vezes se integravam de forma conflituosa. Nesse sentido, entende-se como ponto de partida da pesquisa, a seguinte questão: de que forma se caracterizam as relações sociais, políticas e econômicas entre o reino de Ahhiyawa (gregos micênicos) e o Império Hitita, enfatizando os acontecimentos de 1400-1200? É importante destacar que as relações entre os impérios são diversas e não se limitam a apenas um estágio de amistosidade ou conflituosidade. A guerra, nesse contexto, ocupa um espaço importante para a compreensão da problemática estabelecida, sendo parte marcante de como as sociedades antigas se relacionavam e organizavam.

Sobre o Império Hitita, é perceptível o uso da força como um componente de sua organização interna, uma vez que o reino se expandia a partir da prática de vassalagem. Os vassalos eram submetidos a diversas ordens, não podiam criar rivalidades entre si e tampouco alianças. Tudo passava pelo crivo do Império Hitita que, quando necessário, resolvia conflitos recorrendo ao uso da força. Assim, os hititas não apenas controlavam as relações entre seu império e seus vassalos, mas também intermediavam as relações dos próprios vassalos entre si.

Há momentos, nas cartas, em que são proferidas maldições e promessas, que guiam os acordos conforme o cumprimento ou desobediência das partes. Nesse caso, os acordos são feitos pela autoridade hitita e, portanto, tratavam-se de relações unilaterais. No entanto, quando mencionam Ahhiyawa, percebe-se o uso da

diplomacia e uma tentativa de resolução dos conflitos. Além disso, Ahhiyawa não fazia parte dos territórios vassallos do Império Hitita e, assim, demonstrava-se uma unidade política expressiva. O poder aqui seria exercido a partir de uma maior capacidade militar hitita, que subjuguou diversos territórios. As condições para iniciar um conflito seguem o descumprimento de qualquer ponto dos acordos e tratados. Porém, há casos específicos, como o de Manapa-Tarhunta⁴, em que há flexibilidade da punição (conflito direto) em um momento de compaixão por parte do rei hitita.

Neste cenário, coexistem sociedades fronteiriças, centros e periferias, em uma gama complexa de relações. Para tanto, há de se discutir a questão da dominação e do “imperialismo” como um fator fundamental para que se compreenda o âmago das relações diplomáticas entre os impérios. Como perceptível em algumas cartas, prevalece um espírito diplomático por parte hitita para a resolução de problemas diversos com Ahhiyawa, como territoriais. Porém, essas atitudes carregam como pano de fundo a possibilidade iminente de uma guerra. Sabendo da constância da guerra na Antiguidade, este aspecto não pode ser negligenciado quando se pretende entender as relações entre os povos. A possibilidade de um conflito interfere na maneira como as pessoas agem, e tal comportamento, ora de impulso, ora de cautela, pode dizer muito sobre a natureza das relações entre esses povos interna e externamente.

Da problemática evidenciada, seguem-se nossos objetivos: localizar as fontes de forma a sistematizar os textos que fazem menção ao reino de Ahhiyawa, fazendo um recorte e um panorama sobre elas; estudar o período da Idade do Bronze próximo-oriental e a grega em suas especificidades, evidenciando o espaço das sociedades estudadas no âmbito da ideia de um sistema internacional. Por fim, investigar o espaço ocupado por Ahhiyawa dentro dessa dinâmica. Dentre os principais conceitos que estão sendo utilizados, devemos destacar: história global, sistema-mundo e integração na antiguidade.

A pesquisa foi estruturada em três capítulos. Explicamos aqui que a utilização da escrita cuneiforme no início dos três capítulos veio a representar uma palavra-chave para o entendimento do texto, sendo elas: fundação (𐎠𐎶𐎵𐎺𐎠), bronze (𐎠𐎶) e batalha (𐎠𐎶𐎵). No primeiro há uma apresentação sumária dos aspectos da Idade do

⁴ AhT 7. BECKMAN, Gary; BRYCE, Trevor; CLINE, Eric. The Ahhiyawa Texts. In: *The Ahhiyawa Texts*. Brill, 2012. p. 140-144.

Bronze, suas sociedades, cronologias e as características marcantes dos atores desse sistema. A partir disso, entramos na discussão teórico-metodológica da História Global e a crítica ao eurocentrismo, de forma a enfatizar os paradigmas teóricos basilares que justificam a pesquisa⁵. Também fizemos uma breve discussão sobre o estado da arte internacional e brasileiro sobre o tema, marcando a complexidade e abundância das discussões no exterior, e as lacunas no Brasil. Por fim, realizamos apontamentos sobre a relação entre a Arqueologia e a História, uma vez que as cartas diplomáticas estão assentadas por uma cultura material.

Já no segundo capítulo, pontuamos alguns entraves advindos da História Econômica, trazendo as discussões sobre a categoria de sistema e o conceito de sistema-mundo wallersteineano para o estudo da Idade do Bronze. Além disso, também fizemos uma síntese política sobre a sociedade grega micênica, aprofundando algumas de suas estruturas e o estudo sobre o contexto do colapso da Era do Bronze. Por fim, destacamos a parte política da sociedade hitita e algumas questões pertinentes ao estudo da diplomacia antiga.

O terceiro e último capítulo contém a discussão sobre as fontes em suas relações com a bibliografia estudada. Pautamo-nos a partir do conceito de integração em Sebastian Conrad para discutir sobre como as cartas diplomáticas apresentam a relação hitito-micênica de forma conflituosa, mostrando uma sociedade que buscava inserir-se e afirmar-se dentro do sistema. Também foi feito um estudo sobre a Guerra de Troia, integrando-a nas discussões sobre as guerras na Antiguidade e sua importância para a construção identitária e fronteiriça da Grécia Antiga.

A edição *The Ahhiyawa Texts*, de 2011, reúne textos dos acervos hititas descobertos em 1906, em Boğazköy (Turquia), contendo aqueles que fazem menção ao reino de Ahhiyawa. São 28 textos de natureza diversa: históricos, cartas diplomáticas, oraculares, entre outros. Estes são os principais quando se pretende entender a relação entre os hititas e os gregos micênicos, cujo período entre 1400-1220 aEC, parece de maior importância sobre a região de Ahhiyawa na perspectiva

⁵ Uma conceituação mais recente da abordagem é a do historiador alemão Sebastian Conrad. Para ele, a História Global se caracteriza pela crítica ao eurocentrismo e, além disso, engloba alguns campos analíticos, como na história de tudo, das conexões e da integração. No entanto, é tendo em vista a terceira perspectiva que o autor parte do globo para a compreensão de fenômenos particulares, indo da mera consideração das conectividades. CONRAD, Sebastian. *What is global history?*. Princeton University Press, 2016. p. 6.

hitita⁶. Neste viés, foram efetuados alguns recortes dentro das fontes, de forma que se deu ênfase nas seguintes cartas diplomáticas: AhT3, AhT1, AhT9, AhT6, AhT4, AhT5, respectivamente.

A presente pesquisa situa-se, quanto às fontes, num âmbito “tradicional”. Isto deve-se ao fato de que as cartas diplomáticas são documentações oficiais, produzidas pelos grandes centros e representantes do poder da Era do Bronze: os reis. A comunicação entre os monarcas está intrinsecamente associada à materialidade, pois a documentação do período existe a partir de seu suporte material. A natureza política da diplomacia e das interconexões entre os governantes se apresenta a partir de poucos vestígios, portanto, devemos enfatizar a primazia de uma investigação arqueo-histórica para o estudo das relações entre hititas e micênicos. Apesar do epistolário enfocar os problemas dos centros de poder da Idade do Bronze, as cartas também nos possibilitam refletir sobre questões diplomáticas menos evidentes e favorece conjecturas sobre as intenções por trás dos documentos.

O tema que se pretendeu investigar vai de encontro às preocupações contemporâneas e historiográficas que dão ênfase aos crescentes contatos sociais, políticos, econômicos e culturais no globo, no cenário internacional da Contemporaneidade, marcados pela ênfase no multiculturalismo e as novas globalizações. Diante disso, uma escrita linear da história mostra-se insustentável, decorrendo a necessidade de que sejam postas nas narrativas as articulações entre local e global. Essa lacuna na narrativa histórica fortalece uma mentalidade social problemática para a convivência com a diversidade. Assim, perspectivas como histórias conectadas, transnacionais e globais vêm ganhando, desde a década de 1990, cada vez mais espaço ao contribuírem para a reescrita da história e mostrando a relevância social e científica desses debates que refletem a realidade presente. Isso se deve ao fato de que não seria possível estudar o sistema internacional da Era do Bronze e tampouco suas sociedades de forma isolada.

Além de inserir-se em algumas das preocupações do cenário atual, um dos pontos que justificam a escolha do tema e sua pertinência incorre sobre a ausência, nas discussões acadêmicas brasileiras, de um grande acervo de pesquisas e referências em português sobre a temática do reino de Ahhiyawa, os micênicos e a

⁶ KELDER, Jorrit M. Ahhiyawa and the World of the Great Kings: A re-evaluation of Mycenaean political structures. *Talanta*, v. 44, p. 41-52, 2012. p. 42.

Idade do Bronze. Essa lacuna é preocupante, pois nos Estudos da Antiguidade a temática é explorada desde o início do século XX. Os motivos para tal ausência na pesquisa acadêmica brasileira revelam uma falta de estrutura para uma pesquisa aprofundada tendo como base as escritas cuneiforme e Linear B. Portanto, esta lacuna nos estudos das relações entre sociedades antigas é preocupante e levanta o questionamento sobre a forma como essas temáticas estão sendo trabalhadas dentro do ensino básico. É necessário que o Sul Global se insira neste debate, exatamente porque a perspectiva de um mundo globalizado e um sistema internacional existentes na Idade do Bronze oferece uma alternativa à Historiografia eurocêntrica tradicional.

O tema do trabalho mostra-se viável ao possuir um grande acervo de produções, contendo as fontes organizadas e catalogadas em suas devidas traduções. Tais produções são em sua grande maioria inglesas, abrindo a possibilidade de enfatizar tais debates nos diálogos brasileiros. Todas encontram-se disponíveis online, o que traz viabilidade à nossa pesquisa. Por fim, justifica-se a escolha do tema tendo em expectativa que a temática dê frutos a uma pesquisa mais aprofundada no Mestrado.

1 7: O MEDITERRÂNEO ORIENTAL E SUAS RELAÇÕES POLÍTICAS

A princípio, o estudo sobre a Idade do Bronze Antiga destoa da contraposição entre Oriente x Ocidente. Isso se deve ao fato de que, em 3000 aEC⁸ essas noções e categorias não existiam, sendo mais influentes a partir da Antiguidade Clássica⁹. Porém, o desenvolvimento desses conceitos como contrastes, seja na própria Antiguidade ou adiante, assentou-se preponderantemente nas imagens sociopolíticas da Contemporaneidade. Não é nesta percepção que, no espaço em que egípcios, elamitas, assírios, babilônios, hititas, hurritas, minoicos, micênicos, mitânicos, cipriotas, e ainda uma miríade de povos indo-europeus e semitas, conviveram. O mundo antigo não se caracterizou pela demarcação de fronteiras político-estatais. As fronteiras eram linguísticas e identitárias, e separavam-se entre reinos, ao mesmo tempo em que mesclavam territórios e etnias. As dinâmicas dessa contraposição entre o antigo e o moderno precisam ser compreendidas, pois ao olhar do leitor moderno não deve confundir a oposição política e à definição de Oriente e Ocidente. Levantar essa discussão é também criticar a perspectiva eurocêntrica de que esses povos se sucederam uns aos outros fundindo-se entre “civilizações” que resultariam na grande Europa, moderna e capitalista, detentora de toda essa herança.

A fim de que se reduzam desencontros, é importante estabelecer as terminologias referentes aos territórios e sociedades que foram estudados nesta pesquisa, uma vez que não há consensos sobre a atribuição de Oriente Próximo para todo o território do Levante e do Egito. Além disso, tais termos não contêm as outras áreas abrangidas pelo adjetivo “próximo-oriental”, mesclando-se entre diversos nomes (Anatólia, Levante, Mediterrâneo, Mundo Egeu, Oriente Próximo,

⁷ Na escrita cuneiforme os seguintes sinais           , transliterados como ISITTU, traduzem-se por fundação, uma fundação. SAYCE, Archibald Henry. *An Elementary Grammar of the Assyrian Language in the Cuneiform Type*. S. Bagster and sons, 1904. p. 5.

⁸ Importante pontuar que todas as datas são aEC (Antes da era comum), caso contrário, será indicado com EC (Era Comum).

⁹ A *Ilíada*, por exemplo, representa um dos contextos da presença dessa contraposição no mundo antigo, com aqueus e troianos opondo gregos aos anatólios. VIEIRA NETO, Ivan. Ocidente e Oriente: uma gênese iliádica? In: Renata Cristina de Sousa Nascimento. (Org.). *Sacralidades Medievais: textos e temas*. 1ed.Goiânia: Tempestiva, 2021, v., p. 189-192.

Mesopotâmia). Para tanto, empregamos nesta pesquisa, a noção de que todas as áreas do chamado Crescente Fértil serão referenciadas como Levante. Enquanto, Mediterrâneo Oriental para as regiões gregas e anatólias e, por fim, o Egito.

A Idade do Bronze refere-se à um momento da história do Levante e do Mediterrâneo Oriental, caracterizado pelo constante comércio, pelos contatos e por conflitos situados em momentos de ascensão, instabilidade e centralidades políticas inconstantes que transformaram e reconfiguraram a Antiguidade entre cerca de 3000 aEC e 1200 aEC. Na Grécia, esse intervalo demarca a presença dos minoicos e gregos micênicos, na Ilha de Creta e na Grécia Continental. É nesse contexto que, as sociedades antigas, micênica, egípcia, levantina colaboram e configuram uma espécie de sistema, com diversos povos, sendo emblemático também devido ao seu fim, em que ocorre o colapso sincrônico das sociedades do Bronze Antigo¹⁰.

Possuindo historicamente uma grande diversidade de reinos e impérios, a Idade do Bronze da região levantina passou por crescimentos demográficos e urbanos que levaram a uma maior centralização política em torno dos templos e palácios. Essa política é acompanhada regionalmente por grande parte dos reinos, que de uma forma ou outra anseiam por entrarem e serem influentes dentro desse sistema. A perspectiva de sistema torna-se aqui fundamental, uma vez que excede espaços domésticos, sendo perceptível que os reis do Bronze Antigo eram dependentes uns dos outros. A comunicação entre eles era fundamental para que suas aspirações fossem atingidas, e não poderiam tentar radicalmente desconcertar a lógica integrada que compartilhavam, uma vez que a agência individual poderia ocasionar no prejuízo de todos.

Para entender essa complexa realidade de reinos e impérios antigos, como comunidades interconectadas, é benéfico recorrer às perspectivas historiográficas que têm como ênfase o conceito de integração e o combate ao eurocentrismo¹¹. Assim, alguns acontecimentos do século XX, desde meados da década de 1960, ajudaram a reformular e a estabelecer uma nova noção histórica. Neste ínterim, vários movimentos se consolidaram na crítica ao eurocentrismo e, além disso, a globalização consistiu num fato histórico significativo, uma vez que acarretou diversas modificações

¹⁰ O colapso da Idade do Bronze foi quando as comunidades antigas experienciaram um processo sincrônico de destruições, conflitos e conseqüente ruína. O tema será retomado no segundo capítulo.

¹¹ Ressaltamos que Amarna, Hattuša, Ahhiyawa e outras comunidades antigas não se identificavam enquanto “Europa”. Referimo-nos a crítica ao movimento de escrita historiográfico europeu do século XIX que transportou a realidade do mundo antigo para sua contemporaneidade, distorcendo-a .

sociais mundiais, como o “aceleramento do tempo histórico; aumento populacional; e o incremento das desigualdades econômicas e sociais”¹². Junto a isso, ocorre também o advento da *internet* e todas as reconfigurações sociais que vieram na sua esteira. No âmbito da História, “quase na metade do século XX a estrutura de toda a narrativa histórica estava dominada pela história arquetípica da evolução cultural e emancipação política de cada nação”¹³.

A ênfase na história nacional ocorreu em consonância com as agendas políticas modernizadoras da Europa. Assim, esse eurocentrismo parte da exclusão da alteridade, impondo como referenciais modelares apenas os exemplos que concernem à experiência europeia. Como dito, esforços contínuos de crítica e ruptura com essa forma uniformizada de enxergar a realidade têm sido feitos por historiadoras e historiadores desde o século XX, e a História Global é apenas um exemplo entre diversas outras abordagens que criticam o eurocentrismo na Historiografia. Ela vem sendo, desde a década de 1990, caracterizada pela multiplicidade de conceituações e perspectivas, não possuindo definições únicas – por isso a ideia de histórias globais. Essa noção se consolidou através de outras abordagens e campos históricos, com quais apresenta diversas confluências. Dentre as heranças que as compõem estão: História comparada, História conectada, História mundo, História Transnacional, sendo que muitas vezes podem ocorrer dificuldades quanto às suas diferenciações¹⁴. Em geral, a História Global percorre o caminho das noções de contato, troca cultural e integração entre diferentes sociedades, muitas vezes utilizando-se de noções amplas do tempo, caracterizando-se por refletir sobre a superação de limites de narrativas unilaterais.

Em seu cerne está a tentativa de romper com a unidade de análise do Estado-Nação em prol de um escopo global, ou seja, tempo e espaço articulados em uma dimensão ampla, não somente buscando ultrapassar as fronteiras políticas, como também, historiográficas. Ela busca, assim superar o que os historiadores Degan e Júnior chamam de internalismo e o nacionalismo metodológico¹⁵. O historiador francês François Hartog define que a História Global surgiu enquanto a história mundial se

¹² SANTOS, João Júlio Gomes dos; SOCHACZEWSKI, Monique. História global: um empreendimento intelectual em curso. *Tempo*, v. 23, p. 483-502, 2017. p. 483.

¹³ CROSSLEY, Pamela Kyle. *O que é história global?*. Editora Vozes Limitada, 2015. p. 17.

¹⁴ SANTOS JÚNIOR; SOCHACZEWSKI. *Op. Cit.*, p. 489.

¹⁵ DEGAN, Alex; JUNIOR, Lindener Pareto. História global, histórias conectadas: debates contemporâneos. *Esboços: histórias em contextos globais*, v. 26, n. 42, p. 229-233, 2019. p. 229.

reinventava¹⁶. Ele sugere que o uso de seu conceito regime de historicidade pode ser um caminho para trabalhar diferentes temporalidades em suas complexidades e interações; além de dar vistas a uma História Global em que, “um historiador global é um historiador da globalização”¹⁷. Marca, dessa forma, a globalização como o foco desse processo narrativo, enfatizando a existência de globalizações no plural¹⁸.

Ainda é possível, brevemente, traçar um paralelo entre os estudos globais a partir do recorte da Antiguidade, trazendo algumas possibilidades¹⁹. Isso se deve, pois, como dito anteriormente, à ideia de um global na História que não é exclusividade da História Global que se faz desde os anos de 1980 e 1990. A historiadora Aline da Silveira, investigando o campo da História Medieval, informa-nos que “estamos no momento de provincializar a modernidade ocidental [...]”²⁰. Esta perspectiva vale igualmente para a Antiguidade, que precisa ser “descolonizada”²¹. Depreende-se que a História Antiga e os estudos clássicos desenvolveram-se sob uma visão unilateral ao ser estruturada nos ideais de nação europeia, uma vez que, “Oriente Próximo, Grécia e Roma foram assim colocados numa espécie de sucessão, num processo civilizatório que culminaria na civilização ocidental europeia”²². O artigo de Morales sobre as confluências entre a História Antiga e a História Global sistematiza algumas dessas possibilidades²³.

A História Antiga, passando por diversas autocríticas e crises, segue hoje em direção contrária às categorias exclusivas em noções como Grécia e Roma como o “berço” da “civilização ocidental”. A crise paradigmática do século XX evidenciou a fraqueza dos pressupostos fundados com a criação dos Estados Nacionais e a disciplina de História, na Europa. É nesse sentido que, Morales explicita cinco vias de

¹⁶ HARTOG, François. Experiências do tempo: da história universal à história global? *História, histórias*, v. 1, n. 1, 2013. p. 176.

¹⁷ Ibid., p. 176.

¹⁸ Ibid., p. 177.

¹⁹ Destacamos também a importância da Arqueologia, uma vez que as cartas têm como suporte a cultura material. A prevalência do logocentrismo com a centralidade dos estudos sob fontes textuais ignora o fato de que foram produzidas, consumidas e difundidas materialmente, sem o qual não seria possível sua historicidade. MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra. A cultura material no estudo das sociedades antigas. *Revista de História*, n. 115, p. 103-117, 1983.

²⁰ SILVEIRA, Aline Dias da. História Global da Idade Média: estudos e propostas epistemológicas. *Roda da Fortuna*, n. 1, p. 210-236, 2019. p. 220.

²¹ Isto se deve a manutenção de perspectivas teóricas advindas da experiência europeia moderna destoante daquelas experienciadas nas Antiguidades.

²² GUARINELLO, Norberto Luiz. Uma morfologia da História: as formas da História Antiga. *Politeia-História e Sociedade*, v. 3, n. 1, 2003. p. 55.

²³ MORALES, Fábio Augusto; SILVA, Uiran Gebara da. História Antiga e História Global: afluentes e confluências. *Revista Brasileira de História*, v. 40, p. 125-150, 2020.

convergência entre as duas histórias: as macrocomparações, histórias conectadas, teorias sistêmicas, globalizações antigas e a forma 'Eurásia ocidental'²⁴.

Nota-se que, estando desde sempre presente na experiência humana, a perspectiva global não poderia deixar de ser articulada ao que se confere como História Antiga. A historiadora estadunidense Pamela Crossley traz Estrabão, geógrafo grego, para demonstrar o seu pensamento global. Ele "pôde se aproveitar das experiências de viajantes e das histórias das conquistas macedônicas no noroeste da Índia para incluir um relato detalhado das culturas indianas em sua obra geográfica"²⁵. Estrabão baseou-se nas também perspectivas globais de Erastóstenes, um filósofo grego, e assim, incentivou navegadores a viajarem pelo Oeste, por meio do Mediterrâneo, para chegar à Índia²⁶. Esses relatos e experiências fornecem importantes caminhos para que se possa explorar a abordagem que pense em exceder os limites nacionalizantes.

É a partir desses fundamentos, da conexão e integração, que o trabalho está assentado. Assim, as cartas diplomáticas entre os reis demonstram a existência de um constante conflito pelo domínio do sistema ou de um maior *status*, dependentes dos artifícios da comunicação. O estudo das particularidades deste sistema, em conjunto com a contraposição e como seus atores se relacionavam dentro dele, podem nos mostrar as diferentes dinâmicas de integração e desintegração que o caracterizam. De forma a esclarecerem a maneira em que os gregos buscaram sua inserção ao sistema. Assim, o papel dos conflitos, da guerra e das batalhas mostram como as sociedades do Bronze baseavam-se numa linha tênue, complexa e dicotômica entre interesses locais de expansionismos militares e reciprocidade político econômica via diplomacia.

1.2 Idade do Bronze: o sistema e seus atores

Região marcada por sua complexidade étnica, linguística, cultural, social e política, ainda é preciso desenvolver melhor as pesquisas sobre a História do Antigo Oriente Próximo no Brasil. São as regiões contemporâneas da Turquia, da Síria, do Irã e do Iraque. Nesse ambiente, o mundo experienciou ascensões e quedas de

²⁴ MORALES, Fábio Augusto; SILVA, Uiran Gebara da. História Antiga e História Global: afluentes e confluências. *Revista Brasileira de História*, v. 40, p. 125-150, 2020.

²⁵ CROSSLEY, Pamela K. *Op. Cit.* p. 32.

²⁶ *Ibid.*, p. 34.

grandes impérios, como dos antigos egípcios, assírios, babilônios, hititas, mitânios e a região da Síria-Palestina²⁷. Além desses, alguns povos mais isolados, como os Kaška²⁸ (ou Gasga), ou ainda, os Habiru, no Levante²⁹. Alguns autores, como Mieroop, não consideram o Egito como parte do que entendem por Oriente Próximo, devido às especificidades de suas dinâmicas internas³⁰. Tal circunstância, reflete o pano de fundo do período estudado, isto é, os fins da Idade do Bronze Antigo (3300-1200 aEC), nos momentos de contato entre o Mediterrâneo e o Levante. Trata-se, portanto, de locais e momentos em que a divisão continental em Europa, Ásia e África não existia e, tampouco limites territoriais e culturais restringiram o constante intercâmbio de bens, ideias e pessoas nas rotas entre reinos e impérios.

O Oriente Próximo Antigo deve ser compreendido a partir de uma variedade de cronologias reveladas tanto por suportes materiais quanto textuais. Entre consensos e dissensos, Mieroop propõe que a História do Oriente Próximo começa no final do quarto milênio antes da Era Comum, em 3000 aEC³¹. O período descrito abrange o que convencionalmente se denominou Pré-História. A Idade do Bronze é identificada a partir do Sistema das Três Idades, proposto para explicar contextos recuados do passado europeu³², com Idade da Pedra, (com Paleolítico, Mesolítico e Neolítico) e Idade dos Metais (com Idade do Cobre, Idade do Bronze e Idade do Ferro). O contexto denominado Idade do Bronze se estende de 3.000 a 1077 aEC, dividindo-se também em Bronze Tardio/Antigo (3000-2000 aEC), Médio (2000-1600 aEC) e Recente (1600-1200 aEC), aproximadamente.

É importante ressaltar que não se objetiva aqui realizar uma Pré-História. Isto é, a concepção de “antes da História” indica o estudo de sociedades sem escrita e,

²⁷ A chamada Mesopotâmia ocupa um espaço privilegiado no estudo do Oriente Próximo, pois, como será visto mais adiante, influenciou e moldou muitas regiões fronteiriças, ocupando um local de dominação.

²⁸ Os Kaška foram um povo do norte da Anatólia que não possuíam uma organização política e linguística sistemática, caracterizando-se pelo nomadismo. Aparecem nos arquivos hititas sempre como obstáculos, povos que travavam constantes ataques contra os hititas. BRITANNICA. The Editors of Encyclopaedia. "Kaska." *Encyclopedia Britannica*, Dezembro 13, 2017. In: <https://www.britannica.com/topic/Kaska-ancient-Anatolian-people>.

²⁹ BRYCE, Trevor. *Op. Cit.* p. 66.

³⁰ Sua organização política, social e religiosa, como distintas daquelas dos reinos próximo-orientais.

³¹ Isto se deve a presença de diversos processos históricos por volta de 3000 aEC, como o marco da escrita cuneiforme. VAN DE MIEROOP, Marc. *Op. Cit.*, 2007, p. 2.

³² Christian Jürgensen Thomsen, arqueólogo dinamarquês, foi quem criou o sistema das Três Idades. A discussão está presente em sua obra *A Guide to Northern Antiquities*, de 1836. BRITANNICA. The Editors of Encyclopaedia. "Christian Jürgensen Thomsen." *Encyclopedia Britannica*, Maio 17, 2022. In: <https://www.britannica.com/biography/Christian-Jurgensen-Thomsen>.

conforme informamos a seguir, para esse estudo utilizamos fontes escritas, mais especificamente cartas diplomáticas registradas em escrita cuneiforme. O conceito de uma ciência anterior à escrita é carregado de implicações político-culturais do seu momento de produção. É uma perspectiva da Historiografia tradicional que prioriza os documentos escritos em detrimento da cultura material. A supracitada variedade de fontes é essencial para a compreensão dos contextos específicos da Idade do Bronze, portanto, não podemos nos pautar pela exclusão de quaisquer vestígios e pelo dualismo entre fontes materiais e fontes escritas. É necessário acessar ambas para aceder ao mínimo conhecimento necessário sobre este contexto tão complexo e importante.

É por volta de 1500-1200³³ que os impérios se integram num sistema comum, no qual os centros foram denominados como “O clube dos grandes poderes” por Mieroop. Nesse contexto e, mais ao final da Idade do Bronze, a coexistência de múltiplos reinos e impérios configurou um ambiente de intenso movimento político de dominação, fragmentação e busca por maiores territórios. Esse cenário caracterizou-se pela existência de ciclos de unificação e centralização inconstantes, não havendo um único império hegemônico³⁴. Houve, no entanto, um conjunto de impérios que se destacaram e foram entendidos por Mieroop como os “Grandes Poderes” da Antiguidade próximo-oriental. São: babilônios, hititas, egípcios, mitânios e assírios³⁵. Reinos menores eram, em sua maioria, subjugados por esses, sendo dependentes políticos. O sistema, ao evidenciar a convivência entre os impérios, por sua amplitude e integração, tornou-se internacional na medida em que dependiam uns dos outros. Esses poderes comunicavam-se entre si e eram conectados por meio de rotas marítimas e terrestres. Além de terem como fundamento a diplomacia. Ante esta situação geopolítica, o Egeu não permaneceu isolado, integrando-se a esta dinâmica como um agente importante na relação com a Anatólia e a autoridade do Império Hitita.

O mundo Egeu configura um espaço central na investigação sobre Ahhiyawa. Assim identificados, ao assumir pela via da teoria grega, que identifica a menção aos gregos nos textos hititas, percebemos os diversos entraves e caminhos que podem

³³ VAN DE MIEROOP, Marc. *Op. Cit.*, p. 129.

³⁴ *Ibid*, p. 130.

³⁵ *Ibid*, p. 129.

ser percorridos para o estudo dessa problemática. As cartas hititas representam uma sociedade cuja capacidade militar e expansionista parece-nos bem-organizada e influente. A materialidade assume uma posição central, apesar de não ser a ênfase dada à pesquisa, a partir da intrínseca relação que os reinos levantinos possuíam com o suporte material comunicativo e a comercialização de objetos para outras sociedades, sejam elas próximas ou longínquas.

Os micênicos, dentro deste cenário, foram os primeiros gregos a ocupar a península Balcânica, por volta do ano de 2000³⁶. Esse período vivenciado pelo mundo Egeu insere-se também na Idade do Bronze, especialmente no Bronze Recente (1600-1200). No entanto, a história da península é precedida por um complexo quadro de ocupações, ainda antes dos gregos. Exemplo disso, os minoicos, antecessores dos micênicos, de quem receberam grande número de influências, como por exemplo, na adaptação da escrita Linear A minoica em Linear B micênica. Caracterizam-se pela construção de fortalezas e por serem povos guerreiros³⁷, além da prática da navegação.

A Idade do Bronze carrega em si o pressuposto tecnológico que, pela primeira vez, os metais foram utilizados para a confecção de armas e ferramentas, mas não se limita a isso³⁸. No que diz respeito à técnica, um exemplo de desenvolvimento, no Bronze Tardio, foi a criação de carros com duas rodas puxados por cavalos. De origem iraniana, essa técnica veio a ser um elemento fundamental para as guerras e para a presença de um “ideal heróico”³⁹. Em contrapartida, um ponto importante que compreende a formação do sistema é que “a consequência econômica do uso regular de cobre mais do que bronze, na indústria foi a iniciação de um intercâmbio internacional organizado”⁴⁰. Essa mudança pressupõe a procura de metais que não se encontravam disponíveis em todos os espaços do mediterrâneo oriental, além de estruturar uma nova sociedade que não mais era autossuficiente, mas que desenvolvera a necessidade de recorrer aos contatos com outros povos para

³⁶ PEREIRA, M. H. R. *A Geografia. Civilização Minóica e Micênica*. In: PEREIRA, M. H. R. *Estudos de História da Cultura Clássica*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2012. Volume I: Cultura Grega. pp. 1965, p. 36.

³⁷ Ibid, p. 41.

³⁸ CHILDE, Vere Gordon. *The Bronze Age. Past & Present*, n. 12, p. 2-15, 1957.

³⁹ LIVERANI. *Op. Cit.* p. 380-383.

⁴⁰ CHILDE, Vere Gordon. *Op. Cit.* p. 3.

sustentar sua economia e seu militarismo⁴¹. É nesse período que se mesclam níveis de conflitos e convivência regionais aos internacionais, estabelecendo uma nova dinâmica entre os antigos Impérios próximo-orientais e mediterrânicos. Dentre eles, destacamos os egípcios, os hititas e os gregos micênicos.

Os antigos hititas ocuparam grande parte da Anatólia Central. De origem indo-europeia, tiveram como língua oficial o idioma nesita⁴², apesar de serem caracterizados por uma diversidade linguística⁴³. O Império Hitita, cuja capital se consolidou na cidade de Hattuša⁴⁴, constituiu-se por uma diversidade de populações amalgamadas sob a autoridade monárquica de um rei hitita que governava os assuntos políticos de uma miríade de régulos anatólios. Sua história se divide entre o Reino Antigo (1650-1500 aEC), o Reino Médio (1500-1400 aEC) e o Novo Reino (1400-1200 aEC). Conhecemos poucos detalhes sobre a sua organização administrativa e a economia palaciana⁴⁵, sobre o sistema implementado na relação do monarca com os reis vassalos de reinos menores.

O que há nas fontes, predominantemente, são narrativas detalhadas sobre os sucessos militares das campanhas hititas. Apesar disso, há indicações de que os hititas se reuniam em uma multiplicidade de reinos, muitas vezes com relações conflituosas entre si⁴⁶. Percebe-se como, aspecto marcante de sua política, a forma com que os hititas mantiveram controle sobre outras regiões. Certamente esta população consolidou seu poderio através de redes de dominação que asseguravam a manutenção da dependência de outras unidades políticas em relação ao Império Hitita. Ao invés de um controle direto, a autoridade parece ter sido exercida de forma indireta ou mesmo simbólica⁴⁷.

O Egito da Idade do Bronze vivenciava o período do Reino Novo, cenário da presença das dinastias XVIII, XIX e XX. Porém, quando falamos dos arquivos hititas em Boğazköy e das Cartas de Tell El-Amarna, devemos destacar a atuação de

⁴¹ Ibid, p. 4.

⁴² BRYCE, Trevor. *The kingdom of the Hittites*. OUP Oxford, 2005, p. 14.

⁴³ VAN DE MIEROOP, Marc. *Op. Cit.*, p. 119.

⁴⁴ Muwatalli (1295-1272) transferiu a capital para Tarkhuntsashsha. A capital é restabelecida em Hattuša apenas no governo seguinte, com seu sobrinho, Urkhi-Teshup, no poder (1272-1267) LIVERANI, Mario. *Antigo Oriente*. História, Sociedade e Economia. Trad. Ivan Esperança Rocha. São Paulo: EDUSP, 2016, p. 425.

⁴⁵ VAN DE MIEROOP, Marc. *Op. Cit.*, p. 122.

⁴⁶ Ibid., p. 119.

⁴⁷ Ibid., p. 156.

governantes específicos que reinaram neste período de inquietudes e transformações políticas e sociais. O período de Amenhotep III (1380-1349⁴⁸) foi caracterizado por uma efervescência cultural e econômica, este contexto foi significativo ao apresentar uma “universalização das crenças, a sociedade tornando-se mais cosmopolita e aberta”⁴⁹. Perante o governo de Amenhotep IV (1350-1334), por outro lado, que disputou com o clero de Amon e buscou estabelecer o monoteísmo do deus Aton⁵⁰. Este é o momento da criação de uma nova capital, Amarna, local onde foram escavadas centenas de cartas diplomáticas.

Os historiadores não são unívocos ao descrever justificativas possíveis à implementação da monolatria amarniana por parte de Amenhotep-Akhenaton. Importa-nos especialmente, a justificativa que salienta uma possível tentativa de reforço da monarquia e afirmação de um imperialismo egípcio. Outro rei citado nos documentos diplomáticos foi Tutankhamun I (1334-1325) que, com influência de seu tutor Aya, reaproximou-se do Clero de Amon⁵¹. Nesse viés, os estudos desses governos apontam para as expectativas de um Egito mais aberto e tendendo à anexação de novos territórios, muito próximos das ambições expansionistas de outros Impérios da Idade do Bronze. A possibilidade de guerra, nesse contexto, será um elemento fundamental para compreender o balanço das relações diplomáticas entre os impérios⁵².

Não há dúvidas, essas regiões entre os mares Egeu, Mediterrâneo e Vermelho, nutriram-se de contatos diretos e indiretos entre si. Estabeleceram, assim, influências mútuas. O Império Hitita, por exemplo, construiu-se a partir de colônias mercantis assírias⁵³. Nessa mesma linha, a tradição escriba hitita foi inspirada em práticas babilônicas⁵⁴. Sem contar no comércio de cerâmicas e vasos, metais, equipamentos e outros bens intercambiados por todo o segundo milênio. Tendo em vista as dificuldades em estabelecer temporalmente e até espacialmente as especificidades

⁴⁸ As datas são as presentes em Doberstein (2010). DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. *O Egito antigo*. EDIPUCRS, 2010.

⁴⁹ DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. *O Egito antigo*. EDIPUCRS, 2010. p. 166.

⁵⁰ Ibid, p. 167.

⁵¹ Ibid, p. 169.

⁵² Isso se reflete, por exemplo, no contexto da guerra de Kadesh entre os egípcios e os hititas em 1274.

⁵³ VAN DE MIEROOP, Marc. *Op. Cit.*, p. 119.

⁵⁴ Ibid, p. 122.

da história hitita, cabe ressaltar que “Nenhum momento da história hitita pode ser datado sem sincronismos com o Egito, a Assíria, ou a Babilônia (...)”⁵⁵.

Não é possível construir a história da Idade do Bronze sem a perspectiva da interação. É pertinente apresentar os reinos e impérios em suas próprias realidades, criando uma consciência da regionalidade. No entanto, a proposição da existência de um sistema indica que essas realidades não existiam isoladamente, como dificilmente seria o caso na história humana. Assim, estudar a Grécia em contato com a Mesopotâmia, o Levante, a Anatólia e o norte da África constituem um desafio frente a uma historiografia que privilegia o caso greco-romano como autorreferente na Antiguidade⁵⁶. A pouca presença desses estudos na academia brasileira mostra o quanto preconceitos e antigas formulações teóricas eurocentradas ainda são influentes na escrita da História a partir de nossa realidade latino-americana.

Portanto, há de se criticar a centralidade dos estudos antigos em torno do mundo greco-romano, em conjunto com a antiga, mas ainda forte construção de que se trata de um mundo ocidental em oposição ao oriental. A pesquisa, nesse sentido, objetivou dar ênfase em experiências que carecem de discussões em nossas academias. Mas, tomando cuidado para que não partamos de vieses igualmente eurocentrados⁵⁷. Isso pode ser feito de tantos modos, e muitas perspectivas teóricas. Aqui assumimos posição e, apesar do inevitável acesso aos autores europeus e norte-americanos para contextualizar e situar a discussão teórico-metodológica relativa a este período, pretendemos indicar a impossibilidade dos estudos sobre a Idade do Bronze sem o recurso a um referencial epistêmico oriundo das experiências decoloniais do Sul Global.

1.3 Controvérsias e problemáticas no cenário internacional

Os percursos pela descolonização da História Antiga perpassam por uma multiplicidade de caminhos e opções teórico metodológicas. A integração, como um desses vieses, pode ser uma das formas de enfatizar e incrementar as pesquisas

⁵⁵ Ibid, p. 156.

⁵⁶ Isto se dá por uma particularidade europeia que se apropria de Grécia e Roma. O Sul Global pode ser apresentado como contraponto.

⁵⁷ O próprio conceito de Oriente Próximo e, como visto, a Pré-História, tratam-se de criações teóricas do século XIX e mantêm, portanto, uma conotação eurocêntrica.

sobre a Grécia Antiga Pré-Clássica, considerando-a em uma espacialidade que a integra ao Mediterrâneo Oriental. Essa perspectiva foi percorrida por diferentes pesquisadores e, ao nosso interesse, o objeto de pesquisa (as menções ao termo Ahhiyawa) não poderiam abstrair-se da conectividade entre gregos e hititas. Ahhiyawa deve ser identificada, portanto, como Grécia micênica. Não foi objetivado, nesse momento, uma investigação sistemática sobre as menções em outras sociedades, como Tanaja no caso egípcio, ou ainda, Alashiya (Chipre) nos textos hititas.

Não são poucos os pontos de divergência presentes na literatura referente à “Questão Ahhiyawa”⁵⁸. As discordâncias advêm das lacunas e dúvidas que são inerentes aos contextos cujas fontes são fragmentadas. As fontes dão abertura para muitas interpretações historiográficas, uma vez que apresentam lacunas. Não obstante, existem a partir delas muitos consensos e dissensos interpretativos, dúvidas e incertezas. É com essa consciência que, para compreender o objeto da pesquisa, é necessário retomar e sintetizar as discussões da literatura, mostrando os pontos em que os pesquisadores concordam e discordam sobre o reino de Ahhiyawa. Dentre esses subtópicos, cabe ressaltar os aspectos: localização e dados geográficos, etnicidade e organização política.

Quando descobertas as referências a este espaço da costa oriental do Egeu, nada se sabia sobre as peculiaridades desse reino antigo que os hititas conheciam como Ahhiyawa. A Arqueologia e a História buscavam seus sentidos, não sabendo quando, onde e tampouco quem eram os povos desse reino. Mencionados em uma série de tabuinhas escritas em cuneiforme, o reino de Ahhiyawa ocupou um local de destaque durante os anos que seguem 1400-1220 a.E.C⁵⁹. E apesar de muitos esforços para compreender sua identidade, ainda hoje os diálogos estão abertos e poucas são as certezas sobre a questão de Ahhiyawa.

As dúvidas perpassam os mais diversos aspectos. Desde a própria existência do reino à questionamentos sobre sua correspondência étnica, cultura, econômica e política. O que precisamos ter em mente são os locais de produção do conhecimento sobre Ahhiyawa. Nos textos hititas, pode-se extrair que foi um reino poderoso e influente, com grande poder militar, um inimigo ou aliado em potencial dos governantes de Hattuša. Isso se percebe por correspondências diplomáticas, nas

⁵⁸ BECKMAN, Gary; BRYCE, Trevor; CLINE, Eric. *The Ahhiyawa Texts*. Brill, 2012.

⁵⁹ KELDER, Jorrit M. Ahhiyawa and the World of the Great Kings: A re-evaluation of Mycenaean political structures. *Talanta*, v. 44, p. 41-52, 2012. p. 42.

quais os reis hititas referem-se aos governantes de Ahhiyawa pelo termo “Grande Rei”⁶⁰, um indicativo de respeito e igualdade.

Tendo em vista a breve apresentação do se conhece como a “Questão Ahhiyawa”, podemos pontuar que, Ahhiyawa foi um reino que ocupou grande parte do território que se estende da Anatólia ao mar Egeu, situando-se no fim da Idade do Bronze Antiga, cenário internacional dos Grandes Impérios. Disso, há consenso. Mas, em alguns pontos, a vasta bibliografia difere quanto à sua localização precisa e a natureza de sua organização política. Ainda,

A palavra “Ahhiya” como uma versão anterior de “Ahhiyawa” foi mencionada no período de Tudhaliya I/II e Arnuwanda I (final do século XV – começo século XIV a.E.C), e mais recentemente no período de Tudhaliya IV e Suppiluliuma II (final do século XIII a.E.C). Dessas inscrições, foi entendido que Ahhiyawa teria tido contato com os hititas por mais de duzentos anos⁶¹.

O primeiro autor a dedicar-se sistematicamente ao estudo da “Questão Ahhiyawa” foi Emil Forrer, em 1924. Forrer, ao ocupar-se da análise dos documentos decifrados do hitita por Bederich Hrozný⁶², alegou que o reino de Ahhiyawa correspondia aos gregos micênicos⁶³. Sua tese é amplamente aceita, configurando um consenso na contemporaneidade do século XXI, em autores como Bryce, Beckman e Cline. Evidentemente, quando feita, obteve como reação muitas críticas. Como exemplo, o historiador Ferdinand Sommer, no movimento de crítica ao Forrer, defendeu a tese contrária que dizia que o reino de Ahhiyawa era mais um “estado” da Anatólia, e não correspondia aos gregos micênicos⁶⁴.

A Idade do Bronze Antiga (3300-1200 aEC), por ser um cenário de intensa conectividade, mostra-se um campo fértil para análises de cunho global. Tal preocupação com o global abre espaço para que se investigue a natureza das interações diplomáticas entre os impérios antigos, que por meio de cartas, estabeleciam, rompiam, consolidavam e estruturavam suas relações. Assim, esta

⁶⁰ LUGAL KUR, em assírio.

⁶¹ Tradução nossa de “The word “Ahhiya” as an early version of “Ahhiyawa” was mentioned in the period of Tudhaliya I / II and Arnuwanda I (late 15th–early 14th century BC), and most recently in the period of Tudhaliya IV and Suppiluliuma II (late 13th century BC). From these inscriptions, it was understood that the Ahhiyawa had been in contact with the Hittites for more than two hundred years”. ATILA, Cenker. *The Ahhiyawa Question: Reconsidered*. *Belleter*, v. 85, n. 303, p. 333-360, 2021. p. 334.

⁶² BRYCE, Trevor. *The kingdom of the Hittites*. OUP Oxford, 2005. p. 191.

⁶³ BECKMAN, Gary; BRYCE, Trevor; CLINE, Eric. *The Ahhiyawa Texts*. In: *The Ahhiyawa Texts*. Brill, 2012. p. 1.

⁶⁴ *Ibid.*, p. 2.

pesquisa se constrói a partir do seguinte ponto de partida: qual era a natureza das relações entre os gregos micênicos e o Império Hitita no fim da Idade do Bronze Antiga? Deste questionamento devemos problematizar a questão de Ahhiyawa.

Desde 1924, com Forrer, os estudos multiplicaram-se, havendo tanto críticos quanto defensores da teoria grega⁶⁵. Consoante os autores em ambos os casos, Ahhiyawa pode ser entendida como um reino vassalo na órbita política de Hattuša ou como o domínio dos gregos micênicos no espalho do mar Egeu. Uma terceira vertente sustenta que se trata de um povo vindo do Oriente e estabelecido na Anatólia sob a autoridade dos hititas. A etnia dada acompanha as discussões sobre as origens geográficas da população de Ahhiyawa.

Bryce, Cline, Güterbock, Mountjoy e Melchert são exemplos de autores que defendem a teoria grega. Bryce, no entanto, sugere que o termo pode ter designado as terras da costa ocidental da Anatólia, em sentido mais amplo, derivando de um nome local a designação presente nas cartas⁶⁶. Cenker Atila, arqueólogo turco, faz um importante trabalho heurístico ao sistematizar os estudos sobre a questão, pontuando os diferentes autores em suas diferentes hipóteses⁶⁷. Ele descreve em detalhe a problemática espacial, apresentando diferentes identificações espaciais com o referido reino de Ahhiyawa. A variação é significativa, uma vez que esses espaços vão desde a Grécia Continental, quanto à Ilha de Rodas, passando por Troia, Sicília, Chipre, Panfília e Creta⁶⁸.

Para além da correspondência geográfica, devemos considerar como questão a motivação dos hititas para citar e referenciar essa região em seus documentos diplomáticos. As cartas enviadas entre os reis na Idade do Bronze tinham, entre outros propósitos, a intenção de comunicar uma mensagem de considerável importância política. O governante de Ahhiyawa aparece com a designação de Rei Irmão para os reis hititas, o que constituiu outro tópico complexo nesta problemática. Essa colocação é significativa, uma vez que, o sistema internacional da Idade do Bronze pressupunha a existência de grandes e pequenos impérios, apresentando os primeiros como irmãos e os últimos como dependentes políticos. Isso quer dizer que, em certo momento,

⁶⁵ GÜTERBOCK, Hans G. The Hittites and the Aegean world: part 1. The Ahhiyawa problem reconsidered. *American Journal of Archaeology*, v. 87, n. 2, p. 133-138, 1983. p. 133.

⁶⁶ BRYCE, Trevor. *Op. Cit.*, p. 194.

⁶⁷ ATILA, Cenker. The Ahhiyawa Question: Reconsidered. *Bellesten*, v. 85, n. 303, p. 333-360, 2021.

⁶⁸ *Ibid.*, p. 333-360.

Ahhiyawa desempenhou um papel de importância significativa dentro deste sistema. No entanto, há a possibilidade de que a utilização desse termo sendo utilizado não teve o mesmo significado para os outros grandes poderes, correspondendo ao contexto local ou regional hitita, ao invés de figurar no âmbito internacional. Ahhiyawa também ocupa um espaço como obstáculo à ordem hitita, ao ser a favor de diversas insurreições anti-hititas na Anatólia, como será visto no terceiro capítulo⁶⁹.

Outro ponto importante diz respeito à organização política. Kelder, defendendo o modelo Ahhiyawa-gregos micênicos, propõe também uma crítica ao modelo historiográfico tradicional que apresenta a Grécia Micênica como uma região política descentralizada e dividida em pequenos polos palacianos independentes. Ao contrário disso, aponta que a Grécia, nesse período, se marcou por uma “uniformidade cultural”, atribuída a um “contato político entre pares”⁷⁰. Seguindo essa linha, também salienta que Ahhiyawa teria tido uma importância significativa no cenário da Idade do Bronze, devido às menções ao termo “Grande Rei” nas cartas dos hititas, além de pontuar que a organização sociopolítica de Ahhiyawa teria seguido os mesmos moldes de outros reinos do Oriente Próximo⁷¹.

O arco de informações e as hipóteses apresentadas pelos especialistas deparam-se com um limite metodológico que até o momento parece ser intransponível, uma vez que a factualidade das afirmações precisaria ser confirmada pela materialidade. Infelizmente, esta corroboração adviria do cruzamento de dados entre os documentos hititas e a cultura material micênica, cujos melhores exemplares são as tabuinhas com inscrições em linear B. Até o momento, as informações recolhidas destas fontes não refletem a documentação anatólia, prolongando as incertezas dos pesquisadores.

Apesar das fontes micênicas não responderem qualitativamente à “questão de Ahhiyawa”, a partir delas muitas pesquisas foram capazes de reconstruir as estruturas políticas dessa sociedade, fornecendo as bases necessárias para nelas encontrar algumas possibilidades de interação. Embora não seja nosso interesse imediato demonstrar esta articulação, consideramos importantes os debates em torno dessa

⁶⁹ KELDER, J. M. The chariots of Ahhiyawa. *Dacia, Revue d'archéologie et d'histoire ancienne*, 2005, p. 151.

⁷⁰ KELDER, Jorrit M. Ahhiyawa and the World of the Great Kings: A re-evaluation of Mycenaean political structures. *Talanta*, v. 44, p. 41-52, 2012, p. 42.

⁷¹ *Ibid*, p. 43.

possibilidade de estabelecimento de conexões a partir da materialidade. É essa uma das ideias expressas por Weeden. O pesquisador inglês comenta sobre a hipótese segundo a qual Pilos foi o centro de poder a partir do qual um Grande Rei, citado nos textos, exerceu sua governança⁷². A hititologista holandesa Willemijn J.I. Waal também contribui para a discussão do que denomina “Controvérsia-Ahhiyawa”⁷³, concordando com as proposições de Cline, Bryce e Beckman.

Como visto, a bibliografia sobre a problemática da conexão entre os gregos micênicos e os hititas é vasta. Os especialistas, em sua maioria do referencial europeu-estadunidense, oferecem hipóteses que dificultam ainda mais a convergência das informações, oferecendo interpretações dissonantes sobre a identidade política de Ahhiyawa. A ausência de consensos abre possibilidades para o debate e a dependência de corroborações na cultura material impõe a expectativa de descobertas que transformam dúvidas em certezas.

1.3.1 As discussões no cenário brasileiro: *Ahhiyawa, Alashiya e Tanaja*

A predominância da bibliografia estrangeira nesta discussão é inevitável. Percebemos a distância entre as investigações europeias e estadunidenses em relação ao cenário nacional, ou mesmo ibero-americano, quando os mecanismos de busca em língua portuguesa resultam vinte referências⁷⁴, entre as quais há desde traduções de obras estrangeiras que citam brevemente a palavra “Ahhiyawa” e artigos sobre os períodos pré-homérico e homérico que abordam de modo rápido a questão micênico-hitita. Há apenas duas obras em português que abordam mais detidamente a problemática, sendo as teses de Renata De Souza⁷⁵ (2019) e Priscila Scoville⁷⁶

⁷² WEEDEN, Mark. Hittite-Ahhiyawan Politics as seen from the Tablets: A Reaction to Trevor Bryce's Article from a Hittitological Perspective. *Studi Micenei ed Egeo-Anatolici Nuova Serie*, v. 4, p. 217-227, 2019. p. 218.

⁷³ WAAL, Willemijn. My brother, a Great King, my peer. Evidence for a Mycenaean Kingdom from Hittite texts. *From Lugal. Gal to Wanax. Kingship and political organisation in the Late Bronze Age Aegean*, editado por Jarrit Kelder y Willemijn Waal, p. 9-29, 2019. p. 9.

⁷⁴ Link para consulta: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&lr=lang_pt&as_sdt=0%2C5&q=Ahhiyawa&btnG=. Acesso em 09/09/2022 às 16:48.

⁷⁵ DE SOUSA, Renata Cardoso. *Construindo Identidades: Comparação dos discursos étnicos helênicos entre a epopeia e a tragédia (séculos VIII e V a.C)*. RJ, 2019.

⁷⁶ SCOVILLE, Priscila Cristina Nascimento Lopez de. *As cartas vão dizer: as relações interterritoriais na era de Amarna*. Tese de doutorado. Porto Alegre, 2022.

(2022). Já o termo “Alashiya” nos retorna catorze resultados⁷⁷. Entre as pesquisas brasileiras, predomina o estudo das Cartas de El-Amarna a partir do Egito. Passa-se ao largo das especificidades relativas a identificação entre Chipre e Alashiya. Tanaja, por sua vez, remete à dezessete textos⁷⁸, configurando a mesma lacuna dos outros termos.

Dos resultados levantados, há de se ressaltar as obras da área de História que dialogam com o nosso objeto por apresentarem, mesmo que brevemente, um recorte similar. Entre as pesquisas que mencionam Ahhiyawa, destacamos a tese de Sousa (2019), dedicada à discussão sobre etnicidade e identidade helênica a partir das epopeias e tragédias dos séculos VIII e V. A autora cita a questão de Ahhiyawa no contexto de sua apresentação sobre a localização de Troia. A pesquisa faz menção à rebelião de Assuwa, uma comunidade vassala que se rebelou contra o poderio hitita, e resalta a posição de Ahhiyawa no conflito. Por sua vez, Scoville (2017) pesquisa as relações diplomáticas da Idade do Bronze a partir do arquivo egípcio de Tell El-Amarna. O caso de Alashiya é mais complexo, pois algumas pesquisas apenas citam a existência das cartas intercambiadas entre Egito e Chipre, não se estendendo para além do que problematizou. Quanto à região de Tanaja, há duas referências que de fato citam o caso egípcio: em Pellini (2002)⁷⁹ e Monzani (2019)⁸⁰.

As investigações brasileiras recentes que realmente se aprofundam no debate sobre as relações entre os grandes impérios da Idade do Bronze e sobre a questão de Ahhiyawa são, principalmente, Scoville (2017)⁸¹ e Monzani (2019)⁸². Scoville, em sua dissertação, analisa as cartas do arquivo egípcio, enfatizando a relação entre o Egito e o reino de Mitani (1390-1336). A partir do acervo de cartas armanianas, sua

⁷⁷ Link para consulta: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&lr=lang_pt&as_sdt=0%2C5&q=Alashiya&btnG=. Acesso em 09/09/2022 às 16:50.

⁷⁸ Link para consulta: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&lr=lang_pt&as_sdt=0%2C5&q=Tanaja&btnG=. Acesso em 09/09/2022 às 20:59.

⁷⁹ Cita os agentes de contato do Egito no período do Novo Império, ressaltando a presença também do mundo egeu. PELLINI, José Roberto. Reciprocidade e redistribuição no Egito Antigo durante o Novo Império. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 12, 2002.

⁸⁰ No artigo de Monzani sobre “Tucídides arqueólogo”, onde há uma discussão sobre a relações entre os minoicos e micênicos e sua inserção no comércio do século XIV com o Egito. MONZANI, Juliana C. *Tucídides arqueólogo*. In: GUARINELLO, Norberto Luiz et al. *Fronteiras mediterrânicas Estudos em comemoração dos 10 anos do LEIR-MA/USP*. Porto Alegre: Editora Fi, 2019.

⁸¹ SCOVILLE, Priscila. *Queremos nos amar como irmãos: uma análise historiográfica das cartas de Amarna e das relações entre Egito e Mitani entre c. 1390–1336 AEC*. 2017. Dissertação (Mestrado em História)-Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR.

⁸² MONZANI, Juliana Caldeira. *A administração micênica em Creta. Um estudo dos vasos com inscrição em Linear B*. 2019. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

tese expande o escopo das relações entre os impérios e reinos. Monzani, por sua vez, dedicou-se ao tema da Grécia Micênica a partir de fontes cerâmicas e das inscrições em Linear B. Seu argumento é a defesa de uma administração micênica que se organiza a partir de uma política integrada.

Esse levantamento mobiliza o seguinte questionamento: quem pesquisa Antigo Oriente Próximo? A pouca presença de historiadoras e historiadores brasileiros que se dedicam aos estudos sobre o Oriente Próximo e o Mediterrâneo Antigo de forma integrada, conectada e mesmo comparada, é expressiva. Esses diálogos e seu espaço isolado dentro dos estudos da Antiguidade, podem ser, em parte, sintomáticos de uma visão isolacionista da História. Além da grande dificuldade com as fontes e bibliografia, muitas vezes restritas aos arquivos europeus e norte-americanos e indisponíveis para o acesso de estudantes brasileiros. A Historiografia brasileira há de se apropriar, portanto, dessas referências majoritariamente europeias sobre o Oriente Próximo e propor uma reflexão sobre as possíveis contribuições do Sul Global para a construção desse conhecimento que não deve se restringir aos centros de poder. A perspectiva brasileira oferece um olhar diferenciado e menos enviesado sobre este passado próximo-oriental que disputa espaço com a narrativa eurocêntrica e confere agência às populações anatólias e levantinas.

2 ⁸³: NEGÓCIOS EXTERIORES E RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS NO BRONZE ANTIGO

O estudo das relações entre os gregos micênicos e os reinos egípcio e próximo-orientais, perpassa uma extensa bibliografia referida pela História Econômica. A este despeito, cabem algumas considerações indispensáveis à reflexão sobre quando reconhecemos na Idade do Bronze a existência de um “sistema”. A localização dos atores deste sistema internacional, suas caracterizações, em conjunto com a observação da natureza conceitual a ele atribuída, oferecem caminhos que elucidam os fundamentos da comunicação interconectada e interdependente entre os seus governantes. A Idade do Bronze no mundo mediterrânico, por exemplo, está situada entre o século XX ao XII⁸⁴. O pesquisador inglês Oliver Dickinson estabeleceu o século VIII como sendo “o da verdadeira história grega⁸⁵”. Isso devido ao fato de que, para ele, “(...) nenhum sistema histórico geral em fases pode ser concebido para o todo do mundo Egeu até o século oitavo (...)”⁸⁶. Implicando a noção de que a fragmentação de vestígios, oriundos de diferentes sítios arqueológicos, dificilmente poderia corroborar com uma maior generalização⁸⁷. Essa perspectiva nos atenta para os perigos em atribuir ao passado remoto generalizações precipitadas e de defender a a preposição de uma realidade única e inalterável, dificultando o entendimento de fontes que muitas vezes são lacunares.

A Grécia, dentro do sistema internacional do Bronze, tanto cooperou quanto atrapalhou a atuação dos Grandes Poderes, ocupando um local de importância. É também sobre isso que a “Questão Ahhiyawa” foi (e ainda é) tão discutida, desde que se percebeu um maior consenso sobre a origem do termo, como já discutimos. Durante muito tempo vigorou como modelo histórico interpretativo da política micênica

⁸³ Na escrita cuneiforme , translitera-se como ERU e traduz-se por bronze, o bronze. SAYCE, Archibald Henry. *An Elementary Grammar of the Assyrian Language in the Cuneiform Type*. S. Bagster and sons, 1904. p. 16.

⁸⁴ As datas são referentes à Dickinson (2006). DICKINSON, Oliver. *The Aegean from Bronze Age to Iron Age: Continuity and Change Between the Twelfth and Eighth Centuries BC*. Routledge, 2006.

⁸⁵ Ibid., p. 10.

⁸⁶ Tradução nossa de “(...) no general system of historical phases can be devised for the whole Aegean until the eighth century (...)”. Ibid, p. 12.

⁸⁷ Ibid., p. 12.

a concepção de uma Grécia fragmentada⁸⁸. Controversamente, o arqueólogo holandês Jorrit Kelder, ao apontar as fragilidades de tal perspectiva, analisa as cartas trocadas entre os reis hititas e a menção ao rei de Ahhiyawa, pontuando que os hititas acreditavam que existia uma soberania política expressiva em algum lugar do mundo micênico. Unidade capaz de, por quase dois séculos, entrar em conflito com o militarismo hitita e a pressão política no oriente da Anatólia pois alia havia um rei que centralizava esse poder⁸⁹. Além disso, Kelder destaca o título conferido àquele monarca tanto pelos hititas quanto pelos egípcios, pois “Grande Rei” e “Meu irmão” são fórmulas de tratamento reservadas aos monarcas considerados iguais aos maiores, como em “Mas agora meu irmão, um Grande Rei, meu igual, escreveu para mim – eu não devo ouvir a palavra do meu [igual]?”⁹⁰. Fica perceptível a possibilidade de um reconhecimento dos gregos enquanto uma unidade política compatível com os impérios levantinos entre 1400-1200⁹¹. Esse processo de internacionalização fica visível a partir do reinado hitita de Suppiluliuma⁹², quando os hititas alcançaram uma posição dominante no sistema, junto com o Egito⁹³.

A Grécia, no âmbito desses contatos, engajou-se em combater os hititas no norte da Anatólia (entre 1400-1200) e, ainda, parece ter sido estabelecido um possível embargo entre as relações entre hititas e micênicos, demonstrando o caráter combativo dos gregos para se inserirem nessa dinâmica de poder⁹⁴. Ahhiyawa evoca, portanto, um poder emergente e reconhecido por seus pares, ao menos por períodos determinados. Teve um papel privilegiado no contexto do reinado de Hattusili III, apresentando grande organização política e capacidade militar⁹⁵. Seu desempenho inspira diferentes correntes interpretativas, sendo uma delas a que demonstra que Ahhiyawa constituiu um conjunto de organizações políticas palacianas⁹⁶.

⁸⁸ KELDER, Jorrit M. Ahhiyawa and the World of the Great Kings: A re-evaluation of Mycenaean political structures. *Talanta*, v. 44, p. 41-52, 2012, p. 41.

⁸⁹ *Ibid.*, p. 44.

⁹⁰ Carta de Tawagalawa (AhT 4). BECKMAN, Gary; BRYCE, Trevor; CLINE, Eric. *Op. Cit.* p. 107.

⁹¹ *Ibid.*, p. 42.

⁹² Suppiluliuma I é o rei hitita responsável por uma camanha pela Síria. LIVERANI, Mario. Antigo Oriente. *História, Sociedade e Economia*. Trad. IE Rocha. São Paulo: EDUSP, 2016. p. 420.

⁹³ CLINE, Eric H. 1177 BC: The year civilization collapsed. In: *1177 BC: The Year Civilization Collapsed*. Princeton University Press, 2014, p. 70.

⁹⁴ *Ibid.*, p. 70.

⁹⁵ KELDER, J. M. The chariots of Ahhiyawa. *Dacia, Revue d'archéologie et d'histoire ancienne*, 2005, p. 151.

⁹⁶ *Ibid.*, p. 151.

Retornaremos essa perspectiva no desenvolvimento do terceiro capítulo, a partir das cartas hititas.

Os textos hititas também fazem menção a uma cidade na costa da Anatólia chamada Wilusa (possivelmente Ilium⁹⁷). O colapso abrupto dessa sociedade ocasionou uma descontinuação nas dinâmicas de poder, influenciando posteriormente o modo como os gregos clássicos enxergaram a si mesmos e ao seu passado. Sobre isso, pode-se afirmar que “memórias vagas de contatos nessa época, especialmente em torno de Wilusa (Troia), devem ter ajudado a moldar a tradição homérica posterior”⁹⁸. Esta cidade é citada no acordo entre Muwattalli II e Alaksandu de Wilusa. Alguns autores que defenderam a teoria grega, entre os quais seu inaugurador Emil Forrer, alegaram também que Ahhiyawa representaria os micênicos e, portanto, os textos hititas conteriam possíveis correspondências com os personagens da epopeia homérica⁹⁹. Alaksandu de Wilusa, seria, portanto, Paris¹⁰⁰. É aqui que a guerra demonstra um papel central para a Antiguidade, como conexão ao passado longínquo e a identidade, presente.

A Grécia Micênica ganhou maior repercussão após as escavações do arqueólogo amador Henrich Schliemann que, ao buscar a Troia homérica, encontrou vestígios materiais do período micênico em Hisarlık (Turquia). Os gregos micênicos, como visto, assentaram-se na Grécia continental em meados de 1600. Nesse período, dominaram e exerceram sua influência por todo o território do Egeu¹⁰¹. Essa sobreposição se deu a partir do domínio da população minoica anterior na Ilha de Creta, durante o processo de desenvolvimento e complexificação da sociedade micênica. Trata-se de um povo baseado na produção agrícola e no comércio, tendo como sistema de escrita o linear B, inspirado no sistema de escrita da sociedade minoica (linear A). A escrita era usada como forma de registro da administração palacial, além de ser um dos suportes para a construção de sua história. Os arquivos

⁹⁷ Em latim, Troia.

⁹⁸ Tradução nossa de ““Dim memories of contacts in this time, especially around Wilusa, the later Troy, must have helped to shape the later Homeric tradition” (p. 333). BACHVAROVA, Mary R. *Contacts among Ahhiyawa, west Anatolia, and the Hittites in the Late Bronze Age: the beginnings of a cultural memory about the Trojan War?* In: BACHVAROVA, Mary R. *From Hittite to Homer: The Anatolian Background of Ancient Greek Epic*. Cambridge University Press, 2016, p. 333-342.

⁹⁹ GÜTERBOCK, Hans G. The Hittites and the Aegean World: Part 1. The Ahhiyawa Problem Reconsidered. *American Journal of Archaeology*, v. 87, n. 2, p. 133-138, 1983, p. 133.

¹⁰⁰ MOREU, Carlos J. Alaksandu of Wilusa and the Prince Alexandros of Troy. *Academia.edu*, 2022.

¹⁰¹ FIELDS, Nic. *Mycenaean citadels c. 1350-1200 BC*. Osprey Publishing, 2004, p. 53.

contendo a documentação dos palácios em linear B¹⁰², em conjunto com as cartas diplomáticas de outros impérios foram encontrados em diferentes sítios como Micenas, Pilos, Cnossos, Tirinto, Argos e Tebas¹⁰³.

O sistema linear de escrita micênica tem como principal funcionalidade a administração econômica e política dos palácios. Teve como suporte material tabletes de argila, vasos e selos, além de serem armazenados em arquivos nos grandes palácios, como Cnossos e Pilos¹⁰⁴. O conteúdo dos arquivos, portanto, dizia respeito às quantidades e informações sobre objetos e produtos, não havendo ou não sendo preservados, escritos sobre os aspectos mais quotidianos da sociedade. Importante ressaltar que, os tabletes que chegaram à Modernidade foram conservados na Antiguidade devido aos constantes incêndios que marcam um período turbulento de destruição e conflito no mundo micênico¹⁰⁵. Ainda sobre sua caracterização, a sociedade micênica foi altamente hierarquizada. No topo da “pirâmide” social, encontra-se a figura do *wanax*, o rei-guerreiro. Abaixo, *lawagetas*, líderes religiosos, e *damos*, representando a comunidade¹⁰⁶. Por último, os escravos, *doeros* e *doera*¹⁰⁷. Além disso, as cidades micênicas foram rodeadas de muros fortificados, contendo um mégaron e cortes. O mégaron foi a estrutura central da organização política micênica, abrigando a autoridade do rei e os tribunais¹⁰⁸. Esse caráter sistemático e complexo de estrutura remete a períodos anteriores de conflitos e desenvolvimentos.

No período anterior à dominação de Creta os micênicos desenvolveram-se em torno de suas capacidades militares e o uso de bronze para a confecção de armaduras e armas. Nessa ocasião, coexistiram com os minoicos, que dominavam rotas comerciais influentes. Os micênicos tiveram que se organizar para reverter esse

¹⁰² Ainda sobre a linear B, cabem algumas considerações. Esse sistema de escrita contém um conjunto de sinais entre silabogramas, ideogramas, medidas e pesos e sinais numéricos. Silabogramas representam como valor silabas que podem ter sentidos isolados (um só sinal) e em conjunto (formando palavras). Os ideogramas (logogramas) representam conceitos complexos, como cavalo, homem e roupa. Além disso, há sinais para medidas e pesos e os sinais numéricos, que seguem o sistema decimal e são representados por pontos e traços. HOOKER, James T. *Linear B: an introduction*. Bristol Classical Press, 1980, p. 35-44.

¹⁰³ Para uma categorização de fontes micênicas, ver: <https://damos.hf.uio.no/1>.

¹⁰⁴ MONZANI, Juliana Caldeira. O sistema administrativo micênico a partir dos documentos em Linear B. Heródoto: *Revista do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Antiguidade Clássica e suas Conexões Afro-asiáticas*, v. 5, n. 1, p. 43-59, 2020, p. 45.

¹⁰⁵ *Ibid.*, p. 46.

¹⁰⁶ A tradução de *damos* por “comunidade” coube a Hooker. HOOKER, John. *Mycenaean Greece* (Routledge Revivals). Routledge, 2014, p. 184-185.

¹⁰⁷ FIELDS, Nic. *Op. Cit.*, p. 57-58.

¹⁰⁸ FIELDS, Nic. *Op. Cit.* p. 19-20.

quadro e o desenvolvimento naval foi de suma importância para tornarem-se guerreiros marítimos¹⁰⁹. Assim, “por dentro das rotas de comércio dominadas pelos minoicos, os gregos aprenderam a negociar de forma pacífica”¹¹⁰. Isso implica numa progressiva inserção micênica em um contexto de maior escala, antes dominado pelos minoicos e que passou a se reverter a partir de 1500, apesar de ainda demorarem para assumir a posição de domínio numa talassocracia¹¹¹.

Com a consolidação do domínio micênico em 1400¹¹², a região de Cnossos foi tomada e, as estruturas palacianas minoicas em Creta apropriadas pela Grécia continental. As construções deram ênfase em grandes muros para proteção contra invasões, tanto internas quanto externas. Observa-se, assim, uma complexificação da sociedade micênica após domínios e expansões. Na agricultura, arquitetura e cultura, muitos artesãos, artistas e escribas minoicos passaram a integrar-se a esta sociedade, contribuindo culturalmente e socialmente com sua formação¹¹³. Esse período inicial de expansão micênica não somente sobre Creta, mas também pelas Cíclades e pela Ásia Menor, veio acompanhado de conflitos com os povos desses territórios, como os hititas na Anatólia¹¹⁴.

As discussões sobre a forma com que os micênicos garantiram a dominação do mundo Egeu são complexas. O que se sabe, no entanto, é que “(...) quando os micênicos dominaram Creta, também tomaram as rotas internacionais do Egito e do Oriente Próximo. Eles se tornaram, relativamente, jogadores no mundo cosmopolita”¹¹⁵. Politicamente, essa hierarquia insere-se num sistema político centralizado em torno da figura do rei. Nesse sentido, há maior consenso na tese de que os micênicos se organizaram numa variedade de assentamentos independentes, cujo papel dos palácios na administração foi central¹¹⁶. No entanto, o funcionamento dos palácios, do controle de recursos e terras no mundo micênico reflete uma

¹⁰⁹ GLASSMAN, Ronald M. *The origins of democracy in tribes, city-states and nation-states*. Springer, 2017, p. 752.

¹¹⁰ Tradução nossa de ““Within those Minoan dominated trade routes, the Greeks learned to trade peacefully” (Ibid., p. 753).

¹¹¹ GLASSMAN, Ronald M. *Op. Cit.*, p. 753-754.

¹¹² Ibid., *Op. Cit.*, p. 759.

¹¹³ Ibid., p. 753.

¹¹⁴ Ibid., p. 760.

¹¹⁵ Tradução nossa de “(...) when the Mycenaeans took over Crete, they also took over the international trade routes to Egypt and the Near East. They (relatively) suddenly became players in the cosmopolitan world (...)”. CLINE. *Op. Cit.*, p. 39.

¹¹⁶ SHELMEARDINE, Cynthia W. 3 Mycenaean palatial administration. In: *Ancient Greece*. Edinburgh University Press, 2022. p. 73-86, p. 73.

realidade complexa e não uniforme¹¹⁷. Os palácios apesar de terem certa independência, possuíam uma coesão militar baseada em uma política de defesa e expansão¹¹⁸. Porém, como visto, esse processo veio a encontrar obstáculos para a manutenção desse *status* de unificação micênica e, com o colapso e destruição dos palácios, a organização grega modificou-se.

Podemos perceber que a Grécia Micênica possuiu uma organização político-social complexa, derivada de influências e desenvolvimentos pré-históricos, excedendo o local e o regional. Com isso, apontamos para a conectividade Micênica na Idade do Bronze no mundo mediterrâneo. Durante o Bronze Médio, as relações entre a Ilha de Creta, a Grécia continental e as Ilhas Cícladas foram relativamente balanceadas, no sentido de uma “política de pares”¹¹⁹. A pesquisadora alemã Ina Berg constatou a existência de sete redes¹²⁰, sendo Creta o centro e as demais semiperiferias¹²¹. Já no final da Idade do Bronze, esse contexto modificou-se devido ao desequilíbrio sistêmico causado pela invasão micênica¹²².

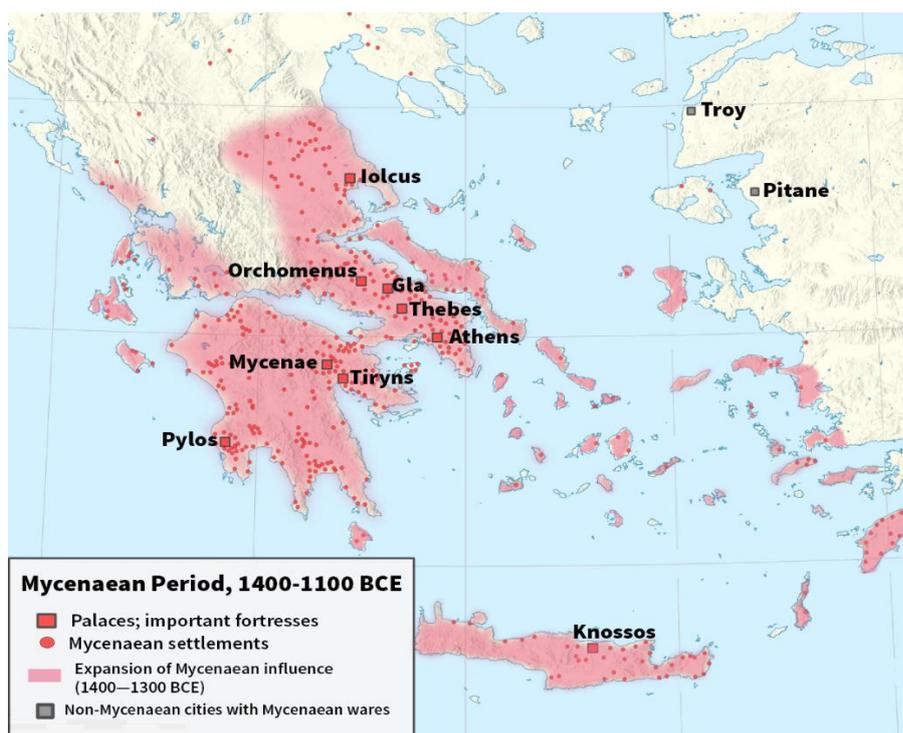


Figura 1: Mapa da Grécia Micênica em 1400-1200 aEC. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Mycenaean_World_en.png.

¹¹⁷ Ibid., p. 74.

¹¹⁸ GLASSMAN, Ronald M. *Op. Cit.*, p. 754.

¹¹⁹ BERG, Ina. The southern Aegean system. *Journal of World-Systems Research*, p. 474-485, 1999. p. 482.

¹²⁰ São: “Creta, Mélos, Grécia Continental, Citera, Egina, Ceos e Thera (...)”. Ibid., p. 474.

¹²¹ Ibid., p. 474.

¹²² Ibid., p. 477.

Percebe-se, então, a competitividade micênica com a Ilha de Creta resultou no processo de “periferização” e “exploração periférica” do mundo egeu¹²³. Isso quer dizer que as semiperiferias tiveram menos contatos em suas redes, de forma a tornarem-se mais periféricas ao sistema¹²⁴. A partir disso percebemos que a existência de redes dentro desse sistema regional entre a Grécia continental e o mar Egeu possuiu suas próprias dinâmicas internas, de forma a configurarem um sistema internacional próprio, no sentido de excederem o âmbito local. No entanto, nesse sistema não houve a existência de um único espaço dominando todo o restante, por mais que Creta possuísse maiores expressões. Isso ocorre também entre as sociedades do Oriente Próximo e podemos constatar a diferença exponencial com o sistema-mundo moderno, em que os centros dominavam as periferias de forma generalizada.

Uma interpretação que se faz a respeito das dinâmicas do mundo Egeu, é o que diz respeito a mudança. Alguns autores vão dizer que a Idade do Bronze grega não observou grandes mudanças paradigmáticas, de modo que concluem por uma situação de estabilidade. Outros, no entanto, atentam para o perigo dessas pontuações, uma vez que,

O vocabulário rigorosamente limitado, a uniformidade quase rígida da linguagem, a formulação entrecortada dos textos, e mesmo as formas estilizadas e as linhas das tabuinhas – tudo isso é a marca de uma longa tradição de escribas, de uma pequena classe profissional com seu jargão peculiar, conservando registros que ninguém mais precisava ler (...). Aí, estou certo, está a chave para a notória falta de adaptação da escrita à língua grega¹²⁵.

Mais específica da região próximo-oriental, a agricultura e pecuária destacaram-se nessas sociedades compostas por forte caráter rural e familiar¹²⁶. Compostas por uma estrutura baseada em templos e, posteriormente, majoritariamente palacial, nos reinos e impérios levantinos coexistiam organizações estruturadas em que a taxaço e redistribuiço eram controladas pelos centros de poder¹²⁷. Na Babilônia, a partir do segundo milênio iniciou-se a centralizaço do poder

¹²³ Ibid., p. 480.

¹²⁴ Ibid., p. 480.

¹²⁵ FINLEY, Moses I. *Economia sociedade na Grécia Antiga*. 1989. p. 220.

¹²⁶ REDE, Marcelo. *A mesopotâmia*. Editora Saraiva, 2001, p. 17.

¹²⁷ CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. *Sociedades do antigo oriente próximo*. Ática, 1986. p. 43-36.

em si, coexistindo com a presença de inúmeras “cidades-estados”¹²⁸. O historiador Marc Van de Mieroop também pontua que “não há nenhuma divisão cronológica clara entre os momentos de fragmentação política e aqueles de centralização”¹²⁹, e sistematizar essa história não interessa particularmente à nossa investigação. O importante, no entanto, é o entendimento de que a variação do equilíbrio de poder na Era do Bronze pode ser observada pelas cartas diplomáticas, e essa dinâmica fundamenta muitos anseios e ações dos reis, como desenvolveremos no terceiro capítulo.

2.1.1 Entraves da teoria do Sistema Mundo para a Antiguidade

Pensar o mundo micênico em relação ao Oriente Próximo e o Egito é pensar em termos que excedem o local. Nesse viés, abordagens sociológicas, históricas e antropológicas motivaram uma busca pelo entendimento dos sistemas internacionais, gerando teorias como as de Immanuel Wallerstein e seu Sistema Mundo (1974). O sociólogo estadunidense contribuiu significativamente para o estudo de estruturas políticas em escalas mundiais desde a década de 1970, com a publicação de seu *The modern world-system*. A obra dá enfoque ao estudo da modernidade capitalista, sendo alguns de seus fundamentos a existência de um sistema de interdependência econômica entre centros e periferias do mundo. Esse sistema teria começado na modernidade do século XVI¹³⁰, com o desenrolar do sistema capitalista europeu e sua difusão massacrante pelo restante do globo. Para ele, a existência de uma economia-mundo pressupõe a divisão social de trabalho inerente ao sistema capitalista, dentro de uma realidade marcada pelo acúmulo contínuo de capital e a divisão da sociedade em classes. Períodos anteriores à modernidade seriam caracterizados por economias-políticas, apresentando uma estrutura política dominante, “impérios-mundo”, o que não se observa no século XVI. Para ele, as instituições básicas do sistema capitalista são “o mercado (.), as firmas (...), os múltiplos Estados, dentro de um sistema de interestado, as famílias, as classes, e os grupos-status (...)”¹³¹. Ainda,

¹²⁸ VAN DE MIEROOP, Marc. *Op. Cit.*, p. 86.

¹²⁹ Tradução nossa de: “There is no clear chronological division between the moments of political fragmentation and those of centralization” *Ibid.*, p. 86.

¹³⁰ WALLERSTEIN, Immanuel. *World-systems analysis: An introduction*. duke university Press, 2020.

¹³¹ *Ibid.*, p. 24.

Nós veremos que o sistema capitalista requer uma relação muito especial entre produtores econômicos e os detentores do poder político. Se o último é muito forte, seus interesses vão sobrepor aqueles dos produtores econômicos, e a infinita acumulação do capital irá parar de ser uma prioridade¹³².

Maurice Dobb¹³³ ressalta a complexidade de definição do termo capitalismo, mostrando a diversidade de interpretações e concepções sobre ele. Assim, propõe uma abordagem histórica do capitalismo, criticando algumas tradições econômicas que o desvinculam à sua historicidade. Em sua obra, pontua também concepções sobre o capitalismo importantes para a análise histórica. A primeira noção é a de Werner Sombart, que em sua argumentação afirma que o capitalismo se ancora na concepção de espírito, partindo da articulação entre “espírito de empreendimento” e o “espírito burguês”¹³⁴. Sombart trata do espírito de empreendedorismo que busca o lucro, relacionando-o com a racionalidade econômica de Max Weber. Outra concepção é a de Marx, com e sua ênfase no modo de produção. Marx interliga as forças produtivas às relações sociais entre a sociedade subordinada a ele. Assim, o capitalismo em Marx baseia-se na separação da sociedade em classes, identificando apenas uma pequena parcela detentora da comunidade como do capital e da propriedade, subordinando como força de trabalho todo o restante¹³⁵.

O importante da discussão sobre o capitalismo em Dobb é que observamos que os sistemas não possuem uma forma pura. Em quaisquer épocas históricas há sempre a persistência de elementos passados. Cada período se modela a partir de uma 'forma econômica única'¹³⁶. Essas perspectivas modernas caracterizam o capitalismo dentro de sociedades em que o aparelho Estatal existe (Sombart, Weber, Marx). No entanto, apesar do conceito moderno de “Estado” ser largamente utilizado para se referir às sociedades do passado, as comunidades pré-modernas não conformaram Estados e tampouco desenvolveram a noção de um mercado global ideológico, movido por uma estrutura organizada e generalizada. Portanto, as formulações econômicas modernas podem elucidar problemas-chaves para a nossa sociedade moderna e/ou pós-moderna, mas no que diz respeito à Antiguidade, deverão contribuir para orientar nossos olhares sobre novas problemáticas e

¹³² Ibid., p. 24.

¹³³ DOBB, Maurice Herbert. *A evolução do capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. p. 3-24.

¹³⁴ Ibid., p. 5-8.

¹³⁵ Ibid., p. 3-24.

¹³⁶ Ibid., p. 10.

preocupações, embora não como modelos teóricos *a priori* (como o caso do modo de produção asiático) e sem uma minuciosa investigação. Wallerstein distinguiu as regiões desiguais do sistema moderno entre centros e periferias, investigando o desenrolar do sistema capitalista. Sua teoria do sistema-mundo influenciou análises diversas em escalas globais. Ademais, não há consenso sobre a utilização e transposição do conceito de sistema-mundo para as sociedades pré-modernas. Antes da explicitação sobre as controvérsias dessa associação, é preciso retornar ao nosso objeto e especificar mais aspectos sobre a organização micênica.

Voltando à Era do Bronze, nota-se que, contrastada pela diversidade de vestígios materiais da região próximo oriental antiga (que abrange economia, cultura, política, religião), a Grécia Micênica é limitada quanto à natureza de seus vestígios em Linear B, sendo em sua maioria quantitativos. Os textos, nesse sentido, são essencialmente descritivos e abordam o trato com a propriedade, as quantidades de animais, a distribuição de tributos e ferramentas. Para tanto, apesar de serem restritos quanto aos seus conteúdos, ainda são fornecem meios para investigarmos a organização social e política dessa sociedade.

Cabe salientar que as tabuinhas em Linear B eram advindas dos palácios e, portanto, indicam a existência de uma economia palaciana pautada em hierarquias, especializações e produção em larga escala¹³⁷. Isso significa dizer que existiu uma economia centralizada, que obtivesse os meios necessários para organizar o controle de todas essas atividades. Haja vista a inexistência de referências ao exterior nas fontes em Linear B, Finley também postula que um meio para se compreender e analisar esse contexto se apresenta a partir da sincronicidade dos micênicos com os demais reinos da Idade do Bronze, comparando-os¹³⁸. Neste viés, cabem perspectivas globais.

Como pontua o historiador alemão Sebastian Conrad¹³⁹, a história global entende-se através de três variações: “como uma história de tudo; como uma história das comparações e como uma história baseada no conceito de integração”. Portanto, não existe somente a alternativa de uma história comparativa, sendo o conceito de integração essencial para o entendimento dessa perspectiva. Janet Abu-Lughod, particularmente no livro *Before European Hegemony: The World System AD 1250-*

¹³⁷ FINLEY, Moses. *Op. Cit.*, p. 222-223.

¹³⁸ *Ibid.*, p. 228.

¹³⁹ CONRAD, S. *Op. Cit.*, p. 6.

1350 (1989)¹⁴⁰, ao demonstrar os contatos comerciais ocorridos nos séculos XIII e XIV entre os três continentes do Velho Mundo (Europa, África e Ásia), atesta que tal interdependência é anterior ao século XVI, demonstrando uma globalidade nas sociedades pré-modernas. No mundo pré-moderno, entre os séculos XIII e XIV, não há um único centro hegemônico, indicando as múltiplas conexões ocorridas nesse contexto. Recuando ainda mais recuado no tempo, percebemos que no período do Bronze Antigo as relações inter-regionais e internacionais eram guiadas por cadências de centralização e fragmentação do poder entre os impérios constituintes deste sistema internacional específico¹⁴¹.

Quanto as controvérsias sobre pensar na aplicação do conceito de sistema-mundo para outros períodos, o antropólogo estadunidense Phil Kohl critica a teoria de Wallerstein, denunciando seu “determinismo teleológico”¹⁴². Nesta análise, o autor critica a justaposição inflexível do sociólogo, que diferencia e dicotomiza o antigo e o moderno, destacando uma abordagem primitivista. Critica também a asserção de Wallerstein em definir as economias antigas como impérios com forte unidade política, o que necessariamente não se constata por toda a Antiguidade¹⁴³. Ao contrário, seu argumento central sustenta que:

a aplicação do modelo de Wallerstein de um sistema-mundo para períodos antigos não implica na rejeição do argumento substantivista para diferenças e incompatibilidades, a posição que se agarra a outros problemas além da articulação da separação das sociedades em redes externas de trocas¹⁴⁴.

Assim, o modelo deve ser utilizado e testado para a realidade da Antiguidade, a fim de que sua viabilidade seja verificada. Uma segunda crítica, advém de um teórico evolucionista que se identifica com a teoria de Wallerstein, o sociólogo Stephen Sanderson (2019)¹⁴⁵. Para este autor as teorias evolucionistas são, em sua crítica,

¹⁴⁰ ABU-LUGHOD, Janet L. *Before European hegemony: the world system AD 1250-1350*. Oxford University Press, USA, 1991.

¹⁴¹ VAN DE MIEROOP, Marc. *Op. Cit.*

¹⁴² KOHL, Philip. The ancient economy, transferable technologies and the Bronze Age world-system: a view from the northeastern frontier of the Ancient Near East. *Centre and periphery in the ancient world*, p. 13-24, 1987.

¹⁴³ *Ibid.*, p. 143-145.

¹⁴⁴ Tradução nossa de “application of Wallerstein’s model of a world system to earlier periods does not imply a rejection of the substantivist argument for essential differences; or incomparabilities, a position which grapples with other issues besides the articulation of separate societies in external networks of exchange”. *Ibid.*, p. 145.

¹⁴⁵ SANDERSON, Stephen K. The evolution of societies and world-systems. In: *Core/periphery relations in precapitalist worlds*. Routledge, 2019. p. 167-192.

mal-compreendidas, e apesar do modelo teórico do sistema-mundo criticar o evolucionismo, se orienta mais por uma abordagem afim¹⁴⁶. Este autor segue a definição de Wright (1983) sobre o evolucionismo, definindo tendências de desenvolvimento na História: o capitalismo, dentro da unidade do sistema-mundo¹⁴⁷. Ele acredita que o estudo teórico-metodológico sobre as sociedades pré-capitalistas podem se beneficiar desta abordagem.

Na esteira dessa discussão, Ratnagar¹⁴⁸ discorda quanto a aplicabilidade da teoria do sistema-mundo na Antiguidade. Faz isso através do estudo das trocas comerciais entre o Eufrates e o Indo do terceiro milênio, diferenciando as economias antigas da moderna. Seu argumento consiste em dizer que

(...) enquanto a Idade do Bronze parece ter uma quantidade de características do modelo de sistema-mundo, o comércio de longa distância não parece depender e contribuir para as estruturas de desigualdades, e se constitui um sistema coerente está aberto a dúvidas¹⁴⁹.

E ainda, “eu considero a Idade do Bronze não apenas outra forma de economia ‘antiga’ mas única em sua dependência por produção de metais escassos de outros lugares”¹⁵⁰. A Antiguidade possui suas especificidades e, abstém de uma característica indispensável da teoria de sistema-mundo: a presença de mercados¹⁵¹. É assim que Samir Amin desenvolve o início de sua investigação sobre a contraposição entre as duas temporalidades. De um lado, o capitalismo emerge enquanto especificidade da modernidade, sob formas desconhecidas até então. Por outro, sua defesa é a de que percebem-se na Antiguidade características de um protocapitalismo, configurando dentro de uma lógica evolucionista. Importante dizer, no entanto, que na sua abordagem critica o eurocentrismo de algumas proposições marxistas sobre dos estágios do modo de produção e salienta que busca estabelecer uma “lei geral”¹⁵².

¹⁴⁶ Ibid., p. 168.

¹⁴⁷ Ibid., p. 171.

¹⁴⁸ RATNAGAR, Shereen. The Bronze Age: unique instance of a preindustrial world system?. *Current Anthropology*, v. 42, n. 3, p. 351-379, 2001.

¹⁴⁹ Ibid., p. 352.

¹⁵⁰ Ibid.; p. 352.

¹⁵¹ Ibid., p. 352.

¹⁵² AMIN, Samir. The ancient world-systems versus the modern capitalist world-system. *Review (Fernand Braudel Center)*, p. 349-385, 1991. P. 349-351.

2.2 Síntese econômica: o colapso da Idade do Bronze

O colapso sincrônico dos reinos da Idade do Bronze indica a existência de um sistema integrado. Apesar da falta de consenso sobre a utilização do conceito wallersteiniano de sistema mundo para esse período, é evidente que existiram trocas e reciprocidades para além das fronteiras locais e regionais. A intencionalidade é bem conhecida na Idade do Bronze e, portanto, a desestruturação das redes, em massa, poderia indicar a presença de uma lógica sistemática compartilhada globalmente.

A contraposição inflexível entre antigo e moderno pode tanto ressaltar as diferenças inegáveis entre os dois contextos históricos, quanto abrir espaço para perspectivas superficiais e direcionadas a uma evolução unilateral da Antiguidade para a Modernidade capitalista europeia. A transposição de conceitos, como a ideia de sistema-mundo, portanto, precisa atentar-se cuidadosamente a esses perigos. Nesta perspectiva, é importante evidenciar outras direções que podem contribuir para o estudo da economia e das redes da Idade do Bronze. Finley, ao criticar o paradigma eurocêntrico, afirma que “é necessário arrancar pela raiz todas as ervas daninhas e considerar essas relações sociais como algo novo e diferente”¹⁵³. Isso implica dizer que é preciso atentar para os limites e as possibilidades interpretativas sobre os micênicos, buscando compreendê-los a partir de si mesmos e através dos outros, numa dinâmica multifacetada e integrada, e não suplantando modelos alheios e adequando-os.

O fim dramático da Idade do Bronze e de seus interlocutores foi fortemente influenciado pela teoria da chegada dos povos do mar, que teriam catalisado as destruições sistêmicas. No então, não se pode afirmar que essa tenha sido a única explicação para que esse complexo sistema internacional tenha sido colapsado. É a partir desta perspectiva que Cline afirma que

deve ter sido esse internacionalismo que contribuiu para o desastre apocalíptico que deu fim à Idade do Bronze. As culturas do Oriente Próximo, Egito e Grécia parecem ter sido tão entrelaçadas e interdependentes em 1177 aEC que a queda de uma trouxe a queda das outras e, uma após a outra, as civilizações que floresciam foram destruídas por ações do homem ou natureza ou uma combinação letal de ambos¹⁵⁴.

¹⁵³ FINLEY, Moses. *Op. Cit.*, p. 229.

¹⁵⁴ Tradução nossa de “Tradução nossa de ““It may have been this very internationalism that contributed to the apocalyptic disaster that ended the Bronze Age. The cultures of the Near East, Egypt, and Greece seem to have been so intertwined and interdependent by 1177 BC that the fall of one ultimately brought down the others, as, one after another, the flourishing civilizations were destroyed by acts of man or

Assim, os impérios e povos de cidades levantinas como Ugarit, em conjunto com a Anatólia hitita e o Mediterrâneo micênico (além de afetar regiões adjacentes), vivenciaram um processo simultâneo de colapso por volta de 1200, seguidos de uma “Idade Obscura”. No caso grego, esse momento vai desde a destruição dos palácios micênicos até o Período Arcaico, ou seja, de 1200 a 800 aEC. Neste ínterim, há uma vasta produção artística, configurando o momento de produção dos poemas homéricos no âmbito da tradição oral daquele contexto.

2.3 Políticas que circundam: Anatólia e Egito

A ascensão de grandes impérios no Oriente Próximo definiu as formas com que os reis agiam e se comportavam. Como visto anteriormente, a existência e o crescimento de um centro faziam com que outras regiões fossem-lhe submetidas, uma vez que imperava a lógica de subjugação de reinos e unidades políticas menos dominantes. Na região da Síria-Palestina, por exemplo, o rei hitita colou seus filhos como intermediários. Isso não quer dizer que a existência de centros fortes fosse hegemônica ao ponto de controlar sistematicamente todos os outros atores do sistema. Existem obstáculos para a manutenção da ordem, em que povos como os *kaška* descritos como intrusos, abalavam a ordem sistêmica. Da mesma forma ocorreu com aqueles que se inseriram no sistema, mas cujas ações resultaram no desbalanceamento da ordem vigente, como parece ser o caso entre Ahhiyawa e o Império Hitita. O desenvolvimento de suas fronteiras provavelmente dependeu dos contatos mútuos¹⁵⁵.

Quer fosse ou não por meio do controle direto, os reis do círculo dos grandes poderes definiam os rumos da comunicação e do arranjo sistêmico. O intercâmbio de itens luxuosos e outros produtos também refletiu, na esfera política, na difusão de ideias e hierarquias. Nesse viés, destaca-se o uso do acadiano como língua franca para a escrita das cartas diplomáticas. A necessidade da comunicação, no cenário comercial de bens e pessoas, promoveu uma reorganização sociopolítica. No terceiro milênio os reinos eram unidades políticas fragmentadas. Já no segundo, com o

nature, or a lethal combination of both”. CLINE, Eric H. 1177 BC: The Year Civilization Collapsed. *American Journal of Archaeology*, v. 120, n. 3, 2016. p. 171.

¹⁵⁵ BERG, I. *Op. Cit.*, p. 473.

crescimento urbano, o sistema complexificou-se. É preciso rever, dessa forma, o caso local dos centros para entender a lógica do sistema que protagonizam.

Hattusili I (1650-1620)¹⁵⁶ foi o primeiro rei hitita, sendo o fundador dessa entidade política centralizada ainda no século XVII, estabelecendo Hattuša como sua capital¹⁵⁷. É marcado por sua historicidade, que foi mais bem documentada que a de outros governantes. O processo de sua fundação caracterizou-se pelo domínio de outros povos da Anatólia, tendo reações e obstáculos como as ofensivas feitas pelo território fronteiriço de Arzawa, de um lado, e os hurritas, de outro¹⁵⁸. Além disso, ainda enfrentaram ameaças vinda dos povos kaška¹⁵⁹. Teve como sucessor, seu neto Mursili I (1620-1590), pois seus filhos rebelaram-se contra ele¹⁶⁰. O reinado de Mursili I¹⁶¹, no entanto, não prosperou, e tem como marcas a destruição de Aleppo e da Babilônia, o que culminou num vácuo de poder e na fragmentação política da Mesopotâmia¹⁶². Ponto importante sobre sua governança foi a sua expectativa de manter a ordem, mais do que a preocupação pela dominação e expansão territorial¹⁶³.

Mursili I foi assassinado e sucedido pelo seu cunhado Hantili I (1590-1560), configurando aqui um cenário de instabilidade marcado por um conflito maior entre os hititas e os hurritas¹⁶⁴. Nele, “o estado hitita não iria emergir como um jogador significativo no cenário internacional até o século XIV”¹⁶⁵. Continuou, no entanto, um sangrento movimento de conflitos pela sucessão. Pois Hantili I, também assassinado, foi sucedido pelo seu filho Ammuna, executado por Huzziya (-1526), que assumiu o poder¹⁶⁶. Huzziya, no entanto, sofreu um golpe e, Telipinu¹⁶⁷ (1525-1500) assumiu o trono. Nestes reinados o que se percebe é a intersecção de três povos “invasores”

¹⁵⁶ As datas dos reinados são as presentes em BRYCE, Trevor. *The kingdom of the Hittites*. OUP Oxford, 2005.

¹⁵⁷ COLLINS, Billie Jean. *Op. Cit.*, p. 37.

¹⁵⁸ COLLINS, Billie Jean. *Op. Cit.* p. 37-39.

¹⁵⁹ VAN DE MIEROOP, Marc. *Op. Cit.*, p 121.

¹⁶⁰ *Ibid.*, p. 121.

¹⁶¹ Provavelmente Mursili aliou-se aos Kassitas, a fim de conter os contínuos ataques dos Hurritas. Queria mais assegurar sua posição do que expandir (Collins p. 40).

¹⁶² *Ibid.*, p. 121.

¹⁶³ COLLINS, Billie Jean. *Op. Cit.*, p. 40.

¹⁶⁴ *Ibid.*, p. 41.

¹⁶⁵ VAN DE MIEROOP, Marc. *Op. Cit.*, p 121.

¹⁶⁶ COLLINS, Billie Jean. *Op. Cit.*, p. 41.

¹⁶⁷ A figura de Telipinu é simbólica, pois representa a “restauração da ordem” através de leis, de uma tentativa de controle sobre os conflitos de sucessões, apoiando-se na mitologia. COLLINS, Billie Jean. *Op. Cit.*, p. 41.

que colidem com os interesses de Hatti: os kaška, os hurritas e a população do reino de Arzawa¹⁶⁸.

Tudhaliya II (1360-1344) foi responsável pelo estabelecimento de um Império, iniciando o período do Novo Império Hitita, de 1400 a 1200¹⁶⁹. No contexto do seu reinado os hititas possuíam muitos obstáculos para a manutenção e o aumento do seu poder pela Anatólia e esse cenário continuou posteriormente. Foi durante o seu governo que ocorreram motins e insurreições contra o poderio hitita na região da Anatólia liderados pela região de Assuwa. Este levante foi denominado como “Confederação Assuwa”¹⁷⁰. A situação após a derrota de Assuwa ainda não era favorável, pois ao norte os hititas encontravam os kaška, enquanto na Síria ocorria um conflito territorial entre Hatti e Mitani¹⁷¹, inclusive no qual se envolveu também o Egito, apoiando Mitani contra Hatti¹⁷².

Como sucessor, Tudhaliya designou seu genro Arnuwanda I¹⁷³. Durante seu governo, outra ameaça aos hititas se apresentou pelos entraves ocorridos entre Madduwatta e Attarisiya, o “homem de Ahhiyawa”. Aqui a política hitita em relação ao Ocidente nesta época foi a de não intervenção¹⁷⁴. Tal política se explica porque “as terras ocidentais tiveram a tendência de formar coalizões, que poderiam ultimamente se provar bastante perigosas para o reino hitita, e os interesses hititas na região parecem ter sido se restringindo a limitar tal ameaça”¹⁷⁵. Ainda,

as políticas hititas para lidar com o Ocidente nesse tempo geralmente foram não arriscar a segurança hitita em outras fronteiras intervindo militarmente. Enquanto Madduwatta tenta não constituir uma ameaça direta para Hatti, os reis hititas puderam bancar suas ambições no Oeste¹⁷⁶.

Após Arnuwanda I, seu filho Tudhaliya III ascendeu ao trono. Teve como conquistas conter os kaška e retomar a cidade de Nenassa. No entanto, enfrentou as

¹⁶⁸ Na transição para o ano de 1440 (de enfoque aqui) temos os reis Alluwamma, Tahirwailoi, Hantili II, Zidanta II, Huzziya II e Muwattalli I (datando de 1500-1400). Ibid., p. 37-42.

¹⁶⁹ Ibid., p. 42.

¹⁷⁰ Ibid., p. 43.

¹⁷¹ Acordo entre Artatama e Tuthmosis IV.

¹⁷² COLLINS, Billie Jean. *Op. Cit.*, p. 44.

¹⁷³ Ibid., p. 44.

¹⁷⁴ Ibid., p. 45.

¹⁷⁵ Tradução nossa de “The western lands had a tendency to form coalitions, which could ultimately prove very dangerous for the Hittite kingdom, and Hittite interests in the region seem to have been restricted to limiting such a threat”. Ibid., p. 43.

¹⁷⁶ Tradução nossa de “Hittite policy in dealing with the west at this time generally was not to risk Hittite security on other fronts by intervening militarily. So long as Madduwatta posed no direct threat to Hatti itself, the Hittite kings could afford to let him satisfy his ambition in the west”. Ibid., p. 45.

chamadas “invasões concêntricas”, um conjunto de cidades e províncias invadiram, conquistaram, e tiveram conflitos com Hatti, chegando a queimar a capital Hattuša¹⁷⁷. Seu sucessor, Supiluliuma I lidou com o desenrolar de uma política internacional centrada na Síria¹⁷⁸. Ainda enfrentando os kaška e Mitani, os hititas perceberam as complicações para a manutenção do domínio da Síria¹⁷⁹. Com o Egito, também apresentou conflitualidades após receber a carta da viúva de Amenófis IV e enviar um filho para o Egito¹⁸⁰. Depois de conquistar a Síria, de um lado Supiluliuma colocou no poder seus filhos Telepino (Aleppo) e Piyashsili (Karkemish). Ao final, “Supiluliuma deixou um reino ampliado, mas com poucas energias e recursos após trinta anos de guerras ininterruptas”¹⁸¹.

Arnuwanda II, que seria o herdeiro do trono de Hatti, morreu antes de ascender, passando o poder para Mursili II. Seu reinado foi caracterizado pela reestruturação de Hatti¹⁸². Também focou na continuidade da expansão territorial de seu pai, preservando nos anais hititas a narrativa sobre suas conquistas. Focando-se nos conflitos na Síria e em Arzawa, Mursili II enfrentou também muitas cidades do Levante que rebelaram-se contra Hatti¹⁸³. O Egito, nesse período, enfrentou uma crise interna e não se engajou na disputa política contra os hititas¹⁸⁴. Mursili II venceu os motins dos reinos controlados por Arzawa (Kuwaliya, Khapalla, Shkeha)¹⁸⁵.

Muwattalli II, filho de Mursili II, governou de 1295 a 1272. Foi o responsável por pela transferência da capital para Tarkhuntashsha durante um período caracterizado pelos expansionismos egípcio e assírio¹⁸⁶. Após sua morte, Hatti enfrentou uma crise, dividindo-se entre o norte e o sul¹⁸⁷. Urkhi-Teshup, filho de Mursilli II, retornou a capital para Hattuša, mas sofreu um golpe por seu tio Hattusili III, que tomou o poder¹⁸⁸. Durante este contexto firmou-se um tratado de paz entre Hatti e o Egito, sob Ramsés II¹⁸⁹.

¹⁷⁷ Ibid., p. 45.

¹⁷⁸ COLLINS, Billie Jean. *Op. Cit.*, p. 420.

¹⁷⁹ Ibid., p. 421.

¹⁸⁰ Ibid., p. 421.

¹⁸¹ Ibid., p. 422.

¹⁸² LIVERANI, Mario. *Op. Cit.*

¹⁸³ Ibid., p. 423.

¹⁸⁴ Ibid., p. 423.

¹⁸⁵ Ibid., p. 423.

¹⁸⁶ Ibid., p. 424.

¹⁸⁷ Ibid., p. 425.

¹⁸⁸ Ibid., p. 425.

¹⁸⁹ Ibid., p. 425.

Tudhaliya IV, filho de Hattusili III, enfrentou o problema do crescente esforço expansionista da Assíria¹⁹⁰. Além disso, expandiu seus domínios sobre Chipre, e foi caracterizado por uma política de construção¹⁹¹. O penúltimo e o último rei, Arnuwanda III e Supiluliuma, respectivamente, deram continuidade à conquista de Chipre e enfrentaram um momento drástico de crise, no qual a Síria já não estava mais sob o domínio hitita¹⁹².

No Reino Novo egípcio, há as influências e feitos das dinastias XVIII, XIX e XX. Porém, quando falamos dos arquivos hititas em Boğazköy, alguns reis merecem destaque ao participarem e serem mencionados pelos hititas. Exemplo disso é Amenophis III. Caracterizado por uma efervescência cultural e riqueza, seu período é significativo ao apresentar uma “universalização das crenças, a sociedade tornando-se mais cosmopolita e aberta”¹⁹³. Já Amenophis IV, por outro lado, ao disputar com o clero de Amon e tentar a imposição de um monoteísmo, instalou uma crise com reverberações exteriores¹⁹⁴. É aqui que se insere a criação da cidade de Amarna e, conseqüentemente, dos arquivos lá encontrados.

2.3.1 A prática da Diplomacia na Idade do Bronze

Antes de falarmos das dinâmicas de interação dos “grandes reis” entre si, é importante resgatarmos alguns aspectos fundantes da comunicação na Idade do Bronze: a linguagem acadiana e as cartas. Em primeiro lugar, as cartas eram escritas por escribas, uma profissão especializada e hierárquica, composta por uma pequena parcela de indivíduos das sociedades do mediterrâneo oriental¹⁹⁵. Os escribas eram arduamente educados nessa profissão, se tornando importantes elementos do sistema internacional, de modo que participaram de campanhas militares, traduziram e levaram as mensagens de um rei para outro, exercendo a dúbia e tênue missão diplomática de intermediar uma comunicação que definiria os rumos políticos em escala global¹⁹⁶. Dessa forma, “eram requeridas performances efetivas para essas

¹⁹⁰ Ibid., p. 427.

¹⁹¹ Ibid., p. 428.

¹⁹² Ibid., p. 428.

¹⁹³ DOBERSTEIN, Arnoldo Walter. *O Egito antigo*. EDIPUCRS, 2010. p. 166.

¹⁹⁴ Ibid., p. 167.

¹⁹⁵ BRYCE, Trevor. *Letters of the great kings of the ancient Near East: The royal correspondence of the late Bronze Age*. Routledge, 2004. P. 52-54.

¹⁹⁶ Ibid., p. 53.

tarefas de conselheiro não apenas uma grande quantidade de habilidades diplomáticas, mas um conhecimento extensivo das questões diplomáticas correntes”¹⁹⁷.

Para indicar a importância dessa tarefa, no Império Hitita, “não menos que 52 escribas eram empregados no Grande Templo do deus da Tempestade na capital Hattuša, mais de um quarto do total de servidores do templo”¹⁹⁸. A maneira com que a comunicação foi guiada passou por uma série de especificações de conduta, permitindo que os mensageiros expressassem as mensagens com formalidade¹⁹⁹. Além disso, eram recebidos com festas exigindo também a entrega de presentes luxuosos por parte dos acomodados²⁰⁰. Porém, essas viagens eram cercadas de perigos que colocaram em risco a vida dos mensageiros, tanto oriundos do meio ambiente, durante o árduo trajeto²⁰¹, quanto de tratamentos não amistosos com os estrangeiros após chegarem ao seu destino. Apesar de serem escoltados por militares e checados pelo rei local, os viajantes a serviço dos reis poderiam presenciar uma mudança nos quadros das relações entre reinos: seu *status* poderia ser prejudicado a depender das circunstâncias²⁰².

Como visto, o idioma padrão da comunicação internacional na Era do Bronze foi o acadiano. A linguagem acadiana possui dois nichos diferentes, o babilônico e o assírio. A língua acadiana tornou-se parte do sistema internacional no segundo milênio, no entanto, como constata Moran, ela foi modificada, agrupada e mixada com dialetos variantes da própria região próxima-oriental, contendo influências de outras línguas, como o hurrita²⁰³. A língua também misturou arcaísmos, resultando nessa “combinação do antigo com o novo que é tão tipicamente provincial e tão distinta da cultura cuneiforme de Amarna”²⁰⁴. Ainda sobre a linguagem da diplomacia, o estudo do acadiano no *corpus* das cartas gerou ainda mais controvérsias sobre sua utilização.

¹⁹⁷ Tradução nossa de “Effective performance of these tasks required of the counsellor not only a high order of diplomatic skills, but also an extensive knowledge of international current affairs”. Ibid., p. 54.

¹⁹⁸ Tradução nossa de “No less than fifty-two scribes were employed in the Great Temple of the Storm God in the Hittite capital Hattuša Hattuša, over a quarter of the temple’s entire personnel”. Ibid., p. 53.

¹⁹⁹ Ibid., p. 58.

²⁰⁰ Ibid., p. 57.

²⁰¹ “From one of Tushratta’s letters to Akhenaten, we learn that a period of three months was considered a commendably short time for a return journey between the Mitannian capital and Akhenaten’s city in middle Egypt”. BRYCE, Trevor. *Letters of the great kings of the ancient Near East: The royal correspondence of the late Bronze Age*. Routledge, 2004. p. 66.

²⁰² Ibid., p. 64.

²⁰³ MORAN, William L. *The amarna letters*. Johns Hopkins University Press, 1992. p. XIX.

²⁰⁴ Tradução nossa de “It is this combination of the old and the new that is so typically provincial and so distinctive of the Amarna cuneiform culture”. Ibid., p. XX.

Shlomo Izre'el (2007) coloca em discussão se o acadiano foi uma espécie de “invenção artificial”, como atesta Rainey em sua obra sobre o arquivo de Amarna, ou se teria sido uma linguagem falada e, portanto, as variações que apresentam seriam originárias dessa realidade²⁰⁵.

O conceito de diplomacia é fundamental para o estudo da Idade do Bronze, uma vez que se constituía como um dos fundamentos do sistema internacional. Ao introduzir a temática, em Adcock e Mosley (1975) apontam para a abundância de exemplos vindos do desenrolar da diplomacia hitita, contrastando-os às lacunas da diplomacia greco-hitita. Com Scoville, percebemos que existiam alguns princípios diplomáticos entre os reis que pareciam irrevogáveis, como a validação de igualdade entre os grandes reis²⁰⁶. A igualdade era expressa por meio de uma retórica de afirmação, usando os termos de reconhecimento mútuo. A retórica, como analisa a autora, existia e revelava a tênue relação entre formalidades diplomáticas e o desejo pelo acúmulo de poder por parte dos reis²⁰⁷.

Nesse cenário, coexistem sociedades fronteiriças, impérios e periferias, em uma gama complexa de relações. Para tanto, há de se discutir a questão da dominação e do “imperialismo” como fatores fundamentais para que se compreenda o âmago das relações diplomáticas entre estes impérios. Como perceptível em algumas cartas, prevalece um espírito diplomático para a resolução de problemas diversos, como conflitos territoriais, mas estes normalmente carregam como pano de fundo a possibilidade de uma guerra.

²⁰⁵ IZRE'EL, Shlomo. Canaano-Akkadian: some methodological requisites for the study of the Amarna letters from Canaan. *the Footsteps of the Hyksos*, p. 1-48, 2007. p. 8.

²⁰⁶ SCOVILLE, Priscila Cristina Nascimento Lopez de. *As cartas vão dizer: as relações interterritoriais na era de Amarna*. 2022. p. 141.

²⁰⁷ *Ibid.*, p. 144.

3 ²⁰⁸: Integração na Era do Bronze e o espaço disputado por Ahhiyawa

A região do Mediterrâneo Oriental possuiu, de um lado, um sistema atrelado à realidade levantina, com a Anatólia hitita e, de outro, comunidade egeia, com os micênicos, cretenses e cicládicos. Previamente apontamos autores que defenderam a ideia da existência de sistemas no plural, como Ina Berg²⁰⁹. Essa concepção não exclui a ideia da existência de um sistema generalizado na Era do Bronze, cujas características principais, percebidas em nossa análise, são a interdependência e a disputa. É essa realidade que pauta a existência das correspondências diplomáticas mencionadas no capítulo anterior, nas quais entrevemos disputas de jogos de poder sincrônicos aos esforços constantes por não obstruir a ordem sistemática. A comunicação estava pautada por paradigmas formais, a fim de que as partes não fossem ofendidas e conseqüentemente um desequilíbrio sistêmico ocorresse. É perceptível na documentação como a desigualdade esteve presente, pela constatação de poderes mais influentes que outros, ainda que não suficientemente para haver um único dominante. O sistema no mundo Egeu esteve, portanto, integrado à realidade levantina, que possuía um histórico diplomático assentado desde a Diplomacia em Ebla²¹⁰.

O conceito de integração guia nossas perspectivas sobre a conectividade embasando-nos na obra Conrad²¹¹. Nesse sentido,

A premissa básica da noção de integração é que nenhuma sociedade pode ser propriamente entendida de maneira isolada, e que a mudança social é parcialmente dependente dos intercâmbios entre grupos. Falar de integração é presumir que esses contatos não são ornamentais e efêmeros, mas causam impactos significativos e são

²⁰⁸ , com a transliteração de MEKHITSTU, significa batalha. SAYCE, Archibald Henry. *An Elementary Grammar of the Assyrian Language in the Cuneiform Type*. S. Bagster and sons, 1904. p. 15.

²⁰⁹ BERG, Ina. *Op. Cit.*

²¹⁰ SCOVILLE, Priscila. *Queremos nos amar como irmãos: uma análise historiográfica das cartas de Amarna e das relações entre Egito e Mitani entre c. 1390–1336 AEC*. 2017. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em História) -Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR. P. 48.

²¹¹ CONRAD, Sebastian. *What is global history?* Princeton University Press, 2016.

recorrentes, capazes de moldar trajetórias de uma forma relativamente consistente²¹².

Dessa forma, temos a proposição da existência de um sistema integrado, cuja conexão era efetuada por meios textuais e materiais, com a distribuição de itens de luxo em larga escala, indicando a presença de um jogo político de poder, cuja lógica pode ter interferido no seu próprio acaso. O século XII marcou o contexto de desestruturação entre centros administrativos que foram completamente destruídos, restando-nos apenas os vestígios desses grandes impérios. Seja qual for a justificativa para o colapso deste sistema, a interdependência entre os atores destas relações diplomáticas, em conjunto com a importância política dos constantes conflitos deste período, fornece algum dos fundamentos que nos permitem entender o caráter definidor da interdependência política dos impérios do Levante e do Oriente Próximo.

3.1 Papéis das guerras nas Antiguidades longínquas

Um dos conflitos mais conhecidos da Idade do Bronze foi a batalha de Kadesh. Entre hititas e egípcios, a batalha assinalou um momento significativo na política internacional, uma vez que resultou em tratados de paz e tréguas entre ambas as partes, "assinalando no mundo antigo a hegemonia comum dos dois grandes países"²¹³. Do lado egípcio, Ramsés II foi o faraó responsável pela campanha militar rumo à Kadesh, enquanto Muwatalli liderava a frente hitita. Kadesh era uma cidade localizada na região síria pertencente primeiramente ao domínio egípcio, dominada posteriormente pelos hititas.

A batalha, portanto, objetivou retomar o território aos egípcios²¹⁴. Anteriormente a esse período, Ramsés II organizou uma campanha pela Síria, reconquistando Amurru, também no domínio político hitita²¹⁵, configurando um contexto de

²¹² DE SOUZA, Felipe Alexandre Silva. Conexões e integração: algumas considerações sobre o paradigma da História Global. *Dia-Logos: Revista Discente da Pós-Graduação em História*, v. 14, n. 2, 2020. p. 16.

²¹³ PETIT, Paul; CAMPOS, Pedro Moacyr; COSTA, Mário. *O mundo antigo*. 1976. p. 30.

²¹⁴ GOEDICKE, Hans. Considerations on the Battle of Kadesh. *The Journal of Egyptian Archaeology*, v. 52, n. 1, p. 71-80, 1966. p. 71.

²¹⁵ VAN DIJK, Jacobus. The Amarna Period and the Later New Kingdom (c. 1352-1069 BC). In: *The Oxford history of ancient Egypt*. Oxford University Press, 2000. p. 272-313. p. 289.

expansionismo militar egípcio, a partir de 1640²¹⁶. O egiptólogo dos Países Baixos, Jacobus Van Dijk, discute sobre as configurações políticas sociais do período do Reino Novo (1352-1069), contexto em que a paz abriu espaço para as relações exteriores com estrangeiros, e no qual Ramsés II refletiu o ideal de glória nas inscrições sobre o conflito²¹⁷. No entanto, é perceptível (com a manutenção dos territórios sob a autoridade hitita) que os domínios não foram retomados pelos egípcios, ao contrário das imagens propagadas pelos ideais do faraó.

Kadesh foi então propagada como uma vitória egípcia. Essa preocupação com a memória e a representação dos egípcios para si mesmos, trouxe à tona a importância dos conflitos para a construção identitária. No caso de Ramsés II, vemos como o expansionismo militar acompanhou o contexto de rivalidade egípcio-hitita. Essa sincronidade é importante quando vista no cenário do Bronze. Ambos os reinos, reconhecidamente centros de poder, mantinham constantes formas de continuarem a ocupar sua posição privilegiada. Além disso, no poema sobre a batalha, “o texto pode ser visto como uma forma de legitimidade do poder do faraó, uma forma de propaganda, e como magicamente foi escrito, ‘magicamente é verdadeiro’. Uma vez descrito o acontecimento, ele passa a existir”²¹⁸.

A medida pela trégua na batalha de Kadesh marca uma característica interessante do sistema do Bronze Antigo, isto é, a não obstrução da ordem. As relações sociais e hierárquicas eram valorizadas pela sociedade mesopotâmica do terceiro milênio, seja pela via diplomática, com a existência de protocolos e comportamentos de respeito entre iguais, seja por outros meios de demonstração do poder, como os banquetes²¹⁹. Sobre a diplomacia presente com a ida de emissários de um reino para outro, por exemplo, “a troca de dons e contra-dons testemunha as boas relações diplomáticas entre dois Estados, a prática deveria ser recíproca e o valor dos objetivos deveria ser equivalente”²²⁰. Isso indica que a balança de poder era, nesse sentido, um *facto* visível às sociedades e elites antigas, e, portanto, a capacidade de negociação seria um pressuposto básico para o bom funcionamento

²¹⁶ GRALHA, Júlio. Kadesh: Guerra, Paz e Legitimidade no Reinado de Ramsés II. In: VARGAS, A., CERQUEIRA, F., GONÇALVES, A., NOBRE, C., SILVA, G. *Guerra e Paz no Mundo Antigo*. Rio Grande do Sul: Laboratório de Antropologia e Arqueologia/UFPEL, 2007. p. 89.

²¹⁷ VAN DIJK, Jacobus. *Op. Cit.* p. 299.

²¹⁸ GRALHA, Júlio. Kadesh. *Op. Cit.* p. 94.

²¹⁹ POZZER, Katia Maria Paim. O banquete do rei e a política nos tempos de paz. In: *Guerra e paz no mundo antigo. Pelotas: Instituto de Memória e Patrimônio*, p. 139-152, 2007.

²²⁰ *Ibid.*, p. 142.

do sistema, sempre tendo em vista a importância da validação mútua. Ao contrário, a não correspondência a tais termos traria consequências.

Nas correspondências, percebe-se que um tema central é a resolução de embates pelas vias diplomáticas. São pontos indispensáveis para a construção do espaço das fronteiras, portanto, uma vez que dada à via de validação de um rei ao outro (por meio do reconhecimento de igualdade política), os interesses políticos e expansionistas de um, seja com alianças ou não, se efetuariam. Portanto, “a guerra é talvez um caso limite, embora tenha se tornado endêmica em alguns momentos do nosso mundo antigo. A fronteira também é, antes de tudo, um espaço de negociação de fronteiras”²²¹. No mundo micênico, essa realidade é também perceptível, pois notamos nas fontes, a constante iminência de enfrentamentos por parte de Ahhiyawa, colocada delicadamente em de termos diplomáticos.

3.1.2 Guerra de Troia: conflito x identidade

As chamadas invasões dóricas marcaram o período de destruição dos palácios micênicos e o desmantelamento da sua sociedade no século XIII. O episódio refere-se à ocupação do território grego pelos dórios, vindos do Norte. Houve, portanto, o que o pesquisador norte americano Ronald Glassman chamou de um retorno ao tribalismo. Isso quer dizer que o antigo sistema político centralizado da Grécia continental, sob domínio micênico, foi destituído num processo longo de esvaziamento, ocasionando uma realidade fragmentar e “tribal”²²². O tribalismo resultou numa Grécia caracterizada pela presença de vilas com populações de estilo mais simples e agrícola do que os antigos micênicos, num momento de migrações da aristocracia pelo mar²²³. Além disso, o autor defende que foi a volta ao “tribalismo” responsável pelo processo de mudança do modelo minoico-micênico para a concentração posterior das póleis gregas, alertando, apesar disso, para as continuidades de vestígios tribais na sociedade grega do período clássico²²⁴. É importante ressaltar que o fim do período micênico não é mais exclusivamente explicado pelas invasões dóricas.

²²¹ GUARINELLO, Noberto Luiz. Ordem, integração e fronteiras no Império Romano: um ensaio. *Mare nostrum*, v. 1, n. 1, p. 113-127, 2010. p. 122.

²²² GLASSMAN, Ronald M. *The Origins of Democracy in Tribes, City-States and Nation-States*. Springer, 2017, p. 774.

²²³ *Ibid.*, p. 776.

²²⁴ *Ibid.*, p. 777.

A Idade Obscura, corrente nesse cenário de invasões, marca um período com poucas evidências e vestígios materiais. É o momento dos poemas homéricos e de uma forte presença de cerâmicas que permitiram uma reconstrução cronológica, estimada entre 1200 e 800 aEC. O que acontece nesse período é um conjunto de conflitos que destruíram grande parte dos palácios micênicos dos séculos XIV e XIII, no terceiro período Palacial²²⁵. Junto com eles, grande parte do acervo cultural desse povo é destruído. Não há mais escrita e o território grego retorna a um saber agrícola, sem que se saiba de fato os motivos do colapso, variando entre os conflitos e crises climáticas²²⁶. Importante ressaltar, no entanto, que não se tratou de um declínio, como visto, pois neste período também surgiram os poemas homéricos²²⁷. Além disso, a utilização do ferro para a confecção de armas configurou uma revolução tecnológica também responsável pela reconfiguração da sociedade grega, marcando sua transição para a Idade do Ferro.

A Guerra de Troia narrada por Homero²²⁸ conta-nos sobre o conflito entre troianos e aqueus. Troia, situada na costa da Ásia Menor, representa semelhanças com a cultura, chegando a manter contatos econômicos com os helenos²²⁹. Giulia Sissa afirma que os gregos e os troianos de Homero são, em tese, populações que partilham os mesmos costumes, as mesmas leis e a mesma religião. Contudo, uma observação salta aos olhos do leitor: dânaos e troicos compartilham, ao menos na audiência de Homero, também a mesma língua. Contudo, esta inverdade poética se dá meramente pelo etnocentrismo do autor/poeta²³⁰. A região teria sido destruída no contexto da expansão micênica²³¹. Esta incursão de deslocamentos micênicos pela Anatólia revela as motivações militares dos aqueus, que reconheciam Troia como uma

²²⁵ DICKINSON, Oliver. *Op. Cit.*, p. 10.

²²⁶ *Ibid.*, p. 11.

²²⁷ FINLEY, M. I. Domínio, família e comunidade. In: FINLEY, M. I. *O Mundo de Ulisses*. Lisboa: Presença, 1982. pp. 71-102, p. 14.

²²⁸ Existem muitas controvérsias no estudo dos poemas homéricos e sobre o próprio Homero, variando sobre a existência de um ou mais poetas que produziram as epopeias, a cronologia, o local de produção, configurando assim a “Questão Homérica”. Em linhas gerais, Homero, um aedo, teria sido o responsável em escrever a *Ilíada* e, depois, a *Odisseia* por volta do século IX e VIII. As obras correspondem, respectivamente, ao percurso de Aquiles nos anos finais da guerra de Troia, seguida da retomada de Ulisses. Escritas em versos em hexâmetro dactílico, as narrativas tiveram suporte na cultura oral grega, também se difundindo através do canto e da recitação. Seu momento de produção, no século VIII, corresponde a o momento de formação das *póleis*. O sistema política grego, não mais monárquico, foi dominado pela aristocracia. FERREIRA, José Ribeiro. *A Grécia antiga*. Lisboa: Edições, 1992, p. 42.

²²⁹ GLASSMAN, Ronald M. *Op. Cit.*, p. 767.

²³⁰ DETIENNE & SISSA. *A Vida Quotidiana dos Deuses Gregos*. Companhia das letras, 1990.

²³¹ GLASSMAN, Ronald M. *Op. Cit.*, p. 766.

localidade destaque político-econômico durante o século XIV²³². A narrativa poética marca um conflito iniciado pelas desavenças após o rapto de Helena. Agamémnon possui um papel importante na época ao mobilizar uma unidade militar, movendo os exércitos gregos contra Troia. Heródoto discorre sobre o plano de Agamémnon, que se volta contra Troia a partir de interesses econômicos e comerciais, objetivando uma expansão dos domínios micênicos. Assim, a guerra ocorreria pela disputa por um entreposto comercial com objetivos expansionistas e militares²³³.

Em síntese, o conflito ocorre sob um pano de fundo importante para a construção da identidade grega. Não nos moldes de representar uma guerra entre Oriente e Ocidente, como sustenta Montanelli²³⁴, uma vez que essa diferenciação tardia carrega o eurocentrismo proveniente das apropriações da Grécia enquanto Ocidente pela Europa dos séculos XVIII e XIX. A guerra, ainda que analisada a partir de Homero, perpetua uma visão etnocêntrica do mundo. Após esse período de intenso conflito, o mundo micênico desestruturou-se, e, enfraquecido, deu maior espaço para as chamadas invasões dóricas e a conseqüente “Idade Obscura”.

O mundo representado por Homero, no entanto, é o da Idade do Bronze. Porém, fica perceptível a manutenção de uma visão mantida por comunidades, parentescos, do *oîkos* e de instituições como a assembleia, além da romantização desse passado. Esse mundo foi produzido no cenário da “Idade Obscura”. Apesar de ter como ambientação o Período Micênico, configura uma realidade dele distante, ora de semelhança, ora de divergência com sua realidade concreta. Ele retrataria, de fato, os séculos VIII e VII AEC²³⁵. As contradições perpassam, por exemplo, pelas práticas mortuárias (em Homero, a incineração é típica da Idade do Ferro) e na presença de armas relativas ao período geométrico (900-700)²³⁶ e não Idade do Bronze. Além de, “os capacetes com dentes de javali, serem indubitavelmente micênicos, ao contrário da cremação dos mortos, que indica um uso posterior”²³⁷. Romilly ainda afirma que, nas obras, a confusa utilização de carros nas batalhas se volta mais ao transporte do

²³² Ibid., p. 768.

²³³ HERÓDOTOS. *História*. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1988.

²³⁴ MONTANELLI, I. Homero. In: MONTANELLI, I. *História dos Gregos*. Lisboa: Setenta, 2003. pp. 24-27.

²³⁵ ZANON, Camila Aline. Homero: qual cultura? Que sociedade? *Romanitas*, Revista de Estudos Grecolatinos, n. 2, p. 174-196, 2013, p. 190.

²³⁶ LEFÈVRE, F. O mundo grego no tempo de Homero e Hesíodo. In: LEFÈVRE, F. *História do Mundo Grego Antigo*. São Paulo: Martins Fontes, 2013. pp. 87-98, p. 87.

²³⁷ Ibid., p. 94.

que um uso combativo em si, alertando para o desconhecimento do poeta sobre o uso dessa tecnologia militar. Para além desse cenário, a épica marca a presença de uma prática de combate corpo a corpo, em falanges hoplíticas, típica de seu tempo de produção²³⁸.

Os gregos em Homero mantêm práticas sacrificiais e de consulta oracular, carregando em si o ideal heroico da busca pela glória e a perspectiva de submissão da vida ao destino, dentro de uma sociedade fortemente influenciada por visão de mundo mítica²³⁹. É perceptível a manutenção das instituições do mundo político das *póleis* do século VIII nas obras de Homero, como sobre as assembleias e a centralidade política do *oîkos* e do seu patrimônio aristocrático²⁴⁰. Existe, portanto, uma nobreza militarizada bem definida, além de que os “basileús e basileïs desempenham também um papel decisivo no exercício da justiça”²⁴¹.

O mundo de Homero é, ainda, o de uma unificação política e espacial sob o domínio de Agamemnon²⁴². Nesse sentido, “a concepção homérica dos aqueus como uma nação com um único rei pode refletir a realidade micênica”²⁴³. Por volta do ano 1000 já não existiam tantas evidências de contato entre gregos e levantinos, tão característico do final da Idade do Bronze. Outro aspecto de semelhança com o mundo micênico é que “a Odisseia de Homero nos oferece imagens de várias formas de mobilidade humana...”²⁴⁴. Apesar disso, são notórias as diferenças entre o mundo homérico e o mundo histórico dos gregos micênicos.

Nesta discussão sobre as possíveis correlações entre Literatura e História, a Arqueologia possibilitou que as descobertas elucidassem melhor o que possivelmente teve correspondência histórica. Exemplo disso foi a própria descoberta dos sítios de Troia e Micenas por Heinrich Schliemann, em 1873 e 1876. Apesar disso, nem tudo nos poemas apresenta factibilidade. Existem, ao contrário, contradições. Um primeiro

²³⁸ ROMILLY, J. O mundo épico e a História. In: ROMILLY, J. Homero: introdução aos poemas homéricos. Lisboa: Setenta, 2001. pp. 25-38, p. 31.

²³⁹ LEFÈVRE, F. O mundo grego no tempo de Homero e Hesíodo. In: LEFÈVRE, F. História do Mundo Grego Antigo. São Paulo: Martins Fontes, 2013. pp. 87-98. p. 96.

²⁴⁰ Ibid., p. 94.

²⁴¹ Ibid., p. 96.

²⁴² FIELDS, Nic. *Op. Cit.*, p. 53.

²⁴³ Tradução nossa de: “The Homeric conception of Achaia as a nation under a single ruler may reflect Mycenaean reality” Ibid., p. 53.

²⁴⁴ Tradução nossa de: “Homer’s Odyssey offers us images of various forms of human mobility”. VLASSOPOULOS, Kostas. *Greeks and barbarians*. Cambridge University Press, 2013, p. 79.

aspecto para a comparação entre os dois mundos é o que diz respeito à organização política.

Por volta de 1600, com a organização dos micênicos pela Grécia continental, o sistema palaciano com a centralização em torno do rei (*wánax*) representou uma característica constitutiva dessa sociedade²⁴⁵. Isso implica dizer que o rei foi a autoridade responsável por todos os setores, quer fosse seja político ou religioso, econômico. Nessa esteira, *basileus* correspondeu a um funcionário administrativo do rei²⁴⁶.

Apesar de objetivar retratar um mundo distante e real, Vidal-Naquet ressalta que não há nas narrativas homéricas “a escrita dos escribas e toda a sociedade que ela implica: sociedade dominada pelo palácio do rei”²⁴⁷. Apesar de existirem os reis, estes não exercem um poder absoluto e constantemente convocam as assembleias²⁴⁸. Por outro lado, a existência de artefatos nos poemas que desaparecem no tempo de Homero poderia indicar a influência da oralidade como fonte das informações sobre o passado micênico, apesar de não haver certezas a este respeito²⁴⁹.

A presença de incongruências, como nas descrições de armas diferentes daquelas presentes no período micênico, pode ser compreendida porque os poemas retratam diferentes momentos históricos, tanto aqueles de uma tradição distante, quanto os do próprio tempo de Homero²⁵⁰. Tanto o percurso de Aquiles sob o pano de fundo da Guerra de Troia, quanto o retorno de Odisseu para Ítaca, mostram realidades históricas representadas por um aedo e, portanto, a autenticidade histórica não seria sua prioridade²⁵¹.

O uso dos poemas homéricos como fontes históricas deve, portanto, levar em consideração seu papel ficcional e o seu momento de produção. Não sendo uma cópia do real, é uma representação que compreende distintas visões de mundo. Nessa perspectiva, é possível identificar múltiplos traços cotidianos, simbólicos, práticos de uma sociedade real. A crítica é direcionada a partir da articulação desses dois

²⁴⁵ ANDRÉ, Alessandra. Experiências monárquicas no Mundo Grego: os casos micênico e homérico. *Romanitas-Revista de Estudos Grecolatinos*, n. 10, p. 155-169, 2017, p. 156.

²⁴⁶ *Ibid.*, p. 159.

²⁴⁷ VIDA-NAQUET. *Op. Cit.*, p. 29.

²⁴⁸ *Ibid.*, p. 29.

²⁴⁹ *Ibid.*, p. 30.

²⁵⁰ *Ibid.*, p. 24.

²⁵¹ *Ibid.*, p. 22.

aspectos, sendo que as estruturas internas de uma obra são reveladas a partir de um ponto de vista externo. Pois deu-se maior ênfase, em relação a narrativa poética, nos aspectos contextuais do momento de produção das epopeias e na sua importância quando se investiga a atuação grega na Idade do Bronze.

As obras homéricas, ao evidenciarem o conflito troiano, podem auxiliar na reflexão sobre a realidade concreta micênica, uma vez que possibilitam estabelecer correspondências com os textos hititas. Esse mundo veio a desestruturar-se e entrar em crise devido às crises e invasões dos chamados “povos do mar”. O sistema integrado da Idade do Bronze, de 1500 a 1200 aEC, entrou em colapso de forma que os gregos não conseguiram ocupar um espaço dominante e constante neste cenário como antes deles fizeram os impérios levantinos e da Anatólia do clube dos grandes poderes. No entanto, esse contexto permitiu que os gregos se formassem e estruturarem sua comunidade de forma que consolidassem uma coerência interna. Monzani, trabalhando a partir das fontes em Linear B sobre a administração micênica na Ilha de Creta, recorre à abordagem da integração entre o Mediterrâneo Oriental e o Mundo Egeu, sustentando a existência de uma coerência interna no mundo micênico²⁵². A evocação aos poemas homéricos mostra como esse passado longínquo é colocado como um fundamento para os gregos do Período Arcaico em diante.

O vínculo entre o passado longínquo micênico e o imaginário do contexto homérico destaca um sentido memorialístico, em que a *Mnemosine* concede uma condição gloriosa aos heróis e ao povo grego. Com efeito, a mitologia assumia uma posição dúbia para, com a sociedade grega: "este mundo mítico não era empírico: era nobre"²⁵³. Ou seja, o mundo mítico tinha mais valor do que o mundo atual²⁵⁴. Ademais, é preciso salientar o risco inerente de que se generalize a ideia de uma identidade grega como uniforme²⁵⁵, uma vez que,

(...) o nascimento do protótipo heroico grego, que se cristalizou em Herácles, deu-se justamente no momento de arremetida dórica contra as demais populações, momento em que se plasmaram no mito as

²⁵² MONZANI, Juliana Caldeira. *A administração micênica em Creta. Um estudo dos vasos com inscrição em Linear B*. 2019. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

²⁵³ VEYNE, Paul. Acreditaram os Gregos nos Seus Mitos? trans. *António Gonçalves*. *Lisbon: Edições*, v. 70, 1983. p. 28.

²⁵⁴ *Ibid.*, p. 28 e 29.

²⁵⁵ VIEIRA NETO, I. A *Ilíada* de Homero e as raízes do helenismo. *SANTOS, DVC Grandes epopeias da antiguidade e do medievo*. Blumenau: Edifurb, p. 109-129, 2014.

diferenças entre a natureza belicosa dórica e as inclinações civilizacionais dos grupos previamente assentados”²⁵⁶.

É concebível, portanto, que a construção da memória indique e propicie a materialização de identidades e fronteiras, no sentido das narrativas de guerras e encontros mútuos com diferentes povos. Apesar de controvérsia, não cabe aqui um veredito sobre as correspondências entre o mito, as narrativas homéricas e a problemática de Ahhiyawa. O que podemos observar, através da bibliografia sobre o tema, é a fecundidade da ideia de conflito para os antigos e as tênues tentativas de equilibrar essa prática dentro de um sistema cujos fundamentos reiteram a importância da não obstrução da ordem.

3.2 Ahhiyawa: uma força disruptiva nas insurreições anti-hititas

Serão evidenciados aqui, alguns dos documentos referentes à relação Ahhiyawa-Hatti, especialmente os que permitem a articulação entre as discussões prévias sobre as fronteiras, identidades, conflitos e a construção de uma relação diplomática tênue no contexto sistemático do Bronze Antigo. Nesse viés, foram selecionadas as seis cartas que se seguem, de forma que demonstrem o sistema de dominação e vassalagem hitita e imposição de Ahhiyawa como poder emergente.

3.2 A acusação de Madduwatta (AhT 3)

Este documento está situado em um momento de conflituosidade entre Hatti e um de seus reinos vassalados, comandado pela figura de um homem chamado Madduwatta. O rei traz à tona momentos em que o vassalo teria sido atacado, reforçando a ajuda hitita da ele concedida durante este momento de crise. Ele faz menções ao pai de seu governante anterior, responsável por essa ajuda. É introduzido no §1 a figura de Attarissiya, o rei de Ahhiya (Ahhiyawa) e, a partir de então, o rei hitita narra incongruências e desobediências do vassalo, constantemente acusando-o. Na bibliografia, foram feitas tentativas de investigação sobre quem teriam sido os reis, sendo os reis hititas Arnuwanda I e seu pai Tudhaliya II²⁵⁷.

²⁵⁶ Ibid., p. 121.

²⁵⁷ GÜTERBOCK, Hans G. The Hittites and the Aegean world: part 1. The Ahhiyawa problem reconsidered. *American Journal of Archaeology*, v. 87, n. 2, p. 133-138, 1983. p. 133-134.

O tom do rei hitita é de ênfase e apelação, tentando deixar claro a Madduwatta, a dívida que este tinha para com Hatti, devido a esse acontecimento, em que não fosse a ajuda hitita teria ocasionado em sua morte. Além de ajudá-lo, foi firmado entre Madduwatta e o antigo rei hitita, um acordo que o tornava um vassalo e detentor do Monte Zippasla (§4). Mais tarde, o rei o acusa de ter transgredido o acordo, pois teria entrado em guerra com Kupanta-Kurunta, um inimigo de Hatti situado no reino de Arzawa. Essa atitude de declarar guerra a outros reinos sem a legitimação hitita estava expressamente proibida dentro dos termos do acordo (§8). Os termos dos acordos entre Hatti e seus vassalos frequentemente eram ressaltados e enfatizados diversas vezes nas cartas, demonstrando uma organização sistemática de como esses atores deveriam agir em favor do centro hitita. E a aparição de Ahhiyawa na “acusação de Madduwatta mostra que tenham mediado os negócios políticos da Anatólia no reino de Arnuwanda I”²⁵⁸, num cenário em que os hititas adotaram uma postura de não-intervenção no Oeste²⁵⁹.

Na ocasião do conflito entre Madduwatta e Attarissiya, o antigo rei hitita enviou sob o comando de um homem chamado Kisnapili uma infantaria para defender Madduwatta. O século XIV foi marcado por instabilidades para o Império Hitita, uma vez que ocorreram a invasão e destruição de Hattuša, por parte dos kaška ²⁶⁰. Mais tarde, após o primeiro conflito, o monarca relembra quanto a cidade de Dalauwa teria começa a desenvolver conflituosidades contra Madduwatta. O vassalo teria então escrito à Kisnapili que atacaria a cidade e o escoltaria para outra cidade (Hinduwa). A ideia seria conter as tropas em Dalauwa para que essas não fossem para a próxima cidade (Hinduwa), e este papel caberia a Madduwatta, que se comprometeu, segundo a correspondência (§13). A controvérsia está na narrativa subsequente, em que Madduwatta foi acusado de não ter ido a Dalauwa e, ao contrário, escreveu para a cidade que as tropas de Hatti teriam se deslocado para Hinduwa, solicitando-lhe que bloqueassem as rotas e atacassem antes. Assim foi feito e, conseqüentemente, Kisnapili e Partahulla morreram (§14).

²⁵⁸ Tradução nossa de “The Madduwatta Indictment shows that Ahhiyawans had been meddling in the political affairs of Anatolia in the reign of Arnuwanda I”. In: BACHVAROVA, Mary R. *From Hittite to Homer: The Anatolian Background of Ancient Greek Epic*. Cambridge University Press, 2016. p. 336.

²⁵⁹ COLLINS, Billie Jean. *The Hittites and Their World*. Atlanta, Georgia. SBL Press, v. 18, p. 13, 2007. p. 45.

²⁶⁰ VAN DE MIEROOP, Marc. *A history of the ancient Near East, ca. 3000-323 BC*. John Wiley & Sons, 2015. p. 159.

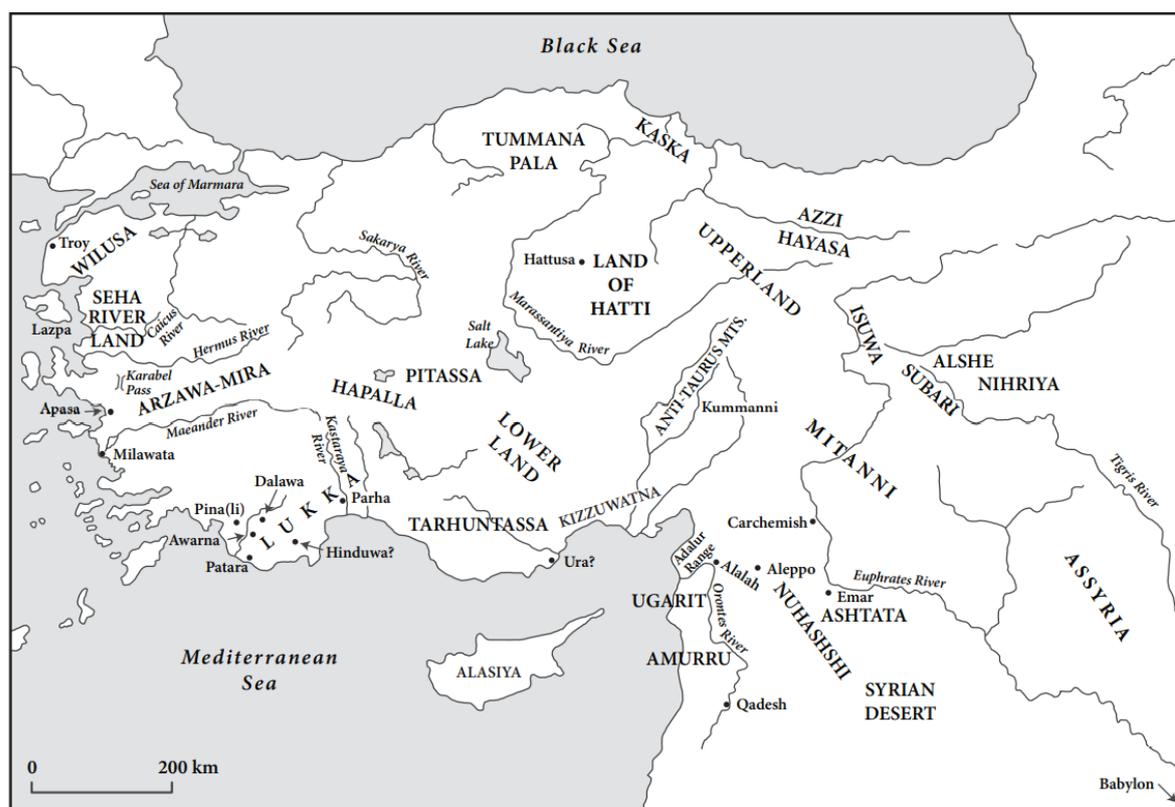


Figura 2: Idade do bronze na Anatólia, Síria e Mesopotâmia. BECKMAN, Gary; BRYCE, Trevor; CLINE, Eric. *The Ahhiyawa Texts*. Brill, 2012. p. XV.

Madduwatta teria ainda feito uma aliança com a cidade de Dalauwa, colocando-a contra os hititas, fazendo um acordo de vassalagem com ela (§15). Teria também se aproximado do inimigo de Hatti, Kupanta-Kurunta, entregando uma filha para casar-se com ele (§16). Pela restauração da carta, Madduwatta teria dito ao pai do antigo governante de Hatti, que daria sua filha caso Kupanta fosse ao seu território e, caso ele fosse, seria morto. No entanto, o rei hitita demonstra uma hesitação e desconfiança quanto a isso (§17). Algumas passagens são de difícil interpretação, devido ao estado de lacunas, como em §18.

Em §21-22 mais acusações são feitas, referindo-se às terras de Siyanta e a de Hapalla (terras dadas pelos governantes hititas), que teriam sido apropriadas por ele, ao invés de protegidas, em conjunto com diversas outras regiões (§24-25) e Madduwatta também é acusado de transgredir a parte do acordo que dizia respeito ao retorno de fugitivos de Hatti, incitando outras regiões a atacarem os hititas. É ainda acusado de invadir Alashiya, que estaria sob posse hitita, juntando-se à Piggaya e

Attarissiya, que não eram vassallos dos hititas (§36). Aqui, essas características marcariam a primeira parte da carta²⁶¹.

3.2.2 As excursões de Mursili II (AhT 1A, AhT 1B)

AhT 1 A e AhT 1 B referem-se, respectivamente, aos textos intitulados Anais de Mursili II e Anais Extensivos. São os primeiros textos que fazem parte da composição dos *The Ahhiyawa Texts*, de Bryce, Cline e Beckman (2011). As narrativas ocorreram no final do século XIV²⁶², registrando com detalhes o cenário de conquistas territoriais movimentado pelo rei hitita Mursili II (1321-1295 aEC). Anterior a esse contexto, seus precedentes foram Suppiluliuma I, seu pai, e Arnuwanda II, seu irmão. Tais reinados configuraram um local importante na reafirmação de uma dominação hitita sobre os demais reinos da Anatólia, até o norte da Síria. Após a morte de ambos, a sucessão esteve em Mursili II, que encontrou no início de seu reinado um contexto de crise e perda de autoridade²⁶³. Assim, esse ambiente marcou-se com rebeliões de regiões vassalvas aos hititas, tornando necessárias medidas para retomar a ordem anterior. É nesse sentido que, inserem-se os dois Anais citamos acima, em uma tentativa de Mursili II em retomar o poderio hitita, narrando suas campanhas militares.

O Anais de Mursili II inicia-se com o rei hitita reivindicando a devolução de um conjunto de pessoas que haviam fugido do seu território para as regiões de Arzawa, reino de Uhha-ziti. O rei de Arzawa responde que não iria devolvê-los (§12) e, uma vez desobedecida a ordem (na perspectiva hitita), Mursili II iniciou suas campanhas contra Arzawa. Tendo em vista o contexto de deslegitimação do poderio hitita, um elemento que enfatiza a rebelião de Arzawa e a contraposição hitita, é justamente sua aliança com Ahhiyawa, trazendo mais força à resistência às imposições hititas. Assim, “Uhha-ziti foi indubitavelmente encorajado a engajar na guerra contra Mursili por

²⁶¹ No cenário dessa acusação, Güterbock salienta ainda duas cartas do mesmo contexto e que citam a presença de Ahhiyawa. São AhT 22 e AhT 21, respectivamente: um texto oracular em que um rei hitita exila sua esposa para Ahhiyawa e um texto oracular que faz uma correspondência entre divindades de Ahhiya para Hatti²⁶¹. GÜTERBOCK, Hans G. *Op. Cit.* p. 134.

²⁶² BECKMAN, Gary; BRYCE, Trevor; CLINE, Eric. *The Ahhiyawa Texts*. In: *The Ahhiyawa Texts*. Brill, 2012. p. 285.

²⁶³ *Ibid.*, p. 45.

causa de sua aliança com o rei de Ahhiyawa”²⁶⁴. Teria incitado ainda, a cidade de Milawanda para seu lado, formando assim uma aliança, segundo as interpretações de Goetze e Güterbock.

O documento prossegue descrevendo demarcações espaciais detalhadas: primeiramente, Mursili II narra uma batalha ocorrida na cidade de Tikkukkuwa e, tendo apoio de todas as divindades, mas citando especificamente as divindades: Sol, Tempestade e Mezzulla, derrota seus inimigos e incendeia a cidade, em conjunto com Dasmaha, local ao qual o conflito se expandiu. Após o primeiro episódio narrado, Mursili II vai até as cidades de Ishupitta e Palhuissa e as ataca. Daí, retorna à Ḫattuša com um grande contingente militar e, um ano depois, Mursili afirma ter enviado ao rei de Arzawa um mensageiro o intimando a uma batalha.

No parágrafo §17 ocorre um evento transcendente: um relâmpago atravessou Arzawa. Para o rei hitita, o relâmpago foi uma manifestação das divindades que estariam ao seu lado no conflito. O rei Uhha-ziti, logo após essa narrativa, é afastado do combate por uma doença, atribuindo a continuidade dessa batalha a seu filho, Piyama-Kurunta. Aqui, talvez possamos entender também a aparição do relâmpago como o motivo, na perspectiva hitita, do adoecimento de Uhha-ziti. Sobre isso, cabe ressaltar a participação de Ahhiyawa.

A batalha de Astarpa marca o encontro entre Mursili II e Piyama-Kurunta, momento em que o segundo foi derrotado (§17). Entrando em Apasa, cidade onde estava Uhha-ziti, este fugiu. Piyama-Kurunta e Uhha-ziti são mencionados diretamente em relação ao rei de Ahhiyawa (§25), Uhha-ziti teria ajudado Piyama-Kurunta a fugir pelo mar, mas sendo posteriormente capturado. Sobre o local em que teria se exilado, “a probabilidade é que as ilhas em questão não estão dispostas longe da costa egeia e pertencem ao território controlado pelo rei de Ahhiyawa”²⁶⁵. Há, ainda, controvérsias sobre a passagem da fuga, como a de Goetze, afirmando ser uma fuga voluntária pelo mar, em que o princípio ficou sob o reino de Ahhiyawa. Já Sommer teria negado a voluntariedade da fuga, uma vez que Mursili parece ter exilado o príncipe²⁶⁶.

²⁶⁴ Tradução nossa de “Uhha-ziti was undoubtedly emboldened to engage in war with Mursili because of his alliance with the king of Ahhiyawa”. *Ibid.*, p. 47.

²⁶⁵ Tradução nossa de “The likelihood is that the islands in question lay not far off the Aegean coast and belonged to the territory controlled by the king of Ahhiyawa”. *Ibid.*, p. 47.

²⁶⁶ GÜTERBOCK. *Op. Cit.* p. 135.

A essa altura, com tantas batalhas, os povos de Arzawa encontravam-se fugindo e, mesmo estes, depararam-se de frente às expedições hititas. Aqui, é narrado o momento em que os hititas derrotam os povos de Arzawa que haviam fugido para uma montanha, a Mt. Arinnanda. Trouxe cativos, além de um sem-número de contingente hitita que estava na região e foram despachados em Hattuša. Após essa vitória, retornou à Astarpa e, em seu rio, comemorou os festivais anuais de lá. Uhha-ziti morre em uma região ao meio do mar, na primavera. E, após as comemorações do festival, destrói, na cidade de Puranda, local onde esteve o filho de Uhha-ziti, Tapalazunawali. No entanto, Tapalazunawali fugiu, enquanto sua família e tropas foram capturadas.

Em §26, o rei hitita dá continuidade às suas campanhas, agora projetando-se para um confronto com Manapa-Tarhunta, rei do rio Seha. No entanto, ao saber da vinda de Mursili II, Manapa envia sua mãe, uma mulher já de idade, para pedir clemência. O rei hitita, como reação, relata ter tido compaixão, aceitando-o como seu vassalo, ao invés de derrotá-lo. Mursili II passa a distribuir alguns territórios aos reis que eram leais a ele, tais como: Mira, para Mashuiluwa, o rio Seha para Manapa-Tarhunta e Hapalla para Targasnalli (§27). Os territórios enviam tropas para os hititas e, vão consolidando os laços de dependência com os hititas. Isso posto, encerra-se essa primeira parte da ‘conquista’ hitita sobre Arzawa. No total, cerca de 66,000 cativos foram levados à corte hitita e, após a derrota de Arzawa, retornaram à Hattuša. E assim se encerra o décimo ano dos anais de Mursili II. Esse cenário evidencia uma quebra do poder e influência da chamada “Grande Arzawa”, algo que se mostrava um obstáculo ao expansionismo hitita²⁶⁷.

Percebe-se então que a participação de Ahhiyawa é mediada através do envolvimento do rei em contato com o príncipe Uhha-ziti no momento de sua fuga e/ou exílio, e a presença das cidades de Milawata e Wilusa. Ahhiyawa se conecta fortemente, assim, à oeste, pela via do conflito entre Attarisiya e Madduwatta, e posteriormente, com Tudhaliya. Seja pela hipótese da cooperação com as atividades anti-hititas, ao ter refugiado o rei Uhha-ziti, rei de Arzawa.

Nos Anais Extensivos (AhT 1B), também ao final do século XIV e início do XIII, Matusili II inicia reafirmando, de forma direta, o envolvimento de Ahhiyawa no conflito,

²⁶⁷ Os territórios que compunham a Grande Arzawa foram: Hapalla, Mira-Kuwaliya, Appawiya e Wilusa. BACHVAROVA. *Op. Cit.* p. 337.

ao ser uma aliada de Uhha-Ziti. Devido a isso, há a menção de um conflito ocorrido entre os hititas e a região de Millawanda (Mileto), que esteve sob o domínio de Ahhiyawa. Há também a participação de Mira nesse evento, que a partir de Mashuiluwa, derrota Piyama-Kurunta, tendo metade da população como apoio, tanto no enfrentamento com Arzawa, quanto na posterior cidade de Hapanuwa (§2). Ponto importante aqui, é que “Dos Anais, é claro que as terras de Arzawa foram divididas em suas lealdades”²⁶⁸, cabendo também ao caso de Mira. Após esses confrontos os territórios passaram a ser integrados ao domínio hitita.

No §4 dos Anais, Mursili II narra o retorno a Hattuša. Entremeios, destrói e incendia a cidade de Palhuissa, que teria se voltado contra ele. Além disso, no meio desse conflito, a cidade de Kaskata atacou as tropas hititas, ocupando a cidade de Kuzastarina. Novamente, os hititas conseguem sobressair-se no conflito, derrotando seus oponentes, segundo o que narram. Ainda na carta, o rei continua dizendo que subjugou todas as terras hostis a ele. Sempre reafirmando seu poderio, trazendo memórias de vitórias e nenhuma derrota. Os Anais Extensivos de Mursili II retomam acontecimentos ora narrados no décimo ano dos Anais, trazendo alguns detalhes novos. Retomam, por exemplo, o episódio do relâmpago, responsável (na concepção mítica hitita), pelo adoecimento do rei de Arzawa, além de também retomar o episódio da fuga de cativos de Arzawa para as montanhas, em especial a do Monte Attarimma. Detalhes novos são por exemplo as narrativas sobre algumas das dificuldades em acessar tais montanhas, devido à sua altura, tendo cadeias rochosas que impediam o acesso do exército. O interessante aqui é a inserção de Sharri-Kushuh, rei de Carchemish e aliado de Mursili II (§8). O rei foi colocado como comandante nessas expedições pelas montanhas, e, de novo, Mursili enfatiza o caráter de rendição dos inimigos, que teriam jogando-se aos seus pés, derrotados: “(...) os cativos desceram e se jogaram aos meus pés (dizendo): ‘Você pode, nosso senhor, não nos destruir, mas nos colocar a serviços’”²⁶⁹ (§9).

Retoma também o episódio em que Mursili II aceita Manapa-Tarhunta como vassalo. Após isso, passa a descrever o que fez de Mira após esta voltar ao seu poder. Narra que colocou Mira em ordem, reconstruindo e fortificando cidades (Arsani,

²⁶⁸ Tradução nossa de “From the Annals, it is clear that the Arzawa countries were divided in their loyalties (...)”. BECKMAN, Gary; BRYCE, Trevor; CLINE, Eric. *Op. Cit.*, p. 47.

²⁶⁹ Tradução nossa de “(...) the captives came down and fell down at my feet (saying): ‘May you, our lord, not destroy us, but take us into your service! Take us up to Hattuša’”. *Ibid.*, p. 37.

Sarauwa, Impa), dando-lhes recursos e até mesmo um rei (Mashuiluwa). Com Mashuiluwa o rei hitita ainda faz uma aliança por meio de casamento, casando-o com sua irmã Muwatti. A questão das alianças através de casamentos reais é uma constância entre os antigos reinos da Idade do Bronze. Além disso, fornece 600 soldados para sua guarda pessoal tendo como argumento a desconfiança para com o povo de Mira. Após sua passagem em Mira, vai até Aura e entrega ao rei de Mira, a terra de Kuwaliya.

3.2.3 Carta de Hattusili III (ou Mursili II) para um rei de Ahhiyawa (AhT 9)

Na metade do século XIV para o XIII aEC., temos a AhT 9, uma carta de um rei hitita para um rei de Ahhiyawa. Agora, temos uma tentativa de resolver, diplomaticamente, uma disputa entre os dois reinos. O cerne da questão está em algo vindo de Ahhiyawa para outro local, que teria sido devolvido²⁷⁰. Tendo em vista a lacuna do remetente e destinatário, postula-se que foi escrita por um rei hitita para um rei de Ahhiyawa. A carta em si encontra-se bastante fragmentada, apresentando em seu corpo muitas lacunas. Podemos tirar, de início, uma retomada por parte de Hattusili III (ou Mursili II), o que havia dito em outras correspondências, seguido da narração de um episódio em que ocorreu uma disputa legal em torno de uma pessoa vinda de outro local. Tendo em vista seu tamanho, podemos transcrevê-la a fim de que se perceba alguns elementos da comunicação como estratégia política.

§1' (iii 1'-2') [...] Hattuša [...]

§2' (III 3'-18') A palavra da [sua(?)] boca [...] Você escreveu [para mim ...] como segue: “[...] eles trouxeram [de] Ahhiyawa [...] Eu não fiz [...] Ele pousou [...] Depois a raposa [...] sua cauda. [...] você [...] Alguém de qualquer lugar [...] os deuses do pai dele [...] depois [...] ele aprovou [...] ele se voltou para o homem [...] e de fato uma disputa legal de novo [...] ele aproveitou. Mas quando depois os deuses ele [...] Não vou falar [...] Você irá ruir [...] em qualquer lugar [...] Eu destratei. Depois eu escrevi para você [...] Agora envie por meio de um tablet.

§3' (III 19'-23') [Se(?)] ele vai [cima/frente], deixe eles o deixarem [...] deixe ele ver. Mas se não, deixe que eles o tragam [...] não as pessoas de baixo [...] Mas nós irmãos para nós mesmos [...]

Depois disso, outro(?) [...]²⁷¹

²⁷⁰ Ibid., p. 152.

²⁷¹ Tradução nossa de: §1' (iii 1'-2') [...] Hattusa [...]

O tom da ocorrência é de firmeza, como em “Você irá ruir [...] em qualquer lugar [...] Eu destrarei”. Apesar disso, também há a passagem de “nós irmãos para nós mesmos (...)”, indicando uma relação diplomática²⁷². No entanto, na AhT 4,

o rei de Ahhiyawa recebe de Hattusili um status que pode ter excedido sua atual importância no mundo do Antigo Oriente em geral, particularmente quando comparado ao faraó do Egito e os governantes da Mesopotâmia, de onde não há nenhuma referência a um rei ou reino de Ahhiyawa²⁷³.

Da mesma maneira, pode ter sido o recurso a esse termo na AhT 9. Uma maneira encontrada pelo Império Hitita de se aproximar do reino de Ahhiyawa, que estava em ascensão e possivelmente estivesse mostrando-se como um obstáculo à ordem. No entanto, caso a carta seja de fato referente ao rei Hattusili III, foi justamente em seu período em que Ahhiyawa obteve maior prestígio, segundo Kelder²⁷⁴, contrariando a ideia de que o termo foi utilizado para fins diplomáticos, não havendo uma real correspondência de igualdade.

Não menos importante é a sincronicidade desse período com o estabelecimento da paz entre Hattusili III e Ramsés II. Em conjunto com a expansão assíria observada um pouco depois²⁷⁵, os hititas enfrentavam problemas para a manutenção do seu poderio na Anatólia e, com Ahhiyawa demarcando seus territórios a Oeste, próxima a outros inimigos de Hatti, o clima entre ambos era de intensa conflituosidade. Além disso, a própria “independência” que Ahhiyawa obteve, ao não serem vassalos de Hatti, também implica na ideia de ascensão suficiente para causar receios aos grandes centros, mas não suficiente para que esses entraves saíssem da

§2' (iii 3'–18') The word from [your(?)] mouth [...] You wrote [to me ...] as follows: “[...] they brought [from] Ahhiyawa [...] I did not do [...]” He set down [...] Then the fox [...] his tail. [...] you [...] Someone from whatever place [...] the gods of his father [...] them [...] he approved [...] he stepped back to the man [...] and indeed a legal dispute again [...] he seized. But when before the gods they [...] I will not speak [...] You will ruin [...] up in whatever place [...] I mistreated. Furthermore I wrote to you [...] I have now sent by means of a tablet.

§3' (iii 19'–23') [If(?)] he goes [up/forth], let them carry him away. [...] let him see. But if not, let them bring him [...] the people not down [...] But we the brothers for ourselves well [...] Furthermore, another(?) [...].

²⁷² BECKMAN, Gary; BRYCE, Trevor; CLINE, Eric. *Op. Cit.*, p. 152.

²⁷³ Tradução nossa de “Thus the Ahhiyawan king is accorded by Hattusili a status that must have far exceeded his actual importance in the Near Eastern world in general, particularly when compared to the pharaoh of Egypt and the rulers of Mesopotamia, from whom there is not a single reference to a king or kingdom of Ahhiyawa”. *Ibid.*, p. 122.

²⁷⁴ KELDER, J. M. The chariots of Ahhiyawa. *Dacia, Revue d'archéologie et d'histoire ancienne*, 2005. p. 151.

²⁷⁵ LIVERANI. *Op. Cit.* p. 428.

esfera do regional. Assim, a formalidade manteve-se e foi utilizados como estratégia comunicativa política, mesmo num contexto em que os entraves ficavam cada vez mais delicados.

O contexto da carta pode estar relacionado ao cenário da AhT 1A²⁷⁶, com os Anais de Mursili II. Sendo a terceira pessoa citada, Piyama-Kurunta (filho de Uhha-ziti), que esteve presente no território de Ahhiyawa para fugir dos hititas. Ou, caso o rei hitita mencionado seja Hatusilli, os autores colocam também que a AhT 9 possui relações com a AhT 4, a Carta de Tawagalawa, como sendo um dos tabletes que se perderam, mas não há consenso. A relação repousaria dentro da figura de Piyamaradu, uma vez que Hattusili estava reivindicando sua extradição do território de Ahhiyawa, no contexto de reivindicação hitita de extradição de pessoas para o seu território. Nas duas cartas também há a presença do termo “meu irmão”, indicando o reconhecimento de uma igualdade entre os reis²⁷⁷ e a real intencionalidade por trás desse uso é uma questão que não está fechada.

3.2.4 Carta do rei de Ahhiyawa para o rei de Hatti (AhT 6)

Já a Carta do rei de Ahhiyawa para o rei de Hatti trata de um dos poucos documentos que possuem como remetente um rei de Ahhiyawa²⁷⁸. Em seu comentário, os autores discutem que a carta refere a uma discussão territorial. O assunto é a posse de um grupo de ilhas que parecem ter sido, primeiramente, parte de Assuwa. Assim, a porção que sobreviveu demonstra uma preocupação do rei com a posse de um grupo de ilhas. O cenário anterior evidenciado foi o de um casamento diplomático entre um rei de Ahhiyawa e uma princesa de Assuwa, que teria ocasionado a transferência das ilhas para a posse de Ahhiyawa. Mas, os hititas clamaram, com a vitória de Tudhaliya I/II sobre Assuwa, que todos os territórios deles ficaram sobre seu domínio²⁷⁹. O rei de Ahhiyawa busca reafirmar sua possessão e ganhar a aceitação dos hititas a partir de meios diplomáticos (usando "meu irmão")²⁸⁰.

²⁷⁶ KELDER, J. M. *Op. Cit.*, p. 152.

²⁷⁷ *Ibid.*, p. 152.

²⁷⁸ BECKMAN, Gary; BRYCE, Trevor; CLINE, Eric. *Op. Cit.*, p. 137.

²⁷⁹ *Ibid.*, p. 138.

²⁸⁰ *Ibid.*, p. 138.

Sobre a identidade do rei hitita, diversos acadêmicos afirmam ser Muwattalli II (filho de Mursili II), dado o contexto de suas negociações com parceiros de Ahhiyawa sobre a distribuição de territórios entre eles e o Oeste²⁸¹, conhecidas em seu período de governo. Os resultados das negociações são os seguintes: estabelecimento da serenidade sobre Milawata e a reafirmação do controle de Ahhiyawa sobre as ilhas da costa ocidental²⁸².

A rebelião de Assuwa fez parte de um movimento amplo de revoltas de diversos estados contra o Império Hitita, em 1439 aEC²⁸³. Dentre os nomes dos estados identificados estão "Wilusiya" e "Taruisa"²⁸⁴. Os povos de Assuwa, na Anatólia, foram derrotados duas vezes pelos hititas²⁸⁵. Trata-se de uma união do ocidente contra Hatti. A confederação Assuwa (província da Ásia), foi derrotada por Tudhaliya II²⁸⁶. Isso demonstra, novamente, Ahhiyawa aparece possuindo relações estreitas com alguém inimigo de Hatti, nesse caso, Assuwa. Apesar disso, nesse período, ainda mantém sua independência reconhecida. Aqui, de acordo com Bryce²⁸⁷, como citado em Bachvarova,

Constantemente os reis da terra chamada Ahhiyawa procuraram reverter a autoridade hitita no oeste da Anatólia dando suporte para insurgência locais anti-hititas e levantes, na preparação para a expansão de sua própria autoridade na região²⁸⁸.

O cenário para esse movimento estava favorável para Ahhiyawa, pois, Hatti, internamente, encontrava-se num período turbulento, marcado por conflitos de sucessões e, externamente, conflitava com o Egito e a Assíria²⁸⁹. No entanto, os hititas não compararam Ahhiyawa com a confederação de Assuwa, que não é referenciada como um grande reino, diferentemente de Ahhiyawa. Ambos estiveram em contato

²⁸¹ Ibid., p. 138.

²⁸² Ibid., p. 138.

²⁸³ CLINE. *Op. Cit.* p. 35.

²⁸⁴ Ibid., p. 36.

²⁸⁵ Ibid., p. 36.

²⁸⁶ COLLINS, B. J. *Op. Cit.* p. 43.

²⁸⁷ BRYCE, T. R. *The Trojans and Their Neighbours: An Introduction.* London and New York. 2006.

²⁸⁸ Tradução nossa de "Kings of the land called Ahhiyawa constantly sought to roll back Hittite authority in western Anatolia by supporting local anti-Hittite insurgents and uprisings in preparation for the expansion of their own authority in the region". BRYCE, T. R. *apud* BACHVAROVA, Mary R. *From Hittite to Homer: The Anatolian Background of Ancient Greek Epic.* Cambridge University Press, 2016. p. 334.

²⁸⁹ LIVERANI, Mario. *Antigo Oriente. História, Sociedade e Economia.* Trad. IE Rocha. São Paulo: EDUSP, 2016. p. 423.

regular com os hititas e seria difícil de ver como o rei de Hatti teria identificado Assuwa como uma confederação e não ter feito o mesmo com Ahhiyawa²⁹⁰ (p. 46).

3.2.5 Carta de Tawagalawa: Hattusili III para um rei de Ahhiyawa (AhT 4)

Hattusili III (1267-1237 a.E.C) enviou para um rei desconhecido de Ahhiyawa uma correspondência narrando sua insatisfação sobre, principalmente, as ameaças e rebeldias anti-hititas de um homem chamado Piyamaradu. A correspondência foi escrita na metade do século XIII, em cerca de 1250²⁹¹. “O destinatário do documento teve aparentemente dado um suporte tácito para essas atividades, e garantiu a Piyamaradu refúgio no território de Ahhiyawa, para prevenir que ele caísse nas mãos hititas²⁹². Tawagalawa é um aliado do rei hitita e, sobre sua identidade, há divergências entre os autores. Taracha, por exemplo, afirma que este teria sido um rei (no estatuto de grande rei) micênico contemporâneo e aliado ao rei de Ahhiyawa a quem Hattusili se refere na carta²⁹³. Ou seja, seriam dois grandes reis micênicos.

Na carta, primeiramente, o rei hitita narra que Piyamaradu teria destruído a cidade de Attarimma, e, numa tentativa amistosa de resolver o conflito, ao responder uma mensagem de Piyamaradu, enviou uma carruagem para buscá-lo. No entanto, foi recusado e, como resposta, Piyamaradu reivindicou a realeza e só assim iria ao encontro de Hattusili III (§3). Na cidade de Waliwanda, Hattusili III envia outra mensagem para Piyamaradu, agora alertando-o para que não invada a cidade de Iyalanda, pois trata-se de um território seu. Mesmo assim, quando chega à cidade, o rei hitita foi atacado, entrando em batalha com Piyamaradu. Aqui percebe-se a indignação do rei, pois segundo a carta, o irmão Lahurzi (que o enfrentou em conjunto com as outras tropas) teria previamente estabelecido que não iria para Iyalanda. Nesse território, a cidade é completamente destruída, restando apenas a fortaleza de Atriya. Piyamaradu consegue escapar, indo até Millawanda. Essa parte da carta é

²⁹⁰ KELDER. Ahhiyawa and the world of the Great Kings: a re-evaluation of mycenaean political structures.

²⁹¹ TARACHA, Piotr. Mycenaean Peer (s) of the King of Ahhiyawa. A Note on the Tawagalawa Letter. *Müller-Karpe A./Rieke E./Sommerfeld W.(Hrsg.), Saeculum. Festschrift für Heinrich Otten anlässlich seines*, v. 100, p. 279-288, 2015. 280.

²⁹² Tradução nossa de “the addressee of the document had apparently given tacit support to these activities, and granted Piyamaradu refuge in Ahhiyawan territory, to prevent his falling into Hittite hand”. *Ibid.*, p. 119.

²⁹³ TARACHA. *Op. Cit.* p. 281.

fragmentária, mas dá a entender que, em certo momento, as forças de Hattusili III esgotam-se e, tendo este voltado-se à cidade de Aba. Teria escrito para Piyamaradu para encontrá-lo na cidade de Millawanda e, ao final do §4, indaga ao rei de Ahhiyawa se ele sabia que ele constantemente tinha reclamado dos ataques de Piyamaradu.

Hattusilli III se queixa de ter enviado uma mensagem ao rei de Tawagalawa (rei irmão do rei de Ahhiyawa) e, em resposta, não recebeu presentes, além de se queixar que Atpa e Awayana teriam ignorado suas ordens ao ajudar Piyamaradu. Neste período, Tawagalawa e Kurunta estiveram no território de Ahhiyawa, Millawata. Ao ir atrás de Piyamaradu em Milawanda, Hatusilli envia ao rei de Ahhiyawa um apelo, e este ordenou ao rei de Atpa que o entregasse. No entanto, Piyamaradu foge novamente, agora para outro local dentro do domínio de Ahhiyawa fazendo o rei hitita voltar-se para Ahhiyawa novamente²⁹⁴.

Em §8 continua afirmando que a segurança de Piyamaradu, para ir até o território hitita, estava assegurada, enviando até mesmo Tapala-Tarhunta, um cocheiro de confiança, para acompanhá-lo. Enfatiza que teria dito ao rei de Ahhiyawa para dar uma explicação sobre seus atos e, assim, seria orientado por seu caminho e caso não estivesse satisfeito, poderia retornar à Ahhiyawa. O rei hitita pede para que o rei de Ahhiyawa cuide de Piyamaradu e leve-o até ele.

Hatusilli também reivindica uma quantidade de indivíduos que fugiram de seu território para Ahhiyawa. E, para convencer ao rei, usa como argumento uma fala de Piyamaradu de que este teria dito que iria cruzar a terra de Masa ou Karkiya e iria deixar lá os cativos e seus outros domínios. Sobre isso, questiona o rei de Ahhiyawa se ele daria suporte a uma pessoa assim, que continuamente o ataca. Pede ao rei de Ahhiyawa que escreva à Piyamaradu, para que este vá até Hatti e, se não se resolver de lá, fique em Ahhiyawa mencionando o conflito anterior que teriam tido e que resultou em paz. Sobre esse contexto, durante as campanhas militares de Mursili II (1321–1295 aEC), o território de Millawanda passou a ser controlado pelos hititas. No entanto,

subsequentemente, caiu sob o controle de Ahhiyawa, talvez durante o reino do sucessor de Mursili, Muwattalli II (1295-1272), e talvez com a aprovação de Muwattalli como ele buscou estabilizar os negócios no Oeste depois do seu confronto com os egípcios na Síria²⁹⁵.

²⁹⁴ Ibid., p. 120-121.

²⁹⁵ Tradução nossa de “subsequently, it had come under Ahhiyawan control, perhaps during the reign of Mursili’s successor Muwattalli II (ca. 1295–1272), and perhaps with Muwattalli’s agreement as he sought to stabilize affairs in the west before his showdown with the Egyptians in Syria”. Ibid., p. 121.

No contexto da AhT 4, percebe-se a consolidação dessa aliança, em que Millawanda é reconhecida como estado sob domínio de Ahhiyawa. No entanto, há também outros conflitos entre os dois. Sobre isso, “nas partes finais da carta, por volta do §12, há menções ao conflito entre Ahhiyawa e Hatti, no território de Wilusa”²⁹⁶. Hattusili prevê uma resposta do rei de Ahhiyawa, dizendo que já teria sido atacado por ele e, menciona a existência de uma mensagem passada erroneamente ao rei micênico.

É importante refletir sobre as intencionalidades de quem escreve as correspondências reais. Evidentemente trata-se de um contexto de criação da diplomacia, e tal como conhece-se hoje, está se orienta a partir de muitos princípios. Assim, “seu propósito principal é vencer a cooperação de Ahhiyawa em conter as atividades anti-hititas renegadas no futuro. Isso explica o tom largamente conciliatório do autor”²⁹⁷. Ou seja, o recurso à reivindicação pela verdade, as indiscrições e inimizades de Piyamaradu foram estratégias utilizadas para que o rei de Ahhiyawa contivesse, em conjunto com Hattusili, a resistência provocada por este.

3.2.6 Carta de Milawata (AhT 5)

Esta carta expressa a mensagem de Tudhaliya IV (1237-1209) para o filho do rei vassalo de Mira. O rei de Mira havia descumprido partes do acordo feito com os hititas, motivo pelo qual Tudhaliya, ao se dirigir ao seu filho, governante do momento, objetivou a resolução destas hostilidades passadas. Assim, alega ter com ele, um trato fraternal, diferente do que havia com o seu pai dissidente (§2). Ele advertiu o filho caso esse descumprisse o novo tratado (§3), impondo condições para que este solucionasse as questões que seu pai não havia resolvido, como as que se referem às cidades de Utima e Atriya (§4). É mencionado, ainda, a existência de um fugitivo (§6).

O rei hitita questiona ao seu vassalo, ironicamente, se não é certo retornar um fugitivo ao seu território de origem. O rei anterior (o pai), não havia capturado um sacerdote da cidade de Talwisuwanta, dizendo que ele teria fugido, ao que tudo indica.

²⁹⁶ Ibid., p. 121.

²⁹⁷ Tradução nossa de “but its main purpose is to win Ahhiyawan cooperation in curbing the renegade’s anti-Hittite activities in the future. This accounts for its author’s largely conciliatory tone. Ibid., p. 120.

No §7, o rei hitita narra o momento em que depositou tabletes de madeira para Kulana-ziti, feitos para Walmu. Depois, os tabletes teriam sido enviados para o destinatário, que teria de examiná-los. Ao final, depositando sua confiança no filho governante de Mira, atenta para a sua necessidade em restabelecer uma relação de parentesco com Walmu e assim torná-lo um vassalo militar, como ele era anteriormente (§7).

Por fim, em dois momentos, na §8, ressalta ter estabelecido as fronteiras de Milawata, reafirmando novamente, a confiança depositada em seu vassalo. E em §9, sobre o pai, que se gabava sobre os servos do rei hitita, sobre a cidade de Arinna. De novo ressaltando que o pai não havia retornado os reféns da cidade de Utima e Atriya, e que ele teria enviado Kulana-ziti para tratar sobre as cidades de Awarna e Pina. O combinado, segundo o rei hitita, seria que, em troca dos reféns de Utima e Atriya, ele retornaria os de Awarna e Pina. Tendo enviado os seus, não recebeu de volta. “A ausência de qualquer referência à Ahhiyawa no novo arranjo feito às fronteiras de Milawata indica que esse não era mais o caso”²⁹⁸.

Sobre esses eventos, Liverani explicita os acontecimentos internos e externos que afligiam o reinado do rei hitita, sendo importantes para o entendimento da problemática da participação de Ahhiyawa. O contexto hitita de Tudhaliya IV é o da expansão assíria em suas, que nesse momento já configuraria uma guerra²⁹⁹. Além disso, também se evolvia na tentativa de conquistar o Chipre e sobre a carta, “ele contém a turbulência (apoiada pelos micênicos) que envolvia toda a costa egeia e que é testemunhada pela chamada ‘Carta de Milawata’³⁰⁰.

É dessa forma que, num viés conectado, as cartas mostram a existência de um sistema integrado em que Ahhiyawa tentava participar pelas vias formais e práticas, a diplomacia e o conflito, uma vez que não foi reconhecida enquanto centro para os atores do cenário próximo-oriental. Ahhiyawa possuiu momentos de ascensão que se mostraram um obstáculo às imposições hititas, que tentavam manter-se hegemônicos. Nesse movimento, aliou-se, como visto, aos reinos vassalos dos hititas, como Arzawa, a fim de ajudarem em seus propósitos de rebeliões anti-hititas (AhT 1A, 1B). A partir disso, a relação entre Hatti e Ahhiyawa marcou-se por momentos de amistosidade e conflituosidade, sendo a última mais constante. Mesmo quando manteve posturas de cooperação com Ahhiyawa, o Império Hitita manteve por detrás estratégias políticas

²⁹⁸ Ibid., p. 132.

²⁹⁹ LIVERANI. *Op. Cit.* p. 427.

³⁰⁰ Ibid. p. 427.

de controle (AhT 4). E, bastando uma ordem desobedecida, qualquer trato anteriormente feito, possivelmente seria repugnado, a ordem de um conflito direto por parte de Hatti.

CONCLUSÃO

Consideramos que para entender a posição de Ahhiyawa dentro do sistema internacional da Idade do Bronze seria preciso considerar as relações greco-hititas. É evidente a desproporcionalidade entre a presença de menções à palavra Ahhiyawa nos textos hititas e a ausência em outros documentos diplomáticos dos reinos próximos-orientais, apesar da região de Chipre ser mencionada como “Alashiya” nas cartas diplomáticas de Amarna, no Egito, dando continuidade ao estudo sobre a posição grega dentro dos contatos entre o Mundo Egeu e o Levante. Essa lacuna pode ser explicada pela distância geográfica da Grécia Micênica com o Oriente Próximo, em contraposição com a proximidade à Anatólia hitita. Além do mais, em períodos posteriores, a Grécia possuiu pólis, como a Jônica, espalhadas pela região anatólica, implicando um notório contato entre as duas regiões.

É partindo desta perspectiva que identificamos a viabilidade de Ahhiyawa corresponder aos gregos micênicos, em consonância com a bibliografia apresentada no decorrer da pesquisa. Os próprios gregos arcaicos fizeram, por meio da épica, vínculos com o passado anterior micênico, trazendo uma justificativa identitária para diferenciá-los de outros povos. Além do mais, a guerra e a presença constante de desavenças entre gregos e hititas constituíram uma parte do argumento para afirmar a importância e expressividade do reino de Ahhiyawa. Portanto, a guerra possuía um local de destaque ao ser uma constante possibilidade moldando a forma com que as negociações diplomáticas se estabeleciam.

Para tanto, foi objetivado destacar na documentação a presença dos momentos de conflituosidade e amistosidade para entender o teor das relações políticas entre hititas e gregos. Foi sob esse viés que fizemos um recorte, apresentando seis cartas diplomáticas, contextualizando-as e trazendo da bibliografia suas problemáticas. Além disso, evidenciamos o cenário da Idade do Bronze e suas especificidades, buscando no contexto o alicerce para compreender o objeto da pesquisa.

Fizemos as discussões tendo como fundamentação teórica as perspectivas históricas conectada e integrada. De forma a considerar esses contatos como significativos para a manutenção do balanço de poder entre os impérios, podendo

causar desequilíbrios sistêmicos. Para isso, buscamos compreender as comunidades e impérios do Bronze Antigo, especialmente aqueles que corresponderam mais aproximadamente à problemática da posição de Ahhiyawa no sistema. Também consideramos as discussões sobre a transposição do conceito de sistema-mundo, como uma reflexão necessária para compreender o sistema político econômico de sociedades pré-modernas em suas dinâmicas próprias. Outro tema indispensável foi sobre o suporte diplomático e comunicativo a qual os impérios eram dependentes, essa lógica propiciou que o sistema tivesse uma organização interna internacionalizada.

Através dos documentos, pudemos investigar as relações entre Hattuša, ao centro da Anatólia; Arzawa e Mira, ao leste; e Ahhiyawa, especificamente nas partes “ocidentais”, em Wilusa e Millawanda a oeste. Prevaecem nos textos hititas relatos de vitórias hititas sobre demais territórios inimigos, sendo possível, através destes, identificar elementos de transgressão e resistência. Nesse contexto, podemos também compreender um cenário mais amplo de estruturas de poder entre os Impérios da Idade do Bronze. Além de serem precedidos pela materialidade e suas estruturas, ou seja, pelo funcionamento de uma comunicação entre os reis que intersecta a dimensão imaterial da comunicação e sua difusão material.

Neste cenário, apontamos que Ahhiyawa foi uma unidade política expressiva e importante politicamente para o mundo do Mediterrâneo Oriental. A correspondência de cidades como Milawanda, com Miletos e, Wilusa, com Troia, corroboram para a hipótese da teoria grega, que coloca Ahhiyawa como o espaço dos gregos micênicos. Não apenas isso, como a ênfase na narrativa épica homérica veio como uma tentativa dos gregos em fazerem relações com o seu passado longínquo. Esse passado foi representado de forma imponente, com a guerra no momento de sua centralidade. Além disso, nos textos hititas vemos que Ahhiyawa era uma região independente política e economicamente do Império Hitita. As menções evidenciadas mostram a participação ativa de Ahhiyawa em insurreições anti-hititas. Os reis, nas cartas, buscam resolver de forma diplomática os entraves com Ahhiyawa. Isso significa que Ahhiyawa possuiu uma posição significativa e importante dentro do sistema internacional da Idade do Bronze, merecendo destaques e mais aprofundamentos.

BIBLIOGRAFIA

Fontes Textuais

BECKMAN, Gary; BRYCE, Trevor; CLINE, Eric. **The Ahhiyawa Texts**. Brill, 2012.

HOFFNER, Harry A. **Letters from the Hittite kingdom**. Society of Biblical Lit, 2009.

Referências Bibliográficas

ABU-LUGHOD, Janet L. **Before European hegemony: the world system AD 1250-1350**. Oxford University Press, USA, 1991.

ATILA, Cenker. The Ahhiyawa Question: Reconsidered. **Bellefen**, v. 85, n. 303, p. 333-360, 2021.

ANDRÉ, Alessandra. Experiências monárquicas no Mundo Grego: os casos micênico e homérico. **Romanitas**-Revista de Estudos Grecolatinos, n. 10, p. 155-169, 2017.

BRYCE, T. R. **The Kingdom of Ahhiyawa**: a Hittite perspective. Forum Article, 2018, 191-230.

BRYCE, T. R. A reinterpretation of the Milawata letter in the light of the new join piece. **Anatolian Studies**, Volume 35, 1985, p. 13-23.

BRYCE, T. R. **Letters from the Great Kings of the Ancient Near East**: The royal correspondence of the Late Bronze Age. Routledge, 2003.

BACHVAROVA, Mary R. **From Hittite to Homer: The Anatolian Background of Ancient Greek Epic**. Cambridge University Press, 2016.

BRITANNICA. The Editors of Encyclopaedia. "Kaska." **Encyclopedia Britannica**, Dezembro 13, 2017. In: <https://www.britannica.com/topic/Kaska-ancient-Anatolian-people>.

BRITANNICA. The Editors of Encyclopaedia. "Christian Jürgensen Thomsen." **Encyclopedia Britannica**, Maio 17, 2022. In: <https://www.britannica.com/biography/Christian-Jurgensen-Thomsen>.

BERG, Ina. The southern Aegean system. *Journal of World-Systems Research*, p. 474-485, 1999.

BRYCE, T. R. **The Kingdom of the Hittites**. Oxford, 2005.

BACHVAROVA, Mary R. **From Hittite to Homer: The Anatolian Background of Ancient Greek Epic**. Cambridge University Press, 2016.

BRITANNICA. The Editors of Encyclopaedia. "Christian Jürgensen Thomsen." Encyclopedia Britannica, Maio 17, 2022. In: <https://www.britannica.com/biography/Christian-Jurgensen-Thomsen>.

CROSSLEY, Pamela Kyle. **O que é história global?**. Editora Vozes Limitada, 2015.
CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. **Sociedades do antigo oriente próximo**. Ática, 1986.

CONRAD, Sebastian. **What is global history?**. Princeton University Press, 2016.

COLLINS, Billie Jean. **The Hittites and their world**. Society of Biblical Lit, 2012.

CHILDE, Vere Gordon. The Bronze Age. **Past & Present**, n. 12, p. 2-15, 1957.

CLINE, Eric H. **1177 BC: The year civilization collapsed**. In: **1177 BC: The Year Civilization Collapsed**. Princeton University Press, 2014.

DETIENNE, Marcel & SISSA, Giulia. **A Vida Quotidiana dos Deuses Gregos**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

DOBB, Maurice Herbert. **A evolução do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

DE SOUSA, Renata Cardoso. **Construindo Identidades: Comparação dos discursos étnicos helênicos entre a epopeia e a tragédia (séculos VIII e V a.C)**. RJ, 2019.

DE SOUZA, Felipe Alexandre Silva. Conexões e integração: algumas considerações sobre o paradigma da História Global. *Dia-Logos: Revista Discente da Pós-Graduação em História*, v. 14, n. 2, 2020.

DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. **O Egito antigo**. EDIPUCRS, 2010.

DULARIDZE, Tea et al. Information Exchange and Relations between Ahhiyawa and the Hittite Empire. **Studia Iuridica**, n. 80, p. 89-97, 2019.

DEGAN, Alex; JUNIOR, Lindener Pareto. História global, histórias conectadas: debates contemporâneos. **Esboços: histórias em contextos globais**, v. 26, n. 42, p. 229-233, 2019. P. 229.

DICKINSON, O. **The aegean from Bronze Age to Iron Age**. Continuity and change between the twelfth and eighth centuries bc. Routledge, 2006.

FERREIRA, José Ribeiro. **A Grécia antiga**. Lisboa: Edições, 1992.

FINLEY, Moses Israel. **Aspectos da Antigüidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
FINLEY, M. I. Domínio, família e comunidade. In: FINLEY, M. I. **O Mundo de Ulisses**. Lisboa: Presença, 1982.

FIELDS, Nic. **Mycenaean citadels c. 1350-1200 BC**. Osprey Publishing, 2004.

GUTERBOCK, Hans G. The Hittites and the Aegean world: part 1. The Ahhiyawa problem reconsidered. **American Journal of Archaeology New York, NY**, v. 87, n. 2, p. 133-138, 1983.

GRALHA, Júlio. Kadesh: Guerra, Paz e Legitimidade no Reinado de Ramsés II. In: VARGAS, A., CERQUEIRA, F., GONÇALVES, A., NOBRE, C., SILVA, G. *Guerra e Paz no Mundo Antigo*. Rio Grande do Sul: **Laboratório de Antropologia e Arqueologia/UFPEL**, 2007.

GLASSMAN, Ronald M. **The origins of democracy in tribes, city-states and nation-states**. Springer, 2017.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Uma morfologia da História: as formas da História Antiga. **Politeia-História e Sociedade**, v. 3, n. 1, 2003.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Ordem, integração e fronteiras no Império Romano: um ensaio. **Mare nostrum**, v. 1, n. 1, p. 113-127, 2010.

GUARINELLO, Norberto Luiz et al. **Fronteiras mediterrânicas Estudos em comemoração dos 10 anos do LEIR-MA/USP**. Porto Alegre: Editora Fi, 2019.

HARTOG, François. Experiências do tempo: da história universal à história global?. 2013.

HOOKER, James T. **Linear B: an introduction**. Bristol Classical Press, 1980.

HOFFNER, Harry A.; BECKMAN, Gary M. **Hittite myths**. Scholars Press, 1998.

HERÔDOTOS. História. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1988.

HODOS, Tamar. Interações coloniais no Mediterrâneo global da Idade do Ferro. Esboços: histórias em contextos globais, v. 26, n. 43, p. 597-635, 2019.

KELDER. Ahhiyawa and the world of the great kings: a re-evaluation of mycenaean political structures. *Talanta XLIV*, 2012, p. 41-52.

KELDER, J. M. The chariots of Ahhiyawa. *Dacia, Revue d'archéologie et d'histoire ancienne*, 2005.

KOCKA, Jürgen. Global history: opportunities, dangers, recent trends. **Culture & History Digital Journal**, v. 1, n. 1, p. 002, 2012.

KNODELL, Alex R. Networks, Bronze Age and Iron Age. **The Encyclopedia of Ancient History**, p. 1-2, 2013.

KOHL, Philip. The ancient economy, transferable technologies and the Bronze Age world-system: a view from the northeastern frontier of the Ancient Near East. **Centre and periphery in the ancient world**, p. 13-24, 1987.

KAWAMINAMI, André Shinity. A dualidade da representação de Ramsés II e dos hititas na Estela de Casamento: A relação do Egito com o reino de Hatti no século XIII aC. **Epígrafe**, v. 7, n. 7, p. 161-186, 2019.

IZRE'EL, Shlomo. Canaano-Akkadian: some methodological requisites for the study of the Amarna letters from Canaan. **the Footsteps of the Hyksos**, p. 1-48, 2007.

LEFÈVRE, F. O mundo grego no tempo de Homero e Hesíodo. In: LEFÈVRE, F. **História do Mundo Grego Antigo**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

LIMA, Henrique E. O global e seus paradoxos: a construção imaginada de um campo historiográfico. **Esboços: histórias em contextos globais**, v. 26, n. 43, p. 486-500, 2019.

LIVERANI, Mario. Antigo Oriente. **História, Sociedade e Economia**. Trad. IE Rocha. São Paulo: EDUSP, 2016.

MORALES, Fábio Augusto; SILVA, Uiran Gebara da. História Antiga e História Global: afluentes e confluências. **Revista Brasileira de História**, v. 40, n. 83, p. 125-150, 2020.

MOREU, Carlos J. **Alaksandu of Wilusa and the Prince Alexandros of Troy**. Academia.edu, 2022.

MOUNTJOY, Penelope A. The east Aegean-west Anatolian interface in the Late Bronze Age: Mycenaeans and the kingdom of Ahhiyawa. **Anatolian Studies**, v. 48, p. 33-68, 1998.

MONZANI, Juliana Caldeira. **A administração micênica em Creta**. Um estudo dos vasos com inscrição em Linear B. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

MONZANI, Juliana Caldeira. O sistema administrativo micênico a partir dos documentos em Linear B. **Heródoto: Revista do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Antiguidade Clássica e suas Conexões Afro-asiáticas**, v. 5, n. 1, p. 43-59, 2020.

MORAN, William L. **The amarna letters**. Johns Hopkins University Press, 1992.

MAZLISH, Bruce. Comparing global history to world history. **The Journal of Interdisciplinary History**, v. 28, n. 3, p. 385-395, 1998.

MARQUESE, Rafael; PIMENTA, João Paulo. Tradições de história global na América Latina e no Caribe. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, v. 8, n. 17, 2015.

MONTANELLI, I. História dos Gregos. Lisboa: Setenta, 2003.

MOREU, Carlos J. **Alaksandu of Wilusa and the Prince Alexandros of Troy**.

MYNÁŘOVÁ, Jana. **Language of Amarna-Language of diplomacy: perspectives on the Amarna Letters**. Czech Institute of Egyptology, 2007.

PETIT, Paul. **O mundo antigo**. Lisboa: Edições Ática, 1976.

PEREIRA, M. H. R. Estudos de História da Cultura Clássica. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2012. Volume I: Cultura Grega.

PELLINI, José Roberto. Reciprocidade e redistribuição no Egito Antigo durante o Novo Império. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, v. 12, 2002.

POZZER, Katia Maria Paim. O banquete do rei e a política nos tempos de paz. In: **Guerra e paz no mundo antigo**. Pelotas: Instituto de Memória e Patrimônio, p. 139-152, 2007.

RICOEUR, Paul. Historia y memoria. **La escritura de la historia y la representación del pasado. Historizar el pasado vivo en América Latina**. Santiago de Chile, 2007.

ROCHA, Alexandre Luis Moreli. O Global como nova era da História. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, v. 8, n. 18, 2015.

RATNAGAR, Shereen. The Bronze Age: unique instance of a preindustrial world system?. **Current Anthropology**, v. 42, n. 3, p. 351-379, 2001.

RUTHERFORD, Ian. **Hittite texts and Greek religion: contact, interaction, and comparison**. Oxford University Press, 2020.

REDE, Marcelo. **A mesopotâmia**. Editora Saraiva, 2001.

ROMILLY, J. O mundo épico e a História. In: ROMILLY, J. Homero: introdução aos poemas homéricos. Lisboa: Setenta, 2001. pp. 25-38.

SANTOS JÚNIOR, João Júlio Gomes dos; SOCHACZEWSKI, Monique. História global: um empreendimento intelectual em curso. **Tempo**, v. 23, n. 3, p. 483-502, 2017.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. Em busca das origens da História Global: aula inaugural proferida no Collège de France em 28 de novembro de 2013. **Estudos Históricos (Rio de Janeiro)**, v. 30, n. 60, p. 219-240, 2017.

SILVEIRA, Aline Dias da. História Global da Idade Média: Estudos e propostas epistemológicas. **Roda da Fortuna**. Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo, 2019, Volume 8, Número 2, pp. 210-236.

SCOVILLE, Priscila. Queremos nos amar como irmãos: Uma análise historiográfica das cartas de Amarna e das relações entre Egito e Mitani entre c. 1390-1336 AEC. 2017.

SCOVILLE, Priscila Cristina Nascimento Lopez de. **As cartas vão dizer: as relações interterritoriais na era de Amarna.** Tese de doutorado. Porto Alegre, 2022.

SHELMERDINE, Cynthia W. 3 **Mycenaean palatial administration.** In: Ancient Greece. Edinburgh University Press, 2022.

VIEIRA NETO, I. A Ilíada de Homero e as raízes do helenismo. SANTOS, DVC Grandes epopeias da antiguidade e do medievo. Blumenau: Edifurb, p. 109-129, 2014.

VLASSOPOULOS, Kostas. **Greeks and Barbarians.** Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

VAN DE MIEROOP, Marc. **A history of the ancient Near East, ca. 3000-323 BC.** John Wiley & Sons, 2015.

VIDAL-NAQUET, Pierre. O Mundo de Homero, 1ª edição, editora Cia das Letras, 2002. São Paulo, SP.

VAN DIJK, Jacobus. The Amarna Period and the Later New Kingdom (c. 1352-1069 BC). In: **The Oxford history of ancient Egypt.** Oxford University Press, 2000. p. 272-313.

WALLERSTEIN, Immanuel. **World-systems analysis: An introduction.** duke university Press, 2020.

WEEDEN, Mark. Hittite-Ahhiyawan Politics as seen from the Tablets: A Reaction to Trevor Bryce's Article from a Hittitological Perspective. **Studi Micenei ed Egeo-Anatolici Nuova Serie**, v. 4, p. 217-227, 2019.

WAAL, Willemijn. My brother, a Great King, my peer. Evidence for a Mycenaean Kingdom from Hittite texts. **From Lugal. Gal to Wanax. Kingship and political organisation in the Late Bronze Age Aegean**, editado por Jarrit Kelder y Willemijn Waal, p. 9-29, 2019.

YAKUBOVICH, Ilya. Adanawa or Ahhiyawa? Reply to the addendum by JD Hawkins. **Anatolian Studies**, v. 65, p. 56-58, 2015.

ZANON, Camila Aline. Homero: qual cultura? Que sociedade?. Romanitas, Revista de Estudos Grecolatinos, n. 2, p. 174-196, 2013.